

ALVANIRA LUCIA DE BARROS

**METÁFORAS CONCEPTUAIS ATUALIZADAS PELO VERBO *BATER*
NO CONTEXTO DISCURSIVO
DAS CONSTRUÇÕES LEXICAIS COMPLEXAS**

Tese apresentada como requisito à
obtenção do grau de Doutora ao Curso
de Doutorado em Letras, Centro de
Ciências Humanas Letras e Artes-
UFPB.

Orientadora: ELIANE FERRAZ ALVES

**JOÃO PESSOA – PB
2009**

B277m Barros, Alvanira Lúcia de.
Metáforas conceptuais atualizadas pelo verbo bater no
contexto discursivo das construções lexicais complexas /
Alvanira Lúcia de Barros.- João Pessoa, 2009.
142f. : il.
Orientadora: Eliane Ferraz Alves
Tese (Doutorado) – UFPB/PPGL
1. Linguística. 2. Língua Portuguesa. 3. Verbo bater. 4.
Construções Lexicais Complexas. 5. Metáfora.

UFPB/BC

CDU: 801(043)

ALVANIRA LUCIA DE BARROS

**METÁFORAS CONCEPTUAIS ATUALIZADAS PELO VERBO *BATER*
NO CONTEXTO DISCURSIVO
DAS CONSTRUÇÕES LEXICAIS COMPLEXAS**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba, em cumprimento às exigências para a obtenção do título de Doutora em Língua Portuguesa e Linguística, na Área de Fenômenos Linguísticos: Variação e Mudança.

Orientadora Prof^a. Dr^a. Eliane Ferraz Alves

**João Pessoa – PB
2009**

ALVANIRA LUCIA DE BARROS

**METÁFORAS CONCEPTUAIS ATUALIZADAS PELO VERBO *BATER*
NO CONTEXTO DISCURSIVO
DAS CONSTRUÇÕES LEXICAIS COMPLEXAS**

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Eliane Ferraz Alves – UFPB
Orientadora

Prof^a. Dr^a. Marluce Pereira da Silva – UFRN
Membro

Prof^o. Dr. Onireves Monteiro de Castro – UFCG
Membro

Prof^a. Dr^a. Lucienne Claudete Espíndola – UFPB
Membro

Prof^a. Dr^a. Maria Elizabeth Affonso Christiano – UFPB
Membro

SUPLENTES

Prof^a. Dr^a. Leilane Ramos da Silva – UFS

Prof^a. Dr^a. Maria das Graças Carvalho Ribeiro – UFPB

Aprovada em: ____/____/____

Dedico

A minha mãe, Terezinha Marques de Medeiros (*in memoriam*). Os teus sonhos em vão se perderam na falta de um tempo melhor. Tuas palavras, teus sonhos nutrem meu olhar.

A minha filhinha Ana Clara, que a cada dia descobre a magia das letras no encantado universo das palavras, “mamão, mamãe, melão”, “jacaré, cabaré é tudo a mesma coisa”, meu amor maior.

AGRADECIMENTOS

Os trabalhos que concentram a dimensão do esforço desenvolvido no processo de elaboração de uma tese de doutorado representam, principalmente, a dedicação e a coragem de seus autores. Significam também um exercício paciente de cooperação construtiva no qual são muitos os envolvidos. Nesse mister, este texto perpassa as contribuições diretas e indiretas recepcionadas dos muitos e variados personagens que cruzaram meu caminho durante as jornadas cotidianas de labuta acadêmica.

Agradeço, inicialmente, à Professora Doutora Eliane Ferraz Alves, exemplo de pessoa humana, intelectual, e de bravura em função das circunstâncias incentivadoras iniciais com que me amparou, proporcionando-me uma visão mais ampla do fenômeno das CLCs, influência concriadora à qual atribuo os melhores momentos deste trabalho.

Ao Professor Doutor Dermeval da Hora, pela concessão de apoios incentivadores ao nível da Academia, ora disponibilizando textos, ora incentivando participações em Congressos e acontecimentos afins, carregando para si a corresponsabilidade pela escolha do presente caminho.

À amiga querida e admirável Edilma de Lucena Catanduba, mestra solidária, que nos últimos anos vem acompanhando a minha trajetória acadêmica e compartilhando de ideais e projetos na área educacional.

Às queridas colegas da SEPLAG (PB) Mônica Lima, Verônica Lira, Graça Lopes, Aparecida Stropp e Ângela da Fonseca, pela sinceridade da amizade sempre presente, e, sobretudo, por exercitarem atitudes impregnadas de apoio e paciência diante de minhas investidas frente à profissão tão distinta daquela exigida para o bom manuseio das contas públicas.

Ao Professor Doutor Waldomiro Cavalcante, pelas sábias palavras acolhedoras e incentivadoras, que permanecem pujantemente presentes em meu cotidiano de discípula.

À Professora Doutora Roselis Batista Ralle, exemplo internacional de pessoa apaixonada por conhecimento, pelos diálogos calorosos e recheados de ensinamentos sobre a Academia e a Vida.

Agradeço ainda ao grande companheiro, incentivador e mestre Carlos Barbosa CBS de Sousa, que se habilitou ao papel de interlocutor crítico do meu trabalho, mantendo e exercitando comigo discussões que *batem*, desde as mais amenas às mais profundas, à moda de Rocha Lima e Antenor Nascentes, seus mestres do emérito Colégio Pedro II – Internato do Rio de Janeiro (RJ).

No âmbito institucional, meus agradecimentos dirigem-se: ao Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPB, pela cooperação. Ao CNPq, pela concessão da bolsa de Doutorado que possibilitou a conclusão desta tese. Às professoras Doutoras Elisalva Madruga e Liane Schneider pelo elegante e despojado acolhimento. À Rosilene Marafon, secretária do Curso de Pós-Graduação em Letras, pela eficiência, além do discernimento que demonstra na resolução dos problemas que lhe apresentamos.

Finalmente, o meu agradecimento a todos aqueles que, mesmo não estando aqui citados, contribuíram das formas as mais diversas, tornando possível a finalização deste estudo.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – P. MACHADO – Dicionário etimológico da Língua Portuguesa (1952?)	72
Quadro 2 – SARAIVA – Dicionário Latino Português (2000)	73
Quadro 3a – BORBA <i>et. al</i> – Dicionário Gramatical de Verbos (1990, p. 213-214)	73
Quadro 3b – BORBA <i>et. al</i> – Dicionário Gramatical de Verbos (1990, p. 213-214)	74
Quadro 3c – BORBA <i>et. al</i> – Dicionário Gramatical de Verbos (1990, p. 213-214)	74
Quadro 3d – BORBA <i>et. al</i> – Dicionário Gramatical de Verbos (1990, p. 213-214)	75
Quadro 3e – BORBA <i>et. al</i> – Dicionário Gramatical de Verbos (1990, p. 213-214)	75
Quadro 4 – NEVES – Guia de usos do Português – (2003)	76
Quadro 5 – HOUAISS – Dicionário de Língua Portuguesa (2001)	77
Quadro 6 – AURÉLIO – Novo Dicionário (2004)	78
Quadro 7 – Representação semântica de <i>bater</i>	80
Quadro 8 – Total de artigos com ocorrências do verbo <i>bater</i> e número de atualizações coletadas	98
Quadro 9a – Usos de <i>bater</i> em diversos contextos/movimento	111
Quadro 9b – Usos de <i>bater</i> em diversos contextos/movimento	112
Quadro 10 – Construções linguísticas que atualizam metáforas	120
Quadro 11 – Construções linguísticas que atualizam metáforas	123
Quadro 12 – Construções linguísticas que atualizam metáforas	125
Quadro 13 – Construções linguísticas que atualizam metáforas	126
Quadro 14 – Recortes do contexto esportivo	127

RESUMO

ÁREA DE CONCENTRAÇÃO

Fenômenos Linguísticos: Variação e Mudança

Nível

Tese de Doutorado

Este estudo busca refletir sobre a descrição do verbo *bater*, sob o enfoque dos aspectos sintático-semântico-pragmáticos. Nossa proposta é mostrar uma trajetória que parte do sentido mais concreto para o mais abstrato, considerando os contextos em que o verbo se insere e as funções por ele desempenhadas na sua forma mais abstrata. Nesse sentido, tentaremos responder às seguintes questões: 1. Quais as relações sintático-semântico-pragmáticas relativas ao uso de construções com o verbo *bater*? 2. Qual a relação entre as Construções Lexicais Complexas e a metáfora, e como estabelecer uma tipologia para identificá-las, considerando seus supostos correlatos literais? 3. Como correlacionar metáfora *vs* protótipo? Para tratar do fenômeno da metáfora abordado neste estudo, adotamos a linguística cognitiva de base experiencialista de Lakoff e Johnson (2002, p. 68), pela interface que essa área de estudo estabelece com a linguística funcional. Lakoff e Johnson (2002) introduziram uma importante contribuição para o redirecionamento dos estudos linguísticos, ao constatarem que grande parte dos enunciados da linguagem cotidiana são metafóricos. Afirmam que “Os processos do pensamento são em grande parte metafóricos”. (LAKOFF e JOHNSON, 2002, p. 48) Partimos do ponto de vista de que é preciso considerar uma postura

metodológica que incorpore o homem como produtor de discursos significativos. Sendo assim, acreditamos que compreender as relações sintático-semântico-pragmáticas que estão por trás do verbo, implica em ver e pensar a língua em uso de forma reflexiva, contribuindo para o processo de construção dinâmico realizado por e entre sujeitos falantes inseridos em contextos socioculturais. A discussão centrada no foco gramatical, apesar de recorrente, ainda deixa dúvidas e suscita muitos questionamentos, devido às flutuações que se apresentam em torno das funções linguísticas, por exemplo, nos usos de *bater*, um verbo de ação cuja característica é sempre um aspecto de atividade atrelado ao sujeito, portanto, um verbo que compõe uma frase ativa que indica um fazer por parte do sujeito. Entretanto, observamos que há ocasiões em que ele se realiza com o auxílio de um nome, cujo resultado dessa conjunção revela outros sentidos. São os usos em que o sentido é específico com a forma verbal *bater* mais um nome, como em *bater-boca*, *bater com a língua nos dentes*, *bater de frente*, entre outros. Esses usos polissêmicos foram investigados no *corpus* Folha de S. Paulo, referentes aos anos de 1998, 1999, 2007 e 2008. Tais usos apresentam uma forma comum que denominamos de Construções Lexicais Complexas com o verbo *bater*. Nosso objetivo é contribuir para o movimento interdisciplinar da Teoria Funcionalista com a Teoria Conceptual da Metáfora.

Palavras-chave: Verbo bater. Construções Lexicais Complexas. Metáfora.

ABSTRACT

AREA OF CONCENTRATION

Linguistic Phenomenon: Variation and Change

Level

Doctoral Thesis

This study aims at reflecting on the description of the verb **bater**, under the approach of the pragmatic-semantic-syntactic aspects. Our proposition is to show a trajectory which starts from the most concrete to the most abstract, considering the contexts into which the verb is inserted and the functions performed by it in its most abstract form. In this sense, the following questions will be answered: 1. Which are the pragmatic-semantic-syntactic relations related to the use of the constructions with the verb *bater*? 2. Which is the relation between the Complex Lexical Constructions and the metaphor, and how to establish a typology to identify them, considering their supposed literal correlates? 3. How to correlate metaphor *vs* prototype? In order to treat the phenomenon of the metaphor dealt with in this study, it was adopted the cognitive linguistics of experiential base of Lakoff and Johnson (1980-2002, p. 68), through the interface that this area of study establishes with functional linguistics. Lakoff and Johnson (2002) introduced an important contribution to a new direction of the linguistic studies, when finding that a large part of the statements of everyday language are metaphorical. They affirm that “The processes of thought are largely metaphorical”. (LAKOFF and JOHNSON, 2002, p. 48). We start from the point of view that it is necessary to consider a methodological posture that might include man as a producer of

meaningful speeches. Thus, we believe that understanding the pragmatic-semantic-syntactic relations which are behind the verb, implies seeing and thinking the language in use in a reflexive way, contributing to the process of dynamic construction carried out by and among speakers inserted in social-cultural contexts. The discussion centered on the grammatical focus, though recurrent, still leaves doubts and raises a lot of questioning, due to fluctuations which are presented about the linguistic functions: for example, in the uses of the verb **bater**, an action verb whose characteristic is always an aspect of activity attached to the subject and, thus, is a verb which comprises an active sentence indicating something performed by part of the subject. However, we notice that there are times when it is performed with the help of a noun, whose result of this conjunction reveals other meanings. They are the uses in which the sense is specific with the verbal form **bater** plus a noun like in **bater-boca**, **bater com a língua nos dentes**, **bater de frente**, among others. These polysemic uses were investigated in the Folha de S. Paulo *corpus*, referring to the years 1998, 1999, 2007 and 2008. Such uses present a common form called Complex Lexical Constructions with the verb **bater**. Our objective was to contribute to the interdisciplinary movement of the Functionalist Theory with the Metaphor Conceptual Theory.

Keywords: Verb **bater**. Complex Lexical Constructions. Metaphor.

SUMÁRIO

LISTA DE QUADROS

RESUMO

ABSTRACT

1 INTRODUÇÃO	14
2 UM <i>BATE</i>-PAPO SOBRE A TEORIA	21
2.1 SOBRE A LINGUAGEM	21
2.2 A LINGUISTICA FUNCIONAL	29
2.2.1 O princípio da iconicidade	33
2.2.2 Processos linguísticos ligados ao verbo bater: gramática(lização)	38
2.3 A SEMÂNTICA COGNITIVA	41
2.3.1 <i>Bater</i> – verbo de movimento	46
2.3.2 A metonímia	49
2.3.3 <i>Batendo</i> no processo de metaforização: do paradigma clássico às teorias linguísticas atuais	51
2.3.4 Metáfora conceptual <i>vs</i> subcategorização	66
3 SOBRE OS SIGNIFICADOS DO VERBO <i>BATER</i>	71
3.1 A TRADIÇÃO LITERÁRIA	71
3.2 OUTROS CONTEXTOS DE USOS DE <i>BATER</i> : FRASEOLOGISMOS, CLC(B)s	80
4 <i>BATENDO</i> NAS CONSTRUÇÕES LEXICAIS COMPLEXAS	83
4.1 A COCOMPOSICIONALIDADE NAS CLC(B)s	90
4.1.1 Processos metafóricos e metonímicos nas CLC(B)s	
5 PROCEDIMENTOS DA METODOLOGIA	94
5.1 FASES DA PESQUISA	94
5.1.1 Definição do <i>corpus</i>	95

	13
5.1.2 A Amostra	98
6 <i>BATENDO O OLHO NO VERBO OU CATEGORIZANDO BATER?</i>	100
6.1 SOBRE A CATEGORIZAÇÃO	100
6.1.1 Batendo com a categorização nas CLC(B)s	102
7 <i>BATENDO NA ANÁLISE E DISCUSSÃO DAS CLC(B)S</i>	117
7.1 <i>BATENDO EM VÔ BATÊ PÁ TÚ</i>	117
7.1.1 Sobre as atualizações linguístico-discursivas	118
7.1.2 Discussão dos resultados	127
CONCLUSÃO	131
REFERÊNCIAS	134

1 INTRODUÇÃO

A linguagem, fenômeno fundamental para a comunicação humana, bem como sua relação com a sociedade, tem sido objeto de discussões calorosas sob as mais diversas perspectivas, desde os tempos remotos. Tais polêmicas podem ser observadas no campo da poesia, na religião, na filosofia etc., como enfatiza Umberto Eco no livro “A busca pela língua perfeita” (1993-2001). Em função dessas discussões, podem ser constatados inúmeros fatos que revelam a tensão com que homens de diferentes épocas, encararam-na. Entretanto, somente após o surgimento da linguística, as manifestações da curiosidade humana sobre o assunto tomaram a forma de ciência, com objeto e métodos próprios.

Nessa perspectiva, em relação ao ensino, Neves (1990) destaca que o ensino da gramática tradicional conflita com o real estudo das funções dos termos, se consideradas teoricamente, na medida em que não há sentido para tanta ênfase em reconhecer suas formas e seus conceitos, quando o ensino visa o entendimento de uso da língua. Desse modo, ao desconsiderarmos o papel funcional dos itens linguísticos, estamos negligenciando o funcionamento efetivo da língua, enquanto prática efetiva da sociedade.

Na literatura especializada encontramos inúmeros trabalhos, desenvolvidos na área da linguística aplicada, que descrevem e explicam alguns fenômenos que norteiam os usos da língua e seu funcionamento.

Ribeiro (2006) analisa as estruturas nominais terminadas em *-mente*. A tese da citada autora fundamenta-se em uma concepção sociointeracionista da linguagem em funcionamento, defendendo a construção de sentido local para essas estruturas comumente conhecidas como advérbios. Assim, em exemplos como “... pode ter sido no mesmo dia como pode ter sido no seguinte **sinceramente** não sei (...) então **exatamente** eu devo ter conversado mais quatro cinco minutos para encerrar aquela conversa e saí **imediatamente** em direção à sala do Senador

Antônio Carlos (...) **sinceramente**(...)", os termos **sinceramente** e **exatamente** são utilizados para dar uma orientação argumentativa a seu enunciado em favor de sua argumentação teórica.

Outro estudo bastante elucidativo e completo na área de Semântica Lexical é desenvolvido por Silva (1999), sobre a semântica do verbo *deixar*. Trata-se de trabalho inserido no quadro interdisciplinar da Linguística Cognitiva e da Sociolinguística, no qual o autor apresenta uma análise descritiva e teórica dos seus usos linguísticos.

Na linha de significação dos verbos que se enquadram nos processos de construção de significados temos **bater, dar, fazer, levar, passar, ter, e tomar**, entre outros. Estes verbos, quando inseridos em contextos de verbo + nome, em sua maioria, em determinadas situações linguísticas, perdem sua função lexical plena e adquirem funções mais gramaticais, como nas construções com ***bater***: ***bater martelo, bater o terço, bater asas, bater-boca, bater com a língua nos dentes*** etc.

Tais usos polissêmicos apresentam uma forma comum, de *verbo + nome, ou variações*, denominadas de Construções Lexicais Complexas, utilizando-nos de um conceito usado por Alves (1998). Em nossa pesquisa, tais construções são denominadas de Construções Lexicais Complexas com o verbo ***bater*** - CLC(B)s.

Alves (1998, 2008, 2009), no estudo das Construções Lexicais Complexas com o verbo *levar*, explica que ocorre uma transposição de sentido com base na metonímia, através da qual *levar* sofre um processo de reorganização sintática estabelecida pela contiguidade, pela proximidade dos elementos, como em: "...a lição que eu dei nele, né? Parece que ele ***levou aquilo na cabeça*** aí num brigou mais, não bebeu mais" (ALVES, 1998, p. 156).

Nos usos de ***bater***, na acepção verbo de ação, onde se evidencia um aspecto de atividade atrelada ao sujeito, o termo sofre alterações sintático-semântico-pragmáticas quando se insere nas construções lexicais complexas.

Essa flutuação semântica encontra-se à deriva dos estudos tradicionais, os quais persistem numa limitação em torno do modelo apresentado pelos compêndios gramaticais que omitem os reais e mais explorados usos praticados pelos falantes, como antes assinalado.

Nessa perspectiva, quando estamos diante de construções atualizadas por *bater*, em novos contextos sinalizadores de funções diferentes das tradicionalmente conhecidas, surgem dificuldades para descrever o seu funcionamento, em virtude do leque de possibilidades semânticas apontadas pelo verbo. A flutuação semântica do verbo aponta para um possível processo gradual de mudanças, estando na metáfora o cerne do distanciamento entre os seus sentidos concreto e abstrato.

Inicialmente, cabe apresentar o conceito de metáfora como um processo de transferência semântica no qual usamos uma forma ou construção para apresentar um significado intimamente relacionado com o significado a que outrora vinha sendo relacionado.

Para Lakoff e Johnson (2002, p. 45), a metáfora está infiltrada na vida cotidiana, não somente na linguagem, mas também no pensamento e na ação. Para entendermos melhor esse conceito, são pertinentes aqui as palavras dos autores:

Os conceitos que governam nosso pensamento não são meras questões de intelecto. Eles governam também a nossa atividade cotidiana até nos detalhes mais triviais. Eles estruturam o que percebemos, a maneira como nos comportamos no mundo e o modo como nos relacionamos com outras pessoas. (LAKKOF e JOHNSON, 2002, p. 45)

Lakoff e Johnson (2002, p. 45) definem a metáfora¹ como “compreender e experienciar uma coisa, em termos de outra”. Os autores acrescentam que a metáfora é um instrumento fundamental do nosso aparato cognitivo, portanto, essencial à compreensão do mundo, da cultura e de nós mesmos. Baseamo-nos, principalmente, nesta concepção de metáfora para compreender as atualizações linguísticas do verbo *bater*.

¹ Maiores detalhes sobre a metáfora encontram-se no Capítulo 4, item 4.1.2.

Esta tese tem como objetivo geral contribuir para a abordagem funcionalista cognitivista de *bater*, perfazendo três frentes complementares. Primeiro, descrever as alterações semântico-sintáticas apresentadas por *bater*, nas condições de uso e da realização discursiva, de uma maneira geral, face às Construções Lexicais Complexas com o dito verbo – CLC(B)s.

Segundo, do ponto de vista metodológico, destacar a interface de uma análise multidisciplinar, com vistas a prover melhores argumentos capazes de influenciar na compreensão deste fenômeno linguístico. Alves (2001, p. 45) corrobora esse tipo de análise, considerando que a abordagem de um fenômeno linguístico não deve se restringir a uma linha de pesquisa fundamentada em universo teórico limitado.

Terceiro, do ponto de vista teórico, evidenciar o alcance da perspectiva funcional e cognitiva das atualizações de *bater* nos contextos de uso.

Como anteriormente anotamos, os dados considerados para a composição do *corpus* constituem textos que apresentam construções elaboradas com o *verbo bater + nome ou variações* – passíveis de metáforas. A fonte dos dados é baseada no *corpus* do jornal Folha de S. Paulo, referente aos anos de 1997/1998, 2007/2008².

A análise que desenvolvemos baseia-se na observação do uso linguístico do verbo *bater*. Para isso, elaboramos um *corpus* composto de 430 realizações contextualizadas desse verbo, em diferentes gêneros, presentes no jornal Folha de S. Paulo. Em paralelo, coletamos registros de *bater* em diferentes dicionários, a partir do latim clássico, estendendo-se ao português contemporâneo. Essa busca, nos dicionários, nos permitiu o acesso a significações já tradicionalmente reconhecidas e registradas.

Faz parte dos objetivos desta tese discutir essas questões, considerando especificamente as Construções Lexicais Complexas com o verbo *bater*. Não se trata de uma análise quantitativa, mas visa, a partir dos dados coletados, interpretar o funcionamento linguístico e semântico de *bater*. Temos consciência, no entanto,

² Maiores detalhes e delimitação do *corpus* ver no Capítulo 5.

de que essa interpretação não é única nem definitiva, mas uma interpretação empírica e teoricamente fundamentada.

Pretendemos mostrar uma trajetória que parta do sentido mais concreto para o mais abstrato, considerando os contextos em que o verbo se insere e as funções por ele desempenhadas na sua forma mais abstrata. Nesse sentido, objetivamos responder às seguintes questões:

1. Quais as relações sintático-semântico-pragmáticas relativas ao uso de construções com o verbo *bater*?
2. Qual a relação entre as Construções Lexicais Complexas e a metáfora, e como estabelecer uma tipologia para identificá-las, e seus supostos correlatos literais?
3. Como correlacionar metáfora *vs* protótipo?

Temos a intenção de apresentar contribuições para o movimento interdisciplinar entre as Teorias Funcionalistas e a Teoria Conceptual da Metáfora, nos termos propostos por Lakoff e Johnson (2002). Do ponto de vista funcional, optamos por uma análise nos termos de Givón (1995) e seus seguidores, cuja concepção geral de língua pauta-se no uso que se faz dela.

Nessa perspectiva, as descrições linguísticas são realizadas nas circunstâncias que envolvem as estruturas em seus contextos específicos de uso. A língua é considerada uma estrutura maleável, sujeita às pressões de uso, e se constitui de um código não completamente arbitrário o que conduz a postular uma correlação idealizada entre forma e função, ou seja, o princípio da iconicidade.

Seguindo essas orientações, entendemos que, em uma investigação dessa natureza, é preciso considerar uma postura teórica metodológica capaz de incorporar o homem na qualidade de produtor de discursos significativos. Nesse sentido, acreditamos também que, ao compreendermos a relação sintático-semântico-pragmática que subjaz a *bater*, estamos vendo e pensando a língua de forma crítica, atitude que contribui para a compreensão dos fenômenos linguísticos

enquanto construção dinâmica que se realiza por e entre sujeitos falantes inseridos em contextos socioculturais.

Assim, a abordagem que adotamos diferencia-se do foco gramatical recorrente nos compêndios de gramática tradicional e pedagógica, visto que este apresenta dúvidas e suscita muitos questionamentos, devido às flutuações que se apresentam em torno das funções linguísticas. Nesta pesquisa não consideramos essa via. A nossa visão volta-se para os usos em contextos os mais diversos, razão porque adotamos uma análise funcionalista e cognitiva.

Calcados no modelo de base funcionalista cognitivista da gramática, os dados da pesquisa são analisados considerando as seguintes hipóteses:

1. O sentido polissêmico que pode ser atribuído ao verbo *bater*, nas Construções Lexicais Complexas, não é determinado pelo verbo, considerado suporte, leve ou veiculador de funções, mas pelo nome ou variações, elementos formadores de CLC(B)s. Ideias desenvolvidas no Capítulo 3 e 4.
2. As Construções Lexicais Complexas constituídas com o verbo *bater* podem ser compreendidas como um processo cocomposicional, pois o sentido veiculado por estas construções depende, de um modo geral, de seus elementos constituintes considerados conjuntamente e não apenas de um somatório. Estas ideias podem ser conferidas no Capítulo 4.
3. Sendo as metáforas partes constitutivas da linguagem, tais metáforas, quando constituem CLC(B)s são atualizadas aos contextos ajustando-se discursivamente às demandas sociais, conforme podemos constatar no Capítulo 7.
4. As CLC(B)s são construções que podem, em alguns casos, serem consideradas metáforas dependentes de contextos específicos, conforme pode ser averiguado no Capítulo 7.

5. As CLC(B)s apresentam uma base cognitiva metafórica fundamentada em correlações sistemáticas encontradas em nossa experiência cotidiana com o campo semântico GUERRA. Ideias desenvolvidas no Capítulo 7.

6. A flutuação semântica do verbo *bater* estabelece relações discursivas de cunho metafórico e, quando constitui CLC(B)s, apresenta variações funcionais diretamente relacionadas às necessidades comunicativas, como se pode averiguar ao longo do texto, mais especificamente nos Capítulos 6 e 7.

Para atender a esses objetivos, nosso trabalho encontra-se estruturado da seguinte forma: o Capítulo 1 compreende a Introdução, na qual situamos o fenômeno linguístico investigado, os objetivos e a explicação das hipóteses. No Capítulo 2, discorremos sobre a teoria, convergindo teoricamente com o funcionalismo nos termos propostos por Halliday (1978, 1985) e Givón (1979, 1985, 1993, 1995), conjugados ao cognitivismo de Lakoff e Johnson (1980-2002). O Capítulo 3 registra uma revisão literária do verbo *bater*. O Capítulo 4 trata das construções lexicais complexas, do processo de cocomposicionalidade, e dos processos linguísticos ligados ao verbo *bater*. O Capítulo 5 aborda os procedimentos da metodologia. O Capítulo 6 trata de questões pertinentes à categorização do verbo *bater*. Por fim, o Capítulo 7 apresenta a análise e as atualizações linguístico-discursivas das CLC(B)s.

2 UM *BATE-PAPO* SOBRE A TEORIA

2.1 SOBRE A LINGUAGEM

Abstraindo questões teóricas mais complexas, podemos compreender a linguagem como algo inerente à condição humana, portanto que lhe é própria, parte necessária ao seu mundo e a sua convivência com os semelhantes.

Nesse sentido, estudiosos como Piaget (1980), Vigotsky (2005), Pinker (1994), Chomsky (1965, 2005) e Johnson-Laird (1983) voltam-se para a compreensão dos processos mentais, mais especificamente para aqueles que dizem respeito à inter-relação entre pensamento e linguagem, ou seja, a compreensão dos fenômenos linguísticos que norteiam o raciocínio humano.

Nesta perspectiva, a linguagem é vista como uma forma de ação no mundo integrada às outras capacidades cognitivas. Compreender a linguagem pressupõe entender como os falantes se coordenam para realizar algo conjuntamente, utilizando simultaneamente recursos internos, individuais, cognitivos, sociais e culturais.

Em particular, Chomsky (1965, 2005) considera a faculdade da linguagem decisiva para a vida, para o pensamento e para a interação humana, sendo ela a grande responsável pelo fato de, no mundo biológico, apenas os humanos possuírem história, evolução cultural e uma diversidade muito rica e complexa.

Alguns cognitivistas, como Pinker (1994, p. 10), aproximam-se da visão chomskyana de linguagem como algo inato, ao descreverem-na como uma faculdade psicológica, um órgão mental, um sistema neural ou um módulo computacional, denominando-a de “instinto”, em função da semelhança existente entre o fato de as pessoas saberem falar, assim como as aranhas sabem tecer teias.

Para Pinker (1994), a linguagem se manifesta sem que se perceba sua lógica subjacente, que é qualitativamente a mesma em todo indivíduo e difere de capacidades mais gerais de processamento de informações ou de comportamento inteligente. A linguagem, portanto, é uma habilidade complexa e especializada que se desenvolve espontaneamente na criança, sem qualquer esforço consciente ou instrução formal.

Podemos situar os estudos desenvolvidos para a compreensão dos fenômenos linguísticos sob duas tendências dominantes. A que se denomina de formalismo ocupa-se do percurso psíquico, observando a relação entre linguagem e pensamento, buscando o que é único, universal e constante. A outra tendência, de cunho sociológico, tem como preocupação o percurso social, explorando a relação entre linguagem e sociedade, através de um modelo centrado no múltiplo, no diverso e no variado.

Na linha formalista destacam-se dois grandes representantes: Saussure (1916-1995) e Chomsky (1965-2005). Atribui-se a Saussure (1916-1995), precursor do estruturalismo, a ideia de que a língua é um sistema, isto é, um conjunto de unidades que obedecem a certos princípios de funcionamento, constituindo um todo coerente.

Saussure estabelece as dicotomias básicas da compreensão da língua. Assim sendo, a linguagem tem um lado social, a língua, e um lado individual, a fala, além do método de investigação sincrônico (estudo dos estados da língua) e do diacrônico (estudo da mudança linguística). O autor afirma que a língua é um sistema de signos, sendo o signo o representante da unidade constituinte do sistema linguístico.

Ainda para o autor (op cit), o signo linguístico passa a ser o resultado da associação arbitrária entre significante (imagem acústica) e significado (conceito). O significante não constitui o som material, mas seu correlato psíquico, ou seja, uma estrutura sonora que conhecemos a partir do conhecimento que temos de nossa língua, relacionando-a a um determinado conceito. Por sua vez, o significado

não é o objeto real ao qual a palavra faz referência, e sim um conceito, ou melhor, um elemento de natureza mental. Ambos os termos implicados são psíquicos.

Os dois elementos constitutivos do signo linguístico apresentam entre si uma relação arbitrária ou imotivada. Não há entre eles nenhum lado natural, portanto, no ato da nomeação, a língua não se reduz a mero reflexo da realidade. Essa relação se estabelece internamente ao sistema linguístico, na relação entre um signo e outros signos. Dados como esses contribuem para o argumento de que o signo linguístico é arbitrário. “O significante é imotivado, isto é, arbitrário em relação ao significado, com o qual não tem nenhum laço natural na realidade” (SAUSSURE, 1995, p. 83).

A definição do signo se dá na relação que ele mantém com outros signos. Sua definição é inseparável da definição de língua como sistema de signos. A teoria do valor, desenvolvida por Saussure, possibilita explicar a existência dos signos, onde a língua é um sistema de valores e neste sistema os signos são tomados como parâmetros diferenciais definidos negativamente por suas relações com outros termos do sistema. Enquanto unidades do sistema, os signos têm suas significações submetidas às relações imanentes do próprio sistema, e não à relação com o mundo dos objetos.

Saussure (1995, p. 152) também admite uma arbitrariedade relativa, contanto que possamos recuperar um conceito e uma forma, a partir do signo linguístico. Nesse sentido, “vinte” é imotivado, mas “dezenove” não o é no mesmo grau, porque apresenta uma motivação relativa com “dezena”. A arbitrariedade relativa nos permite compreender as motivações que conduzem, por exemplo, os usos polissêmicos das Construções Lexicais Complexas constituídas com o verbo *bater*. Tais motivações são deduzidas a partir da correlação entre um conceito e sua representação linguística, esta denominada na abordagem funcionalista de princípio da iconicidade.

Os estudos da linguagem sob a perspectiva gerativista iniciaram-se no final da década de 1950, nos Estados Unidos da América, através dos trabalhos do

linguista Noam Chomsky. Sua tese principal constitui-se no fato de que a capacidade humana de falar e entender uma língua deve ser compreendida como o resultado de um dispositivo inato. Trata-se de uma capacidade genética, interna ao organismo humano, compreendida na biologia do cérebro/mente que, como tal, compreende a competência linguística de um falante.

As diversas reformulações introduzidas no gerativismo refletem a preocupação dos pesquisadores dessa corrente em busca da elaboração de um modelo teórico-formal pautado na matemática, capaz de descrever e explicar abstratamente como funciona a linguagem humana. Todo indivíduo age criativamente no uso da linguagem. Esse dispositivo inato para a competência linguística ficou conhecido como faculdade da linguagem.

Sendo o empreendimento gerativo constituído por um modelo teórico, cujo principal objetivo é escrever e explicar a natureza e o funcionamento da faculdade da linguagem, as línguas deixam de ser interpretadas como um comportamento socialmente condicionado e passam a ser analisadas como faculdade mental natural, constituindo um sistema de conhecimento autônomo. Em suas análises, o modelo privilegia a busca de aspectos linguísticos universais em detrimento das questões sociais e interativas que caracterizam o uso real da língua em situações de comunicação.

Dentre os dissidentes desse modelo de análise linguística, destacam-se George Lakoff e Charles Fillmore, cujas reflexões referentes à estrutura semântica das línguas acabaram levando a um questionamento dos pressupostos gerativistas, dando início a uma nova abordagem do fenômeno da linguagem.

Essa nova abordagem, hoje conhecida como Linguística Cognitiva, trata a linguagem como um componente não-autônomo da mente. Sua proposta integra o conhecimento linguístico ao conhecimento não linguístico. Leva em consideração os processos de pensamento subjacentes à utilização de estruturas linguísticas e sua adequação aos contextos reais nos quais essas estruturas são construídas. A solidificação dessa abordagem acontece através da obra de Lakoff e Johnson (1980-

2002). Os autores partem da posição de que “os processos do pensamento” são em grande parte metafóricos. Trata-se de um mecanismo cognitivo intrinsecamente presente em cada um de nós, decorrente das nossas experiências que emergem do nosso sistema conceptual. Além disso, acrescentam os autores que a metáfora está infiltrada na vida cotidiana, na linguagem, no pensamento e na ação e, como tal, “desempenha um papel central na construção da realidade social e política”. (LAKOFF e JOHNSON, 2002, p. 261)

A linguística cognitiva leva em conta que os significados não são elementos únicos e estáveis, mas resultam de processos complexos de integração entre diferentes domínios do conhecimento. Nessa proposta, a linguagem é vista conjuntamente com os usuários da língua no processo de construção de significados. A partir dessa inserção, a língua sai do campo formal e passa a constituir-se na linha sociológica, na qual destacam-se muitos representantes, todos de grande relevância científica, de onde se originam as correntes funcionalista, variacionista, discursiva, enunciativa e cognitivista.

Considerando nosso objeto de estudo, restringiremos esta abordagem aos enfoques funcionalista e cognitivista. O funcionalismo encara a linguagem como um sistema não-autônomo, nascido da necessidade de comunicação entre os membros de uma comunidade. O sistema está sujeito às limitações impostas pela capacidade humana de adquirir e processar o conhecimento, sempre em processo de modificação para cumprir novas necessidades comunicativas.

Para os funcionalistas, o fato de a comunicação ser uma função essencial da linguagem determina o modo como a língua está estruturada. Por isso, a análise de um fato linguístico deve levar em conta tanto o falante quanto o ouvinte e, para além do ato verbal, as necessidades da comunidade linguística.

Em Halliday (1978), a visão funcionalista tenta explicar a natureza da linguagem, a sua organização interna, em termos das funções que ela desenvolve para servir à vida do homem social.

As formulações propostas por Lakoff e Johnson (1980-2002), nos estudos cognitivistas, combinadas ao funcionalismo nos termos de Halliday (1978, 1985) e Givón (1979, 1985, 1993, 1995), são fundamentais para a análise dos fenômenos que permeiam as CLC(B)s, objetos de nossa pesquisa.

A noção de linguagem como algo abstrato e complexo pode ser entendida, em linhas gerais, como algo cuja função é transmitir informações de um indivíduo para outro num *continuum* entre gerações. Entretanto, tal definição, de fato, se mostra insuficiente quando nos deparamos com realizações do tipo *João bateu as botas*, informação que raramente partiria de um médico para a família do paciente, o que constituiria, no mínimo, uma descortesia.

Na prática, a linguagem possui diferentes funções, associadas a comportamentos da vida sociocultural que vão além da simples transmissão de informações.

As funções da linguagem têm como fundamento teórico os estudos desenvolvidos por Jakobson (2003). O autor parte das três funções da linguagem, concebidas por Karl Bühler (de representação, de exteriorização psíquica e de apelo), ampliando-as para um total de seis, as quais são relacionadas a fatores intervenientes no ato de comunicação verbal, como por exemplo: ao contexto (função referencial), ao remetente (função emotiva), ao destinatário (função conativa), ao contato (função fática), ao código (função metalinguística) e à mensagem (função poética).

Halliday (1985) defende uma teoria que dê conta das relações intrínsecas e extrínsecas das funções da linguagem, nas quais a multiplicidade funcional se reflita na organização interna da língua, entendendo que a investigação da estrutura linguística revela-se nas várias necessidades da linguagem. Desse modo, o termo função apresenta uma diversidade de empregos, estendendo-se desde a matemática até a linguagem.

Nossa pesquisa, como anteriormente assinalado, detém-se sobre as funções desempenhadas pelas CLC(B)s, permeadas de polissemia, portanto de teor metafórico.

Ainda sobre a noção de linguagem, no campo sociológico, torna-se relevante a perspectiva bakhtiniana. Bakhtin (1977-1995, p. 32) trata a linguagem como reflexo das estruturas sociais, na perspectiva da dialética do signo. O autor fundamenta seus estudos no conhecimento científico, na literatura e na religião, com base na teoria marxista da criação ideológica, considerando que essas áreas estão todas relacionadas à filosofia da linguagem.

Segundo esse filósofo, a palavra assim como qualquer produto de consumo, também pode ser transformada em signo ideológico. Signo este que parte de uma realidade, podendo distorcê-la, ser-lhe fiel, ou apreendê-la de um ponto de vista específico. É o que ocorre com o verbo *bater*, que no processo de apropriação discursiva, flutua por sentidos diversos, refletindo uma lógica da consciência social nas estruturas conceptuais.

Bakhtin (1995) vê a palavra como um signo social dialeticamente determinado nas relações entre a infraestrutura e as superestruturas. A palavra, entendida como signo ideológico, é protagonista das mais íntimas, individuais e fecundas relações sociais presentes na vida cotidiana, conforme justificado a seguir:

As palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios. É, portanto, claro que a palavra será sempre o indicador mais sensível de todas as transformações sociais, mesmo daquelas que apenas despontam, que ainda não tomaram forma, que ainda não abriram caminho para sistemas ideológicos estruturados e bem formados. A palavra constitui o meio no qual se produzem lentas acumulações quantitativas de mudanças que ainda não tiveram tempo de adquirir uma nova qualidade ideológica, que ainda não tiveram tempo de engendrar uma forma ideológica nova acabada. A palavra é capaz de registrar as fases transitórias mais íntimas, mais efêmeras das mudanças sociais. (BAKHTIN, 1995, p. 41)

Na perspectiva bakhtiniana, as atualizações dos sentidos de *bater*, por exemplo nas CLC(B)s, funcionam como termômetro das transformações sociais.

Bater circula em contextos inesperados, ajustando-se às demandas discursivas nos contextos da vida social.

Sabemos que a palavra se realiza no campo movediço das relações de produção da estrutura sociopolítica. Desse ambiente derivam todas as necessidades comunicativas entre os indivíduos e as diversas formas e tipos de comunicação verbal, incluindo a diversidade de gêneros.

Essa reflexão sobre a linguagem e a materialização da palavra nos permitem compreender a dinamicidade que perpassa o verbo *bater*, enquanto signo, nos contextos das CLC(B)s. O signo, fruto do meio social, se cria entre indivíduos. A palavra reflete e se materializa na “psicologia do corpo social” (Cf. BAKHTIN, 1995, p. 42), acumulando mudanças e deslocamentos sutis, os quais encontram sua expressão nas produções ideológicas acabadas.

Sob essa ótica, Voloshinov (1930)³ descarta a visão da linguagem petrificada, incluindo-a no processo da evolução humana. Assim sendo, a linguagem evolui e se realiza nas relações sociais da comunicação humana, entre seus pares, aos níveis da produção e do discurso. Por isso, encontra-se no processo de comunicação verbal, sendo resultado das relações sociais, onde se elaboram diferentes tipos de enunciados, “correspondendo, cada um deles, a um diferente tipo de comunicação social”⁴.

Nossa pesquisa fundamenta-se na visão de linguagem frente à perspectiva social, cuja preocupação reside na relação entre linguagem e sociedade. As discussões teóricas que se seguem constituem, portanto, condições necessárias para a compreensão da análise deste trabalho, pois constituem fenômenos imbricados na Gramática Funcional, na Semântica Cognitiva, os quais requerem um estudo via gramaticalização, categorização, polissemia, metáfora e metonímia.

³ Texto de V. N. VOLOSHINOV (1930). TEORIA DO ENUNCIADO traduzido por Ana Vaz, para fins didáticos. (veiculado durante o curso Dialogismo bakhtiniano, ministrado por Dóris Arruda – UPFE, 2004.

⁴ Idem.

2.2 A LINGUISTICA FUNCIONAL

A abordagem funcionalista ocupa-se, primordialmente, dos usos da língua nas circunstâncias reais, em função das suas necessidades comunicativas. A Gramática Funcional pode ser definida como “uma teoria de organização gramatical das línguas naturais que procura integrar-se em uma teoria global da interação social”⁵ (NEVES, 2004, p. 15). Seu enfoque contempla as relações entre as unidades linguísticas e suas funções, destacando o cruzamento dos fatores linguísticos com os contextos discursivos de uso no processo de interação verbal. Nesse ponto de vista, o funcionalismo linguístico se distancia das abordagens formalistas, conhecidas como estruturalismo e gerativismo, principalmente por conceber a linguagem como um instrumento de interação social.

A análise funcional parte da função exercida pelas unidades estruturais e dos processos diacrônicos recorrentes. Sob essa ótica, a linguagem não se restringe aos papéis desempenhados dentro da estrutura pelas classes de palavras e sintagmas, mas é tomada como uma ferramenta que se adapta às funções exercidas na vida dos indivíduos, servindo aos diversos tipos de demanda, as quais, em última instância são comunicativas. (Cf. HALLIDAY 1973, p. 104)

A visão funcionalista não apresenta homogeneidade. Como decorrência, o termo “funcional” engloba uma variedade de modelos teóricos, tornando difícil a existência de uma teoria unificada, compartilhada por todos os estudiosos que se identificam com a corrente. Todos os modelos, porém, comungam da análise lingüística que leva em consideração o componente discursivo que desempenha um papel preponderante na gramática de uma língua. Sendo assim, a perspectiva funcionalista entende que a descrição completa de uma sentença inclui referência ao falante, ao ouvinte, a seus papéis e ao estatuto, dentro da situação de interação

⁵ Cf. TEIXEIRA e FLORES, (2005).

determinada socioculturalmente, porque os itens que se estruturam nos enunciados são multifuncionais.

De acordo com Nichols (1984), a abordagem funcionalista pode ser compreendida segundo as três vertentes seguintes. A conservadora que se restringe a apontar a inadequação do formalismo ou do estruturalismo, sem propor uma análise da estrutura. Nesse contexto enquadram-se os trabalhos de Susumu Kuno (1997) e (VAN VALIN apud NEVES, 2004, p. 56). A extremada, nega a realidade da estrutura e considera que as regras se baseiam internamente na função, descartando as restrições sintáticas. Nessa vertente destacam-se os trabalhos de Sandra Thompson e Paul Hopper (1980), dentre outros. A última vertente, conhecida como funcionalismo moderado, propõe uma análise funcionalista da estrutura. Também aponta a inadequação do formalismo, além de considerar a semântica e a pragmática como elementos fundamentais para análise linguística. Nessas distinções destacam-se Dik (1978, 1989), Halliday (1973, 1985) e Givón (1984, 1979, 1985, 1993). De um modo geral, as abordagens funcionalistas contemplam análises segundo a integração de componentes diversos.

Para Dik (1978), a gramática funcional constitui uma teoria de componentes integrados, da sintaxe e da semântica, os quais estabelecem uma relação de interdependência com a pragmática. Assim, a gramática deve ser compreendida em conformidade com uma teoria da interação verbal.

Halliday (1973) e Dik (1989) entendem que os itens estruturados nos enunciados são multifuncionais e, em sendo assim, a descrição de uma estrutura não se esgota nos limites das funções gramaticais.

A perspectiva da linguagem no processo de interação social tem por objetivo revelar a sua instrumentalidade no quadro das circunstâncias sociais. Dik (1978, 1989) considera que o processo de interação verbal é uma atividade cooperativa estruturada em torno de regras sociais e convenções, e que as regras exclusivamente linguísticas devem ser consideradas instrumentais em relação aos objetivos comunicativos da interação verbal. Por isso, o compromisso primeiro do enfoque

funcionalista é descrever a linguagem não como um fim em si mesmo, mas como uma condição pragmática da interação verbal.

Segundo Givón (1979), a sintaxe compreende a codificação da semântica (proposicional) e da pragmática (discursiva), dois domínios funcionais distintos. Por via de consequência, para ser completa e veicular comunicação, uma sentença precisa tanto da informação semântica como da função pragmática. Ainda (Cf. GIVÓN, 1979), constitui pré-requisito de todas as manifestações linguísticas apresentar estrutura temática coerente, observável tanto no âmbito da frase como no do discurso “multiproposicional”. Desse modo, as análises das representações discursivas das estruturas linguísticas do português devem contemplar abordagens sintático-semântico-pragmáticas.

No campo sintático, as funções gramaticais derivam das formas de organização e estruturação linguística determinadas pelo elemento principal, qual seja o verbo acompanhado de seus argumentos. No semântico, o conhecimento dependerá do alcance, por parte dos interlocutores, dos significados das palavras envolvidas no discurso. No campo pragmático, considera-se o contexto situacional, espaço de produção do discurso, além das intenções comunicativas do falante ao utilizar determinados recursos linguísticos “que podem funcionar como índices do fluxo discursivo/informacional”. (ALVES, 2001, p. 45)

No que respeita ao papel do componente discursivo na gramática, citamos como exemplo o estudo de Hopper e Thompson (1980) que defende a interferência de fatores discursivos no mecanismo da transitividade, associando-a a uma função pragmática. Os autores consideram que o pensamento e a comunicação humana registram o universo individual como uma hierarquia de graus distribuídos numa escala de transitividade. Em tal contexto, destacam figura, representada pelas porções centrais do texto, em oposição a fundo. Nessa escala evidencia-se um percurso hierárquico de graus, estabelecendo um *continuum* de centralidade/perifericidade, no qual vai incidir o *status* prototípico⁶.

⁶ Esta questão, categorização vs. protótipo, será retomada no fluir deste trabalho.

Então, o sistema de transitividade é entendido como intimamente relacionado à formação de planos no discurso. Os usuários da língua constroem suas sentenças de acordo com seus propósitos comunicativos e com a sua percepção das necessidades dos produtores/leitores (falantes/ouvintes). Assim é que, nos eventos de fala, algumas partes do que se diz são mais relevantes que outras. Tais relevâncias são denominadas de fundo, dando sustentação e ampliando o discurso, enquanto, o material fornecedor dos pontos principais do discurso denomina-se de figura.

Na realidade, as línguas possuem recursos morfológicos e sintáticos que refletem o relevo discursivo, apontando indícios que denotam se uma sentença é figura ou fundo. Esses recursos variam desde partículas discursivas colocadas em pontos estratégicos para prevenir o ouvinte de que a oração corrente ou subsequente é fundo ou figura, até a elaboração de paradigmas verbais (tempo e aspecto) especializados para essa distinção. (Cf. PEZATTI, 2004, p. 190).

Nesse sentido, a base da gramática funcional reside na noção de instrumentalidade da língua e na sistematicidade de sua estrutura. Faz parte desta abordagem explicar as regularidades das línguas e, através destas, os aspectos recorrentes nas circunstâncias em que as pessoas as usam.

Em relação ao aspecto funcional da gramática ‘natural’, Halliday (1985) entende que tudo pode ser explicado tendo como referência a língua em uso, pois é no uso da língua que se dá forma ao sistema. Por essa via, nas línguas, cada elemento é explicado por referência a sua função no sistema linguístico total. Em segundo plano fica o aspecto sistêmico da gramática.

2.2.1 O princípio da iconicidade

Questão fundamental para os estudiosos da corrente funcionalista, o princípio da iconicidade linguística prevê motivação na relação entre forma e função, isto é, entre forma e significado. O princípio da iconicidade tem sido objeto de estudo de pesquisadores como (HOPPER & TRAUGOTT, 1993; GIVÓN, 1990; HAIMAN, 1983; NEWMAYER, 1992; CROFT 1990), dentre outros. Neste trabalho, nos limitamos aos enfoques mais relevantes para a análise dos nossos dados.

Hopper & Traugott (apud NEVES, 2004, 1993, p. 26) definem iconicidade como “a propriedade de similaridade entre um item e outro”. Essa definição nos permite entender que a língua é produto do experiencialismo. O significado é natural e parte de nossas experiências físicas e corpóreas decorrentes do ambiente em que vivemos, como afirmam Lakoff e Johnson (2002). Por isso, existe um item que remete para outro, iconicamente.

Segundo Givón, o princípio da iconicidade prevê motivação na relação entre forma e significado. Trata-se de questão já prevista em Saussure (1995, p.152), quando aponta “apenas uma parte dos signos é absolutamente arbitrária; em outras, intervém um fenômeno que permite reconhecer graus no arbitrário sem suprimi-lo”.

No capítulo 7, veremos que as atualizações do verbo *bater* não ocorrem aleatoriamente. Conforme Bolinger (1977), o princípio da iconicidade prevê, como condição natural de uma língua, a preservação de uma forma para um significado e de um significado para uma forma.

Para Votre (1996, p. 28), a relação entre forma e significado é aparentemente arbitrária. Nem tudo é icônico, há partes em que a relação é opaca.

Entendemos que a opacidade referida por Votre se dá quando o uso provoca o desgaste semântico de referência. Assim, por exemplo em relação aos usos de

bater, nos deparamos com situações como “*Bater o medo*”, “*Bater o desespero*”, nas quais *bater* faz referência a sentir, sem perder a ideia de movimento, embora a de atrito quase não exista.

Givón (1990) propõe três princípios que facilitam o processo de iconicidade: o da quantidade, o da proximidade e o da ordenação linear.

O princípio da quantidade, representado pela complexidade cognitiva, corresponde ao elemento mais marcado e se manifesta da seguinte forma:

- a) Quanto maior for a quantidade de informação a ser transmitida, maior será a quantidade de forma a ser utilizada na codificação morfossintática dessa informação;
- b) Quanto mais imprevisível (mais nova) aparecer a informação, maior será a quantidade de formas a serem utilizadas;
- c) Quanto mais relevância tiver a informação, em termos de continuidade temática ou discursiva, maior será a quantidade de formas utilizadas para codificá-la. (GIVÓN, 1990, p. 969)

O princípio da proximidade é cognitivamente associativo, dependendo da proporcionalidade existente entre a distância linear que separa as expressões do significado, ou seja, das ideias que estas expressões representam. (GIVÓN, 1990, p. 970)

O terceiro princípio, o da ordenação linear, apresenta cognitivamente semelhanças ao subprincípio da proximidade. Trata da correlação existente entre a sequenciação temporal e a ordem em que os eventos descritos ocorrem de forma coerente. (GIVÓN, 1990, p. 971)

Evidências revelam que alguns princípios se sobressaem no processo de motivação. Isto ocorre com o princípio da quantidade que, por apresentar um texto maior e conter mais informação icônica, detém maior quantidade de informação em relação a outro menor. Acontece o mesmo com o princípio da proximidade, em função da distância linguística entre expressões, o que

corresponde à distância conceptual existente entre elas, e por isso se mostra relevante ao processo de motivação.

Quando a gramática é considerada um “sistema adaptável” (Cf. DU BOIS, 1985), entram em competição motivações interna e externa, provavelmente provenientes das competições argumentativas em que uma forma linguística, por analogia semântica, pode motivar a produção das CLC(B)s. No plano das motivações externas, tanto pode haver pressão da funcionalidade como da forma. Desse modo, “forças motivadoras”, originadas por fenômenos externos, penetram no domínio da língua onde se encontram com forças internas.

Retornando às CLC(B)s, entendemos que o aspecto sistêmico da gramática, por exemplo, não é condição suficiente para explicar as variadas atualizações provenientes dos usos que o verbo *bater* experimenta. Julgamos, então, que a melhor maneira de analisá-los seja através de um levantamento dos significados que veiculam nos dados em questão.

Ao incorporarmos uma perspectiva de análise linguística contemplando abordagens sintático-semântico-pragmáticas, temos como objetivo dar conta dos usos de *bater* nos contextos diversos das CLC(B)s, impulsionados pelos *inputs* discursivos responsáveis pelos deslocamentos sintáticos da categoria verbal.

Nossa pesquisa insere-se na vertente anteriormente comentada, o funcionalismo moderado, por entendermos que a flutuação semântica do verbo *bater* estabelece relações discursivas de cunho metafórico, quando constitui CLC(B)s, apresentando variações funcionais diretamente relacionadas às necessidades comunicativas. Com essa visão, partimos do aspecto funcional para interpretarmos os usos que se estendem nas CLC(B)s, fugindo portanto do paradigma formal tradicional.

Vejamos a seguir alguns exemplos retirados de nosso *corpus*:

(1) *Ciro bate boca* com Letícia Sabatella ao defender transposição do São Francisco. O deputado *Ciro Gomes (PSB-CE) bateu boca* nesta quinta-feira

no plenário do Senado com a atriz Leticia Sabatella por divergências sobre a manutenção das obras de transposição do rio São Francisco. Ciro disse que escolheu como opção de combate sobre o tema “manter a mão na massa e às vezes, [a mão fica] suja de cocô”.

Não sei se estou no mesmo lugar que o seu, mas é parecido. Eu, ao meu jeito, escolhi a opção de meter a mão na massa, às vezes suja ou não. Mas minha cabeça, não, meu compromisso, não”, disse Ciro dirigindo-se à atriz.

(*Corpus Folha online S.PAULO*, 04/02/2008[42]. Destaque nosso)

(2) Avaliação e expansão do ensino superior por Paulo Renato de Souza

A análise isenta do tema torna claro que não seria benéfica ao sistema a proibição à abertura de novos cursos, desde que mantenham qualidade. Especialmente para profissões ligadas às políticas de governo, como educação e saúde, onde o padrão superior dos serviços é essencial. Não seria possível nem sequer restringir novos cursos a regiões em que há carência, pensando em interiorizar o domicílio profissional, até porque cabe ao cidadão escolher onde vai trabalhar após formado.

Também é descabido cercear a opção pelo tipo de formação, dependendo de limitações do mercado.

O corporativismo de algumas áreas não impedirá a necessária expansão do ensino superior brasileiro. **Bater martelo** contra essa política é péssima sentença para o país, sobretudo para áreas carentes de profissionais. É uma condenação que privaria milhões de jovens de uma profissão que sonharam e para qual se sentem vocacionados.

(*Corpus Folha-SP*, 21/12/1999[44]. Destaque nosso)

(3) Saiba como encarar a reta final do vestibular

É dada a largada. No dia 18, ocorre a prova da Unicamp, e no dia 25, a da Fuvest, o maior vestibular do país. Nesta hora, só dá para contar com as três principais palavras que fazem parte do vocabulário do vestibulando: estudo, disciplina e governo.

.....
Professores, pedagogos e nutricionistas ouvidos pela Folha dão dicas de como o estudante deve se preparar, aumentando suas chances de ser aprovado nos processos seletivos.

.....
Confira algumas dicas para encarar os vestibulares:

- organize seu tempo e faça um cronograma de estudo. Divida o tempo entre as aulas, a revisão e os exercícios. Isso lhe dará mais segurança para enfrentar as provas.
- estude o máximo que puder, mas, quando **bater o cansaço físico e mental**, feche o livro e vá relaxar.
- escolha lugares tranquilos e silenciosos para estudar.
- verifique nos sites das universidades as provas de anos anteriores para saber como é o estilo de cada uma.
- treine o esquema de redação. Descubra argumentos e saiba como defendê-los.
- leia jornais para se manter atualizado.
- lembre-se: você não precisa saber de absolutamente tudo.
- (...)

(Corpus Folha online S.PAULO, 06/11/ 08[52]. Destaque nosso)

Essas citações, de acordo com os princípios funcionalistas, nos permitem afirmar que o caminho para compreender os novos usos do verbo encontra-se no processo polissêmico. Nesse processo, quando o verbo **bater** se junta a um nome ou variações abstratiza-se e perde sua função plena. No item (1) *bate boca/ bateu boca* assemelha-se a discutir/brigar, como se depreende do texto “Defensor das obras, **Ciro entrou em choque** com a atriz que o interrompeu várias vezes enquanto ele discursava no plenário do Senado”. **Bater boca** constitui uma expressão abstrata que, sendo associada ao contexto, recupera a ideia de briga, via transferência semântica que incide no processo metafórico.

Em (2) **Bater martelo**, expressão peculiar ao discurso jurídico, nesta menção foi retomada como uma expressão abstrata que se adequa perfeitamente aos argumentos defendidos na ocasião, como se entende no próprio texto: “ **Bater martelo** contra essa política é péssima sentença para o país, sobretudo para áreas carentes de profissionais. É uma condenação que privaria milhões de jovens de uma profissão que sonharam e para qual se sentem vocacionados.”

Em (3) **bater o cansaço físico e mental** integra o rol de usos polissêmicos presentes no cotidiano linguístico, que se dão via motivação icônica da metáfora.

Desse modo, o que está em jogo, fundamentalmente, é a construção de sentido dos enunciados em uso, o sistema semântico da língua, melhor dizendo, o

sistema de significados disponíveis na língua. Tais construções ultrapassam a simples função comunicativa.

A assertiva de que toda a explicação linguística deve se basear na relação entre a linguagem, o seu uso e o contexto social, conduz à tarefa de explicar o fenômeno das CLC(B)s tendo como referência o contexto sociointeracional no qual estão situados os produtores de textos escritos em suas múltiplas vozes, produtores/leitores (falantes/ouvintes), e as informações pragmáticas de ambos. Por isso, nossa pesquisa considera os diversos processos integrantes do jogo linguístico na acepção de Halliday (1989), o que permite explicitá-los.

Passemos, agora, a observar questões relativas ao processo de gramaticalização, considerando a evidência de um conflito entre a expressão lexical relativamente livre de restrições e a codificação morfossintática. Trataremos desse procedimento relevante para enquadrarmos a flutuação dos usos do verbo **bater** no contexto da gramática.

2.2.2 Processos linguísticos ligados ao verbo bater: gramaticalização

O vocábulo gramaticalização nos remete ao século X, com definições variadas entre muitos estudiosos. (NEVES, 2004, p. 113)

Hopper & Traugott (1993) definem gramaticalização como o processo no qual itens e construções gramaticais passam a servir às funções gramaticais em determinados contextos linguísticos, e, uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções gramaticais.

Heine *et. al.* (1991, p. 3-148) tratam da gramaticalização considerando os pontos de vista sincrônico e diacrônico de forma inseparável, em função das dificuldades encontradas para tratá-los com rigidez. Desse modo, gramaticalização pode ser descrita alternativamente como um fenômeno sincrônico ou diacrônico.

Na gramaticalização, ‘diacronia’ *vs* ‘sincronia’ liga-se à situação de caráter gradual *vs* instantâneo. Segundo Neves (2004, p. 118), do ponto de vista histórico, o processo é gradual. Embora num determinado momento ocorra de uma estrutura substituir completamente outra, durante algum tempo podem coexistir novas e velhas formas, que entram em variação sob diversas condições. Essa variação é o reflexo do caráter gradual da mudança linguística.

Givón (1995) explica a gramaticalização diante da diacronia. O autor mostra que uma construção pode se desenvolver gradualmente no tempo, como no caso dos verbos seriais por ele estudados em que orações independentes finitas podem chegar a uma gramaticalização plena, com passagens por estágios diversos.

Do ponto de vista cognitivo, Givón (1995) se concentra nas correlações entre ‘empacotamento’ temporal e processamento da informação nas construções com verbos seriais. A gramaticalização, na condição de processo instantâneo, envolve um ato mental pelo qual uma relação de similaridade é reconhecida e explorada. Em contextos novos, por exemplo, pode-se dar uso gramatical a um item genuinamente lexical, ocorrendo a gramaticalização no momento em que o item lexical está sendo usado como marca gramatical em determinado esquema.

Hopper (1980), ao descartar a noção de gramática estável, afirma que todas as suas partes estão em mudança permanente. Assim sendo, em geral, os fenômenos gramaticais podem ser pensados como envolvidos na gramaticalização.

Considerando-se que uma mudança ocorrida numa direção específica não pode ser revertida, a unidirecionalidade da gramaticalização é vista como característica básica do processo. Alocados por Heine *et. al.* (1991), os seguintes itens configuram partes constitutivas da unidirecionalidade:

- a) Precedência do desvio funcional sobre o formal;
- b) Descategorização de categorias lexicais prototípicas;
- c) Possibilidade de recategorização, com estabelecimento da iconicidade entre forma e significado;

- d) Perda de autonomia de um elemento (uma palavra autônoma passa a clítica, um clítico passa a afixo);
- e) Erosão ou enfraquecimento formal.

A característica unidirecional da gramaticalização implica em considerar-se uma escala do seguinte tipo: item de significação pleno > palavra gramatical > clítico > afixo flexional. (HOPPER & TRAUGOTT, 1993, p. 7)

No processo de gramaticalização observa-se uma estreita aproximação entre metáfora e metonímia, ocasião em que a metáfora passa também a configurar como um indicativo de mudança semântica.

Reportando-nos ao verbo **bater**, podemos afirmar que os níveis de estrutura linguística afetados são o funcional e o morfossintático. Quanto aos processos funcionais, destacam-se os deslizamentos semânticos nos processos morfossintáticos, a composição. Contudo, nos termos das observações de Heine *et. al.* (1991), é de se observar que naqueles processos envolvendo o desenvolvimento da gramaticalização, apesar de constar algumas semelhanças com os dos usos de **bater**, este verbo aparenta ainda não fazer parte do processo tradicional de gramaticalização. Assim sendo, mesmo que **bater** tenha adquirido novas propriedades semânticas, não necessariamente se constituirá como membro de uma nova categoria. De fato, acontece a expansão de sua propriedade verbal *stricto sensu*. Melhor dizendo, o verbo adquire novas formas de uso, incidindo em variantes, conforme se pode observar. Tais ocorrências são detectadas na projeção metafórica de **bater** nas CLC(B)s.

Heine *et. al.* (1991) apresentam uma escala de abstratização de categorias conceituais que podem ser conceptualizadas por uma das categorias situadas a sua direita, resultando no que denominam de “metáforas categoriais”, como adiante: PESSOA>OBJETO>ESPAÇO>TEMPO>PROCESSO>QUALIDADE.

Essa escala governa o processo metafórico. Por exemplo: o nome “pé”, que se refere a uma parte do nosso corpo, passa a designar parte de um objeto (“pé de

mesa”) = PESSOA>OBJETO. Assim também ocorre nas CLC(B)s, onde o verbo *bater* se afasta de sua significação original e passa a se constituir em contextos diversos, como em *Bater recorde* = OBJETO>PROCESSO. Assim, em nossos dados, nos deparamos com uma sequência do tipo PESSOA>OBJETO>TEMPO>PROCESSO.

Desse modo, com base na teoria de Heine *et al* (1991), as formas associam-se a novos significados, como num *continuum* temporal, numa sequência metafórica unidirecional, cujos significados mais abstratos derivam-se progressivamente de sentidos mais concretos. Em relação ao verbo *bater*, nossa sugestão é de que não estamos em situação de gramaticalização, mas de polissemia.

Isto posto, na próxima seção enfocaremos a Semântica Cognitiva.

2.3 A SEMÂNTICA COGNITIVA

Nesta seção, intencionamos possibilitar uma visão abrangente acerca dos estudos semânticos, especialmente no campo da Semântica Cognitiva.

A Semântica trata do sistema de significados disponíveis em uma língua assim como das suas relações com os objetos que designam. Entretanto, é de se observar que significado, sentido e significação recebem diferentes interpretações, em função das correntes de pensamento, da época, da teoria, dos autores, das finalidades, e das áreas de conhecimento em que são empregados.

Relativamente ao assunto, merecem referência as contribuições legadas pelo matemático e filósofo alemão Gottlob Frege (1978), quanto aos princípios de sentido *vs* referência e contextualidade *vs* vericondicionalidade. Assim, na medida em que se exclui do campo da Semântica o estudo das representações individuais que uma palavra pode evocar, priorizam-se os aspectos objetivos da referência. Desse modo, a partir do sentido de um nome qualquer é possível recuperar ou falar

sobre um certo objeto no mundo, e sua referência, considerando-se que o processo referencial está relacionado com o extralinguístico.

Para Frege (*op. cit.*), o sentido é algo que nos permite chegar a uma referência no mundo, correspondendo à imagem do objeto, que independe de quem o observa. O sentido somente nos permite conhecer alguma coisa se a ele corresponder uma referência. Dessa forma, expressões diferentes são anexadas a sentidos distintos mas a referência pode ser a mesma.

No princípio de contextualidade, ou de contexto linguístico, o sentido das palavras deve ser apreendido a partir do sentido das frases nas quais elas figuram e, sendo assim, é preciso situar-se a palavra em seu contexto de uso na frase. No princípio da vericondicionalidade, o sentido das frases repousa na noção de condições de verdade. Então, captar o sentido de uma frase significa saber as condições que devem ser preenchidas para que ela seja verdadeira. (FREGE, 1978)

A pluralidade dos fenômenos considerados objeto da semântica é causa e consequência da heterogeneidade dos estudos a ela ligados, bem como à noção de significado. A abrangência das correntes semânticas pode ser ilustrada a partir de três diferentes formas de concebê-las: a Formal, a Enunciativa e a Cognitiva.

Segundo a Semântica Formal, o significado é um termo complexo que se compõe de sentido e referência. O sentido de um nome, como no exemplo *a mesa da professora*, é o modo de apresentação do objeto/referência mesa da professora. Assim, neste modelo lógico, a relação da linguagem com o mundo é fundamental.

Para a Semântica da Enunciação, corrente herdeira do estruturalismo, o significado é o resultado do jogo argumentativo criado na linguagem e por ela. Diferentemente do que ocorre no estruturalismo, *mesa*⁷, na Semântica da Enunciação, representa as diversas possibilidades de encadeamentos argumentativos, das quais a palavra pode participar. O seu significado encontra-se no somatório das suas contribuições em inúmeros fragmentos de discurso, como em “Comprei uma mesa”, “Senta ali na mesa...”.

⁷ Exemplos de mesa foram retirados de Oliveira (2001).

No âmbito da Semântica Cognitiva, *mesa* é a superfície linguística de um conceito, o conceito *mesa*, que é adquirido por meio de nossas manipulações sensório-motoras com o mundo. Assim, tocando objetos que são mesas, formamos o conceito pré-linguístico MESA, que aparece nas práticas linguísticas como *mesa*. Esse conceito tem estrutura prototípica porque se define pelo membro mais emblemático, qual seja um objeto de quatro pernas.

A Semântica Cognitiva tem como defensores proeminentes os pesquisadores Lakoff e Johnson (1980-2002). Estes autores tratam como central a noção de significado diante do processo de investigação da linguagem, em contraposição ao tratamento de cunho gerativista, que defende a centralidade da Sintaxe. Nessa perspectiva, forma deriva de significação, entendendo-se que aprendemos lógica e linguagem a partir da construção de significados. Eis porque a Semântica Cognitiva se inscreve no quadro do funcionalismo moderado.

Há situações de aproximação entre as Semânticas Cognitiva e de Enunciação, no momento em que ambas negam a hipótese da referência. Também existe diferenças entre as mesmas, como ocorre no fato de a Semântica Cognitiva não aceitar que a referência seja constituída pela própria linguagem, nem que a linguagem seja um jogo apenas de argumentação.

Conforme propõe a Semântica Cognitiva, as nossas ações no mundo permitem-nos apreender diretamente esquemas imagéticos que dão significado às nossas expressões linguísticas ou organizações sinestésicas, carregadas de memória de movimentação ou de experiência, cuja memória ampara nosso falar e pensar. A abordagem lakoffiana, pautada no realismo experiencialismo, defende como hipótese central que o significado é natural e parte de nossas experiências físicas e corpóreas resultantes do ambiente em que vivemos. Assim sendo, o significado é uma questão da cognição em geral, e não um fenômeno puro ou prioritariamente linguístico em correspondência com o mundo.

Nos domínios das experiências cuja conceitualização depende da abstração, a Semântica Cognitiva contempla a metáfora e a metonímia.

As variadas atualizações que o verbo **bater** incorpora em textos orais e escritos caracterizam uma polissemia uma vez que o verbo apresenta usos diversificados, em conformidade com as necessidades de comunicação e de contexto. Segundo Lyons (1987, p. 142), o processo de polissemia consiste no uso de um lexema com diferentes significados.

Nas CLC(B)s, a polissemia apresenta-se muito produtiva, como em “**bater o pé**”, “**bater o olho**”, “**bater asas**”, “**bater bumbo**”, consoante destacamos nos contextos abaixo:

(4) M. Luiza – Eu acho que ele é muito inseguro. A impressão que dá, num jogo, é que, se um jogador **bater o pé** mais forte e disser “eu quero isso”, ele...

M. Luiza – O futebol sem torcida organizada não é futebol. A violência está em todos os setores, é uma questão social. O cara que vai para brigar é porque não pode **bater** no chefe dele, então vai **bater** em alguém. Isso depende da torcida organizada.

(*Corpus* Folha-SP, 26/12/99[6]. Destaque nosso)

(5) Seus quatro discos recuperados são essenciais. "Leno e Lilian" (66) e "Não Acredito" (67), ainda com a parceira, são dois dos melhores produtos do pop rock brasileiro. "Leno" (68) e "A Festa dos Seus 15 Anos" (69), solo, são Leno solene, preso à fórmula, mas lutando por **bater asas**. Bateria em "Vida e Obra de Johnny Mccartney" (71), não houvessem censurado o LP.

A dupla retornaria no começo dos 70, aí sim mostrando seriedade insuspeitada. Produzidos por Raul Seixas, lançaram "Leno e Lilian" (72), disco de rock tão firme quanto obscuro. A gravadora que na época fez cara feia ao disco é a mesma que hoje nem deve cogitar reeditá-lo.

A fase iê-iê-iê de Wanderléa é quase toda representada na coleção, à exceção de um disco de estréia ainda pré-jovem guarda. Voltam "Quero Você" (64), "É Tempo do Amor" (65), "A Ternura de Wanderléa" (66), "Wanderléa" (67) e "Pra Machucar Meu Coração" (68), exemplares da adolescência de uma das mais autênticas cantoras pop do Brasil.

(*Corpus* Folha-SP, 02/10/98[45]. Destaque nosso)

(6) O bandido a gente conhece pelas tatuagens e pela roupa que ele usa. É só **bater o olho** e eu sei se o cara deve ou não afirmar. (...) É só **bater o olho** e eu sei se o cara deve ou não.

(*Corpus* Folha-SP, 18/10/99[78]. Destaque nosso)

(7) – O presidente Fernando Henrique Cardoso cobrou ontem de sua equipe melhor divulgação das ações do governo na área social. “Vamos **bater mais bumbo**, fazer mais barulho.” FHC negou corte na distribuição de cesta básica. A verba desse item caiu 33,7% este ano sobre 98.

(*Corpus Folha-SP*, 04/03/99[150])

Siqueira (2003, p. 30) chama atenção para a noção de polissemia como extensão de um sentido central de uma palavra para outros sentidos, através de dispositivos próprios da imaginação humana, como a metáfora e a metonímia.

A palavra **bater** estende-se para além da definição de verbo regular transitivo ou intransitivo em que há um sujeito agente, como ocorre no exemplo (4) “se um jogador **bater o pé** mais forte e disser “eu quero isso”. Essa ocorrência pode ser entendida a partir de um modelo cognitivo em que tomar uma decisão relaciona-se com uma assertiva de firmeza, de decisão. O exemplo (5) “**bater asas**” remete para o campo semântico de fazer sucesso. Em (6) “**bater o olho**” está inserido no processo cognitivo de reconhecimento rápido, assim, como em (7), remete para a idéia de fazer propaganda. Nos quatro exemplos citados prevalece a ideia de movimento relacionado com o ato de impor-se em (4), de transportar-se de um lugar para outro em (5), de reconhecimento em (6) e de propagandear em (7).

Na concepção da Semântica Cognitiva, Oliveira (2001, p. 34) destaca a importância das noções de movimento e das categorias de nível básico experienciados pelas crianças na história da aquisição. O movimento da criança em direção a certos alvos permite a emergência de um esquema imagético sinestésico em que há um ponto de partida, um percurso e um ponto de chegada. Tal esquema possibilita o surgimento de nossas experiências corpóreas com o mundo e sustenta o significado de nossas expressões linguísticas sobre o espaço. Assim sendo, o significado linguístico não surge aleatoriamente ou de forma arbitrária, mas deriva de esquemas sensório-mortores.

2.3.1 Bater – verbo de movimento

Por apresentar uma produtividade funcional riquíssima, incluímos *bater* no contexto dos verbos de movimento, a exemplo de outros, como levar (ALVES, 1998, 2009) e levar/trazer (TEIXEIRA, 1991, 1997).

A condição da natureza da linguagem essencialmente metafórica (LAKOFF e JOHNSON, 2002; VOTRE, 1996, p. 32), contribui para que surjam novos significados, considerando formas já disponíveis na língua. Nesse contexto, a metáfora constitui um campo produtivo de mudança linguística que renova seus sentidos a partir de alguma motivação.

O verbo *bater* contém um leque muito amplo de atualizações semânticas, predominantemente metafóricas, como assinalados nos exemplos acima.

Bater o pé e *bater mais bumbo* representam casos de transferência metafórica, no sentido de que podemos recuperar a motivação da transferência, uma vez que a metáfora é fundamentada num grau de semelhança entre o significado inicial e o significado derivado. O próprio conceito de metáfora revela sua natureza icônica.

Teixeira (1997, p. 329), partindo dos conceitos de Givón, defende que a configuração espacial do verbo pode se reduzir aos marcos figura/fundo. As considerações do autor respaldam a pretensão deste trabalho em entender a noção de movimento do verbo *bater*.

Nos verbos, a noção de fundo pode ser apenas um ponto no espaço, ou o intervalo espacial cruzado pela categoria tempo. Sob essa ótica, o percurso é mais que a interação entre o sujeito e o fundo. Na deslocação, o nome do processo todo, isto é, o sujeito em deslocamento e o fundo em que a deslocação se processa, mais a interação sujeito/fundo, constitui o percurso ocorrido nesse mesmo fundo.

Há, conseqüentemente, que ter em atenção que numa espacialização verbal, muito mais do que simples marcadores estáticos, como as pressuposições ou advérbios,

funciona todo um modelo imagético em que o verbo ocupa lugar de destaque. As unidades lexicais, por mais exactos marcadores espaciais que sejam, não actuam isoladamente. Há sempre um modelo mental a considerar. E muitas vezes não nos damos conta da importância que o significado do verbo tem para o rearanjo do modelo, atribuindo aos localizadores espaciais relações sêmicas infiltradas pelo verbo. (TEIXEIRA, 1997, P. 330)

Assim, quando nos deparamos com itens como *bater* na classe média alta, *bater* as conexões internacionais e *bater* asas, estamos diante de um verbo que assume as funções de um locativo, por indicar um percurso de distância, um caminho a percorrer. O estado de coisas que o verbo refere transporta à noção de afastamento de um ponto de referência (Pr). Ou seja, o movimento expresso pelo verbo, ou o movimento referenciado a um determinado ponto, é conceptualmente entendido como o ponto do início de determinado estado de coisas. Assim, o verbo de movimento pode ser representado como Li – Lj (ponto do início e ponto fim).

O Li situa-se no domínio do sujeito do estado de coisas, como também no domínio do sujeito da enunciação (Cf. TEIXEIRA, 1992 p. 447).

Bater pode ser inserido no rol dos verbos de movimento, em que algo foi dito, transferido, mesmo que de forma abstrata, portanto, implícito em um “caminho potencial” ou configuração espacial aparentemente estática (Cf. VANDELOISE, 1986 apud TEIXEIRA, 1997, p. 331). “É o zero do movimento. Não o zero início de escala, mas o zero fim de escala para o qual o movimento tende. É o ponto final-fronteira do movimento”. (TEIXEIRA, 1997, p. 331)

Considerar o verbo *bater* como de movimento pode ser representado na figura a seguir: X *bateu* Y (o/em/na/no).

O verbo de movimento apresenta a característica de ser naturalmente expresso como uma lexia. Como consequência, introduz peculiaridades sobre o fundo espacial em que decorre o estado de coisas do mesmo verbo.

Segundo Teixeira (1997, p. 331), nem todos os verbos inscrevem seus estados de coisas na relação figura/fundo da mesma maneira. Por exemplo, os verbos ir e partir. Para o autor os dois verbos podem se comportar de forma

diversa relativamente à extensão do intervalo $L_i - L_j$, ou seja, pode haver maior ou menor [longinquidade] que o estado de coisas do verbo admite como fundo, pois a oposição é mínima entre partir e ir. Partir concebe obrigatoriamente o intervalo $L_i - L_j$ como longo, o mesmo não acontecendo com ir, onde pode ocorrer uma variação longa ou curta, assim como nas expressões: *Ele foi ao Porto X *Ele foi. Ele partiu para o Porto X Ele partiu.* (TEIXEIRA, 1997, p. 334)

Em se tratando do verbo **bater**, há uma questão importante a ser levada em consideração. Trata-se de sua participação nas CLC(B)s. Nessas circunstâncias, o verbo deixa de funcionar com seu sentido pleno e se caracteriza pela composição, permanecendo na categoria dos verbos de movimento, como já assinalado. Entretanto, a ocorrência de metáfora só é identificada no contexto discursivo. Assim, com base nesses postulados, classificamos **bater** [+ longitudinal] e [± durativo].

Em nossos dados, **bater** comporta a extensão do intervalo $L_i - L_j$ [+ longínqua] e a duratividade de forma diversa. O estado das coisas considerado engloba a ideia de um termo distante, pelo menos na ordem da intenção. **Bater** é atualizado nos contextos pragmáticos e varia conforme a intenção do sujeito. Entretanto, nas CLC(B)s mantém sempre a mesma forma (*verbo + nome ou variações*). Eis alguns exemplos:

(8) (...) Não é preciso aumentar taxas de juros, cortar gastos ou **bater nas crianças**.

(9) (...) Marcelinho tava pra **bater a falta**, quando perguntou pra Jesus: e aí, Jesus, o que eu faço?

(10) Marcelinho reebou pela esquerda e chutou cruzado, rasteiro para **bater André**.

(11) Estou com problemas para **bater o tiro de meta**, sinto dores nos treinos quando salto muito, quando pulo para o lado direito (...)

Nestas realizações *bater* parece indicar [+ longinquidade]. O estado de coisas do verbo incide sobre o fator intencionalidade [\pm duratividade]. Além disso, o estado de coisas que este verbo reflete expressa de maneiras diferentes o fundo da configuração espaço/tempo. A transferencia semântica, por sua vez, permite que em alguns usos específicos esse traço perca focalização, deslizando sua maior focalização sobre o traço intencionalidade.

Assim, o estado de coisas de *bater* vem sempre expresso em função da própria natureza da forma das CLC(B)s, geralmente variando a duratividade. Desse modo, a manutenção de sua função gramatical como veiculador de sujeito ou de objeto, através das desinências verbais de número e de pessoa ligadas ao verbo, perde suas funções e passa a depender do nome constituinte das CLC(B)s. Por esta razão, os usos isolados do verbo *bater* não serão objeto deste estudo.

2.3.2 A metonímia

Na perspectiva da polissemia de significados, que na linguística cognitiva relaciona-se com as metáforas conceituais, o fenômeno da metonímia assume grande importância para a compreensão de nossos conceitos.

A busca de significados para os usos atribuídos ao verbo *bater*, nas mais diferentes circunstâncias, nos impele a situarmos o fenômeno da metonímia principalmente no que diz respeito aos seus limites com a metáfora.

Em linhas gerais, define-se metonímia como a translação de significado pela proximidade de ideias. A causa pelo efeito, ou vice-versa ou o produtor pelo objeto produzido. (BECHARA, 1999, p. 398)

Para Lakoff e Johnson (2002), o processo metonímico refere-se ao uso de uma entidade para nos referirmos a outra que lhe é relacionada. Exemplo: “Ele

gosta de ler o Marquês de Sade (= o que o Marquês escreveu) (He likes to read the Marquis de Sade).” Estes autores incluem na concepção de metonímia o processo que os retóricos denominam de sinédoque, onde uma parte representa o todo, como nos exemplos “O automóvel está entupindo nossas estradas/O automóvel está congestionando nossas estradas. (=o conjunto de automóveis) (The automobile is clogging our highways).” (LAKOFF e JOHNSON, 2002, p. 92)

A metáfora e a metonímia constituem processos diferentes apesar da aproximação de usos. Dessa forma, enquanto a metáfora consiste no modo de conceber uma coisa em termos de outra, cuja função principal é a compreensão, a metonímia apresenta uma função referencial. Lakoff e Johnson enfatizam ainda que as metonímias, estando presentes em nosso cotidiano, têm a função de propiciar o entendimento, permitindo-nos focalizar mais especificamente certos aspectos da entidade a que nos referimos. Por exemplo, PARTE PELO TODO, que chamamos de ROSTO PELA PESSOA: “Ele é só uma cara bonita (She’s just a pretty face). Também em “Precisamos de umas caras novas por aqui (We need some new faces around here)”. (LAKOFF e JOHNSON, 2002, p. 93-94) De vez em quando, deparamo-nos com situações de a metonímia confundir-se com a metáfora, como no exemplo a seguir:

(12) O cara de classe média alta, ele simplesmente dizia: “A violência não é comigo”. Só que agora a água começou a *bater na classe média alta*. Começou a *bater nos ricos*.

(*Corpus* Folha-SP, 09/11/99[64]. Destaque nosso)

Significa que a violência é tamanha, comparando-se à grandeza do mar, do oceano. Tanta água que sufoca, ou seja, o subir das águas (a violência) sufoca os indivíduos, neste caso, as ricos. Nesta oportunidade, configura-se um caso de metonímia.

Na sequência, abordaremos a metáfora sob diferentes olhares.

2.3.3 *Batendo* no processo de metaforização: do paradigma clássico às teorias linguísticas atuais

É amplo o universo literário que aborda a temática metáfora, principalmente a partir da segunda metade do século XX. Parafraseando Marcuschi (2007, p. 119), será possível acrescentar algo de novo ao conceito de metáfora definido na Poética de Aristóteles?

Retomar a discussão sobre metáfora significa rever incondicionalmente Aristóteles, para fugir das críticas que Marcuschi (2007, p. 119) dirigiu aos “desbravadores” Lakoff e Johnson (1980), por não mencionaram o filósofo Quintiliano e outros importantes estudiosos da tradição.

Partindo de algumas abordagens clássicas, revisitamos essa temática no intuito de renovarmos a discussão sobre o assunto. Nesse sentido, acrescentamos algumas questões relevantes para as construções linguísticas relativas ao paradigma verbal constituído com *bater*, que denominamos de CLC(B)s, conforme já registramos.

Em meio à literatura que abrange o campo da linguagem, especificamente em relação à cognição e à metáfora, limitamo-nos aos trabalhos de maior relevância para a presente pesquisa, por exemplo a teoria da metáfora conceptual de Lakoff e Johnson (1980), antes citada. Complementarmente, estabelecemos um diálogo com o artigo “A propósito da metáfora”, Marcuschi (2007), em função das características elucidativas e históricas que o texto encerra sobre a temática em questão, além dos relevantes estudos de Searle (2002).

Consoante a retórica tradicional, ciência se faz com a razão; poesia com imaginação e metáfora. Nessa visão, pensar com metáforas significa excluir o discurso científico com sua linguagem clara, precisa e determinada.

Na Retórica, Aristóteles (2007, p. 151) enfatiza que a metáfora impõe clareza, charme e distinção ao estilo, assim como nenhuma outra prática pode fazê-lo,

sendo algo cujo uso não pode ser transmitido de um homem para outro. As metáforas e os epítetos devem ser adequados para corresponderem razoavelmente à coisa significada.

Como ilustração, Aristóteles (2007, p. 151) toma o seguinte exemplo: “um homem que ‘suplica’ por orações é um homem que ora ‘súplicas”. Sendo assim, Ifícrates trata Cálías como ‘sacerdote mendicante’, em vez de ‘líder espiritual’. Cálías, por sua vez, contesta que Ifícrates deveria ser iniciante, ou não o teria chamado de ‘sacerdote mendicante’, mas de ‘líder espiritual’.

Aristóteles (*op. cit.*) ainda faz menção à metáfora inoportuna, ocasião em que as sílabas das palavras conduzem-nas a deixar de indicar a doçura da expressão vocal. Assim considerando, Aristóteles denomina de péssima metáfora a expressão de Dionísio quando se referiu à poesia tratando-a como ‘discurso de Calíope’, concluindo, é péssima, pois os sons dos ‘gritos’, diferentemente daqueles da poesia, são discordantes e inexpressivos. Além disso, com o uso da metáfora dão-se nomes às coisas inomináveis. Por isso, a metáfora não deve ser extraída das coisas distantes, mas sim das coisas semelhantes e análogas de tal forma que a similaridade seja claramente percebida tão logo as palavras sejam ditas.

Na mesma ótica, Aristóteles (2007, p. 151) enfatiza que metáfora é o caminho para obtermos algo novo. Em sendo assim, a afirmação “A velhice é um talo murcho” nos conduz a uma ideia nova que significa a noção geral de florescência, elemento comum a ambas as coisas. (ARISTÓTELES, 2007, p. 165) Continua o filósofo, “os materiais da metáfora devem ser belos aos ouvidos, ao entendimento, aos olhos ou a qualquer outro sentido físico”, exemplo: “É melhor dizer ‘manhã dos dedos rosáceos’ do que dos ‘dedos carmesins”. (*op. cit.*, p. 152)

Como se vê, a metáfora é uma questão de estilo. Seguramente uma forma de dizer o que não poderia ser dito de outro modo.

Aristóteles coloca ao mesmo nível a relação entre metáfora e símile. Dessa forma, quando a símile é empregada como metáfora difere dela apenas no modo de apresentação, mas em geral a símile é mais longa, tornando-se menos atrativa.

As metáforas não devem ser forçadas, ou haverá dificuldade de compreensão, nem óbvias, ou deixarão de produzir efeitos. O filósofo considera a linguagem metafórica enigmática, diante das características do enigma “coligindo absurdos, dizer coisas acertadas, o que se obtém, não quando se juntam nomes com o significado corrente, mas sim, mediante as metáforas”.(ARISTÓTELES, 1993)

Na Filosofia, o enfoque da linguagem incide sobre as condições de verdade, herança advinda do objetivismo, portanto absoluta, racional, justa e imparcial.

O “mito do objetivismo”⁸, fato presente nas correntes da filosofia ocidental, tem como asserto a visão de que é possível o acesso à verdade absoluta. Esse processo compreende a linguagem como uma representação da realidade objetiva, razão pela qual a linguagem figurada - principalmente a metafórica - deveria ser sempre evitada na medida em que se pretenda falar objetivamente. É recente a visão de que as metáforas são conceptuais por natureza.

O paradigma objetivista passa por uma ampla revisão a partir do século XX, década de 70. O processo provocou reformulações na ótica de conceber a objetividade, a compreensão, a verdade, o sentido e o significado, e consistiu em recusar a possibilidade de existir qualquer acesso verdadeiro à realidade, do ponto de vista epistemológico. Tal recusa tem implicações nas questões ideológicas, como enfatizam Lakoff e Johnson:

Em uma cultura em que o mito do objetivismo está muito vivo e a verdade é sempre absoluta, as pessoas que conseguem impor suas metáforas à cultura conseguem definir também o que consideramos verdadeiro – absoluta e objetivamente verdadeiro. (LAKOFF e JOHNSON, 2002, p. 262)

Nesse cenário, também é objeto de refutação o dogma da metáfora como figura de retórica. Portanto, rever o conceito de metáfora implica em agir da

⁸ Lakoff e Johnson (2002, 294) fazem uma ampla discussão a respeito dos mitos objetivista e subjetivista, situando-os como condição necessária para compreendermos a experiência humana. “Os mitos oferecem-nos maneiras de compreendermos a experiência; eles organizam nossas vidas”.

mesma forma relativamente à concepção de linguagem, no sentido abrangente de língua escrita e falada. Dentre os pesquisadores que abordaram a questão destaca-se Derrida (1967-2004), com enfoque direcionado para a questão ontológica ou metafísica, relativa ao significado da metáfora.

Lakoff e Johnson (2002), em análises acerca de como compreendemos o mundo, consideram que a vida humana é organizada sob uma perspectiva objetivista, isto é, ou acreditamos na verdade absoluta ou criamos o mundo a nossa própria semelhança. Os autores enfatizam que os mitos fazem parte de nossa cultura e nos auxiliam na compreensão da experiência: “Como as metáforas, os mitos são necessários para fazer sentido do que se passa ao nosso redor”. (LAKOFF e JOHNSON, 2002, p. 294)

Em função dessas reflexões, os estudiosos propõem uma terceira via, um novo mito, o experiencialista, diferente do objetivismo quanto do subjetivismo, correntes essas que priorizavam as emoções, o conhecimento intuitivo, a imaginação, os sentimentos humanos e a arte. Na visão experiencialista, a verdade fundamenta-se na compreensão, que é relativa a um sistema conceptual.

A ruptura paradigmática permite a interação dos vários elementos que compõem os processos cognitivos. Na complexidade que caracteriza o campo da linguagem, ganha crédito o caráter relativista já que o mundo objetivo não nos é diretamente acessível, e sim construído a partir de influências restritivas do conhecimento e da linguagem.

Essa reviravolta conceitual permitiu que a metáfora passasse a ter o seu valor cognitivo reconhecido, implicando em mudança de *status*. A metáfora, de simples figura de retórica, ascendeu ao *status* de operação cognitiva fundamental. Essa atualização, a partir da década de 70, torna a metáfora objeto de interesse central das ciências humanas, mais especificamente da linguagem e da psicologia cognitiva.

Nesse contexto, Lakoff e Johnson publicam o livro *Metáforas da vida cotidiana* (1980-2002), versando sobre metáfora e cognição e introduzindo a ruptura paradigmática iniciada desde 1970, ocasião na qual a perspectiva objetivista

da metáfora estava sendo revisitada. Apesar do fato consistir em aparente caráter inaugural de rompimento, antes desse acontecimento já eram notórias as reflexões sobre uma linguagem não especificamente restrita à estilística, mas inserida no âmbito de um ampliado campo das construções metafóricas.

Esse momento também representa uma ruptura com o paradigma da tradição retórica iniciada com Aristóteles no século IV a.C. Assim sendo, Lakoff e Johnson deslocam a metáfora do plano das figuras de retórica para o do conhecimento, em que preexiste um sistema conceptual subjacente à linguagem, influenciando nossos pensamentos e ações. O comportamento das metáforas da vida cotidiana manifestam-se de diferentes maneiras na língua.

Searle (2002, p. 121), estudando as metáforas, analisa uma série de questões que envolvem as emissões que o falante quer significar metaforicamente ao invés de literalmente

Procurando entender como a metáfora funciona, o autor busca explicar como se distinguem os significados do falante, das sentenças e das palavras. Como é possível dizer uma coisa para significar algo diferente, nas ocasiões em que alguém tem sucesso na sua comunicação, embora produtores/leitores (falantes/ouvintes) saibam que os significados das palavras emitidas não expressam exata e literalmente o que ele quis significar?

Searle (*op. cit.*) chama atenção para as relações entre o significado da palavra e o da sentença face ao significado do falante da emissão. Entende o autor que, na metáfora, a distinção entre o significado literal e o metafórico não é o ponto mais importante porque as sentenças e as palavras possuem somente os significados que possuem. Isto significa que um falante, no ato de emitir uma sentença, age segundo sua intenção de querer significar, não importando o real significado da palavra expressa ou sentença.

O autor (2002) denominou de significado da emissão do falante tudo aquilo que o mesmo quer significar emitindo palavras, sentenças e expressões. Em oposição, nomeou de significado de palavras ou significados de sentenças aquilo

que as palavras, sentenças e expressões significam. Assim: “O significado metafórico é sempre um significado da emissão de um falante”. (SEARLE, 2002, p. 124)

O ato de definir o que seja metáfora *vs* sentença literal envolve questões relativas às condições de verdade. Segundo Searle (2002, p. 128), em geral: “uma sentença só determina um conjunto de condições de verdade relativamente a um conjunto de suposições não realizadas no conteúdo semântico da sentença”.

A noção de semelhança é outro ponto de convergência para identificar a sentença literal. Isso porque o significado literal de qualquer termo geral, ao determinar um conjunto de condições de verdade, também determina um critério de semelhança entre objetos. Por exemplo, saber que um termo geral é verdadeiro para um conjunto de objetos equivale à certeza de que eles são semelhantes com respeito à propriedade especificada por esse termo.

No processo de distinção sentidos literais *vs* metafóricos, Searle (2002, p. 129) expõe três características que os separam: 1. “numa emissão literal, o falante quer dizer o que diz, isto é, o significado literal da sentença e o significado da emissão do falante são o mesmo”; 2. “geralmente o significado literal de uma sentença só determina um conjunto de condições de verdade relativamente a um conjunto de suposições de base que não fazem parte do conteúdo semântico da sentença”; 3. “a noção de semelhança desempenha um papel essencial em qualquer explicação do que seja uma predicação literal”.

A noção de semelhança desempenha um papel crucial por explicar a emissão literal e esta ser determinante para estabelecer as condições de verdade.

Esse processo nos permite inferir sobre a relação categórica no percurso de abstratização das palavras. Assim sendo, ao considerarmos o verbo *bater* nos contextos metafóricos, a noção de semelhança vai recobrar o seu significado nos usos que se estendem desde o mais concreto para o mais abstrato, como um *continuum*.

Considerando o exemplo “*bater martelo*”, em que o significado da emissão e o significado da sentença são diferentes, percebemos que eles são de várias espécies. O item pode ser emitido para informar a sentença proferida por um juiz, emissão literal. Por outro lado, pode ser utilizado para indicar que alguém decidiu contra o corporativismo, como pode ser verificado abaixo no recorte maior:

(13) A análise isenta do tema torna claro que não seria benéfica ao sistema a proibição à abertura de novos cursos, desde que mantenham qualidade. Especialmente para profissões ligadas às políticas de governo, como educação e saúde, onde o padrão superior dos serviços é essencial. Não seria possível nem sequer restringir novos cursos a regiões em que há carência, pensando em interiorizar o domicílio profissional, até porque cabe ao cidadão escolher onde vai trabalhar após formado. Também é descabido cercear a opção pelo tipo de formação, dependendo de limitações do mercado. O corporativismo de algumas áreas não impedira a necessária expansão do ensino superior brasileiro. *Bater martelo* contra essa política é péssima sentença para o país, sobretudo para áreas carentes de profissionais. É uma condenação que privaria milhões de jovens de uma profissão que sonharam e para a qual se sentem vocacionados.

(*Corpus* Folha-SP, 21/12/99[44]. Destaque nosso)

Em Searle (2002) há registro de outra distinção interessante que diz respeito à paráfrase. Para o autor, as metáforas apresentam-se relacionadas com a paráfrase. Por exemplo, “*Bater duro no presidente*” corresponde à paráfrase criticar seriamente as atitudes do presidente, como se pode depreender do contexto abaixo:

(14) Apertando o calo – A campanha de Manoel de Barros (PTB-AL) ganhou reforço federal semana passada. Mais do que simpatia pelo candidato, o objetivo é responder a Collor, que vem usando o palanque de seu primo Euclides Mello para *bater duro no presidente*. Combustível eleitoral – O governo federal queria colocar a conclusão da BR 401, que vai de Boa Vista até a fronteira com a Guiana, no programa “Brasil em Ação”. Mas descobriu que ela está quase concluída. Devido à eleição, o governo de Roraima acelerou as obras.

(*Corpus* Folha-SP, 31/08/98[56]. Destaque nosso)

Neste outro exemplo “*Vamos nos bater contra a privatização*”, a paráfrase correspondente é decidir contra a privatização ou brigar contra tal atitude.

(15) Pedetista disse para investidores ‘não se meterem’ na privatização Brizola ignora os petistas e volta a falar sobre Telebrás da Agência Folha, em Porto Alegre e da enviada especial a Roma Leonel Brizola (PDT), pré-candidato a vice-presidente na chapa de Luiz Inácio Lula da Silva (PT), voltou ontem a falar sobre a privatização da Telebrás, ignorando a reação dos petistas às suas declarações.

Brizola advertiu os investidores interessados na compra da estatal sobre problemas que o negócio poderá lhes causar. (...)

Ameaça

Ele ameaça uma anulação da desestatização da Telebrás caso Lula seja eleito. “Nós vamos ter de questionar isso aí. Já estamos no Tribunal de Contas e vamos estar no Judiciário. Vamos nos *bater contra a privatização*”, disse.

A entrevista de Brizola foi dada por telefone à rádio Guaíba, de Porto Alegre. Ele criticou o ministro das Comunicações, Luiz Carlos Mendonça de Barros. “Até parece Mendonça da Lama”, declarou Brizola. Segundo ele, o ministro “não tem idoneidade, é um homem de negócios, vive conversando a quatro paredes com os interessados. Um homem público jamais poderia fazer isso”.

(*Corpus* Folha-SP, 18/06/98[86]. Destaque nosso)

Em “*Bater na velha história* da venda do Brasil ao geográfico ou econômico imperialismo”, tem-se a paráfrase tocar no velho assunto a respeito da venda do Brasil.

(16) Privatização não é panacéia. Seguem algumas considerações pragmáticas: empresa privada não é automaticamente eficiente. Consertar pode ser melhor que substituir. Monopólio privatizado ainda é monopólio. Num governo indisciplinado que não sabe administrar a renda das vendas das estatais, o dinheiro some na panela geral (como no caso da CPMF).

A oposição, na realidade defendendo mimados burocratas, não cansa de *bater na velha história* da venda do Brasil ao geográfico ou econômico imperialismo. Não é assim. Cada caso de privatização precisa ser julgado nos próprios méritos. Em cada caso, as duas opções – vender ou consertar – precisam ser avaliadas, mais quantitativamente que qualitativamente.

(*Corpus* Folha-SP, 21/11/98[29]. Destaque nosso)

Ainda segundo Searle (2002), a paráfrase recupera algum sentido do que o falante quis significar, pois a afirmação metafórica do falante será verdadeira se, e somente se, a asserção correspondente a que faz uso da sentença for verdadeira.

O autor (*op. cit.*) sustenta também que para compreender emissões metafóricas, o ouvinte necessita de alguma coisa além do conhecimento da língua, da consciência das condições da emissão e das suposições de base que compartilha com o falante. Assim sendo, o falante/ouvinte deve dispor de alguns princípios ou outras informações factuais que possibilitem imaginar que quando o falante diz ‘S’ é ‘P’, na realidade ele quer significar ‘S’ é ‘R’.

O princípio básico de funcionamento de toda metáfora é que a emissão de uma expressão, com seu significado literal e com as condições de verdade correspondentes, pode, de várias maneiras próprias da metáfora, fazer vir à mente um outro significado e um conjunto de condições de verdade correspondentes. O problema sério da teoria da metáfora é indicar quais são exatamente os princípios segundo os quais a emissão de uma expressão pode fazer metaforicamente vir à mente um conjunto de condições de verdade diferente do que é determinado por seu significado literal, e enunciar esses princípios com precisão e sem o uso de expressões metafóricas como ‘fazer vir à mente’. (SEARLE, 2002, p. 135)

De um modo geral, até então, os estudos sobre a metáfora apresentam-na sob dois enfoques. Um deles, através das teorias baseadas em Aristóteles, que se voltam para a comparação entre dois objetos. O outro fundamenta-se nas teorias da interação semântica, que tem entre seus teóricos mais destacados, segundo Searle (2002), Beardsley e Black (1962).

Searle (2002, p. 136) considera equivocadas estas vias de concepção da metáfora porque a asserção metafórica não é necessariamente de semelhança, mesmo quando há objetos de comparação, pois as asserções metafóricas nem sempre são de semelhança. Nessa visão, a semelhança está relacionada com produção e compreensão da metáfora, não com seu significado, portanto metáfora não é sinônimo de semelhança.

Lakoff e Johnson (2002) opõem as dicotomias razão e emoção *vs* literal e metafórico. Os autores, conforme vimos anteriormente, propõem um enfoque

experencialista que vai compor uma síntese na qual a metáfora seria uma racionalidade imaginativa que une razão e imaginação. É o que denominam de terceira via.

A proposta desses autores conclui que o mundo é compreendido por meio de metáforas porquanto muitos dos conceitos básicos como tempo, quantidade, estado, ação, e dos emocionais, como amor e raiva, são interpretados metaforicamente.

Lakoff e Johnson (2002) partem do pressuposto de que a ocorrência de metáforas consiste no processo de “compreender e experienciar uma coisa em termos de outra”. Esse sistema conceptual exerce um papel central na definição de nossa realidade cotidiana, pois a maioria das atualizações linguísticas por nós experienciadas cotidianamente são metáforas. (LAKOFF e JOHNSON, 2002, p. 46) Trata-se de nosso relacionamento ante o mundo, com a permanente produção de símbolos inerentes à linguagem, no processo dialógico de sua representação.

Ainda sobre a metáfora, Marcuschi (2007, p. 121) prioriza questionamentos como o fator criatividade, por exemplo, cujo fundamento parece situar-se muito mais no âmbito do “não-previsto”. Para este estudioso, é sobre o caráter do “não-previsto”, situado em algum misterioso ponto limite, que devemos focalizar nossa atenção.

Os signos linguísticos constituem o material utilizado pelo homem em sua atividade cognitiva. Em sendo assim, a criatividade se verifica na contínua seleção cognitiva operada em face da realidade e não na combinação dos símbolos como tal. Os símbolos, portanto, são recursos institucionalmente garantidos para exercerem atividade primeira. O discurso se desenvolve nas relações entre pensamento e linguagem.

Considerando que a imprevisibilidade da capacidade criadora se encontra ao nível da atividade produtora do conhecimento que os símbolos transmitem, e não ao do uso de símbolos linguísticos, a criatividade vai se determinando como um processo que viola os símbolos, dando-lhes algo que no sistema abstrato não estava

previsto. As metáforas emergem como algo inerente à linguagem, no âmbito do não previsto. Sobre a noção de criatividade, afirma Marcuschi:

[...] me parece não haver criatividade em todos os atos de fala, mas apenas naqueles em que algo mais do que a convenção, o uso e o saber comum estejam presentes. Criar é algo mais do que simplesmente usar a linguagem em situações contextualmente novas. É fazer com que a linguagem consiga transmitir aquilo que foi criado à sua revelia e à margem do instituído. (MARCUSCHI, 2007, p. 121)

A metáfora não é apenas um recurso de figuras de linguagem. Trata-se de “um modelo específico de conhecer o mundo” (MARCUSCHI, 2007, p. 121) que, ao lado do conhecimento lógico-matemático, tem sua razão de existir, e instaura uma série de valores, de outra forma perdidos ou não encontrados.

Sob essa ótica, a metáfora é vista como ponto de apoio para uma análise da capacidade criativa espontânea do indivíduo, sendo uma transposição de significado, do ponto de vista operacional, e não uma simples transferência de significado ou uma comparação abreviada. Sob os pontos de vista genético e psicolinguístico, a metáfora seria a criação de novos universos de conhecimento, de uma nova realidade.

Marcuschi (2007, p. 122) substitui as noções de transposição e comparação por composição e criação. Nesse sentido, a metáfora é entendida como propulsora da criatividade da linguagem, e funciona como um recurso reestruturador da realidade, criando novas áreas de experiência que fogem ao indivíduo limitado à realidade puramente factual. Eis porque sua realidade é subjetivamente comunicável. A principal tese do autor é:

(...) a metáfora não é fruto da comparação e sim, no máximo, uma base para uma comparação a posteriori. A ordem psicológica tem aqui prioridade sobre a ordem lógica. É a metáfora que funda a comparação e não o contrário. (MARCUSCHI, 2007, p. 123)

A asserção da metáfora é abstraída do plano literário, assim como nos estudos lakoffianos, para ser tratada no plano da vida cotidiana. Sobre linguagem,

pensamento e razão, Marcuschi em comunhão com Vigotsky (2005), conclui que a “metáfora é anterior à razão e serve de meio para aferir a capacidade criativa do homem.” Complementa o autor, “ela é inclusive o estado normal da criança, que convive com a palavra do mesmo modo que convive com os objetos.” (MARCUSCHI, 2007, p. 123)

Desse modo, grande parte de nossa linguagem cotidiana baseia-se em metáforas “conscientes” ou já “congeladas”, conforme conceituação de Goodman. (1968, p. 77-85)

Marcuschi (2007, p. 125) destaca Paul (1963) quando afirma que “a língua não passa de um ‘dicionário de metáforas empalidecidas’. Entretanto, esse questionamento depende de como se dá a natureza do processo de sua formação.

A concepção aristotélica de metáfora como sendo “transposição do significado de uma palavra”, relativa aos significados “autênticos” *vs* “transpostos”, foi combatida pelo filósofo alemão H. Lipps (1958, p. 66 *apud* MARCUSCHI, 2007, p. 126). Marcuschi corroborou a argumentação de H. Lipps, desse modo não há “significado originário” e sim “origem de um significado”, fato que torna inadequada a definição aristotélica.

Fosse a metáfora, consoante a concepção aristotélica, apenas uma “transposição de significado”, o que diríamos de ocorrências como as verificadas nas aplicações em que o verbo **bater** assume diferentes sentidos de usos? Nessas ocorrências nem sempre percebemos a “transposição de significado”, mas as definimos como metáforas, como no exemplo “**Bater as botas**”, significando morrer que, dependendo do contexto, constitui uma expressão idiomática (EI). “**Bater um bumbo**”, na citação abaixo, remete para a discussão de prioridades contidas no Plano Plurianual nos Estados. Neste contexto, significa uma expressão metafórica (EM).

<p>(17) O governo vai bater um bumbo para o Plano Plurianual nos Estados. Começa por Palmas (TO), onde hoje estão os ministros Aloysio Nunes (Séc. Geral) e Martins Tavares (Planejamento) para debates.</p>

(*Corpus* Folha-SP, 17/09/99[81]. Destaque nosso)

Nessa compreensão, o que é transposição de significado? O que é metáfora? Em que difere a metáfora da polissemia, com seus diferentes usos? Seria a metáfora apenas impacto, como questiona Marcuschi? A assimilação do impacto seria o princípio do enriquecimento da linguagem?

Na realidade, entendemos que as expressões metafóricas sugerem aspectos que as palavras não podem apresentar em seu significado literal, mas fazem parte da linguagem cotidiana, como enfatiza Lakoff e Johnson (2002).

Com razão, Blumentberg (1971, p. 191 *apud* Marcuschi, 2007, p. 126) afirma que o “campo de uso da metáfora é o lugar da formação de conceitos de outro modo impossíveis, malogrados ou não concretizados”. Expressões como “a recepção foi fria” ou “o dia está triste” dizem muito mais do que se quiséssemos obter o mesmo efeito cognitivo através de descrições literais para este conteúdo emotivo ou subjetivo.

A noção “transposição do significado de uma palavra” é escorregadia. Para Marcuschi (2007, p. 126) uma expressão metafórica nem sempre tem uma correspondente literal. A palavra ‘animalesco’, por exemplo, caracteriza um comportamento humano; houve aqui algum sentido transferido? Por acaso, ‘animalesco’ caracteriza algum animal? “Na prática, ‘animalesco’ representa um pleonasma que funciona para caracterizar alguém com atitudes semelhantes a animais, sob o crivo das exigências humanas”. Esta noção também é corroborada por Searle (2002, p. 136) quando afirma que a metáfora não é sinônimo e semelhança.

Outro exemplo elucidativo da questão, de H. Lipps (1958, p. 69-72 *apud* MARCUSCHI, 2007, p. 127), “para caracterizar a ignorância de alguém, o denominamos ‘um burro’ ou ‘um camelo’. Entretanto, os camelos não são de forma alguma ignorantes, e um burro não é ‘um burro’ no mesmo sentido que um homem o é”. Tais observações comprovam não haver fundamento pleno na noção de metáfora apenas como transposição de sentido.

Diante dos impasses, parece-nos adequado estabelecermos noções claras do que seja uma metáfora, inclusive levando em consideração aquelas já esmaecidas pelo uso, o que torna pressuposto a noção de metáfora criativa. Então, se a metáfora não é exatamente uma forma comparativa, qual seu objetivo no discurso?

Então, concordamos com Marcuschi (2007) por afirmar ser preciso estabelecer uma tipologia da metáfora, a fim de que se possa decidir quando se está ou não em face de metáforas.

O sistema conceptual humano nem sempre se estrutura de forma consciente. Em nossos atos da vida diária pensamos e agimos de forma quase automática, seguindo certas linhas de conduta que não se deixam apreender facilmente.

Como pode-se observar, essa temática é difícil. Diante da explanação que procedemos, entendemos que a linguagem metafórica é inerente ao uso e à aquisição da linguagem. Nesse entendimento, consideramos que linguagem metafórica está para a vida assim como a linguagem para o pensamento, como produto de nossas experiências.

A metáfora pode apresentar uma relação de similaridade de significados em função dos usos representados no *continuum* do concreto para o mais abstrato. Seu significado se estabelece no uso compartilhado entre os falantes. Além disso, a paráfrase constitui-se um parâmetro oportuno, mas não inteiramente fiel para estabelecer a relação literal/metafórico, embora a semelhança funcione como uma estratégia de compreensão, não como um componente do significado.

Em relação às gramáticas e dicionários, o entendimento da concepção metafórica baseia-se predominantemente na Filosofia, conforme se depreende nos verbetes seguintes.

O gramático Bechara (1999, p. 397) registra sobre a metáfora: “translação de significado motivada pelo emprego em solidariedade, em que termos implicados pertencem a classes diferentes, mas pela combinação se percebem também como assimilados.” O estudioso alerta para os aspectos que distinguem as metáforas linguísticas das motivadas. Desta forma as metáforas linguísticas caracterizam-se

por serem promovidas linguisticamente pelo descompasso dos termos implicados nas solidariedades. As metáforas motivadas são geradas extralinguisticamente pelo nosso saber sobre as coisas, como em “não ponha a carroça diante dos bois” que expressa uma inversão incorreta de uma ação ou de um juízo.

O dicionário Aurélio (2004) define metáfora como “tropo que consiste na transferência de uma palavra para um âmbito semântico que não é o do objeto que ela designa, e que se fundamenta numa relação de semelhança subentendida entre o sentido próprio e o figurado, translação”.

Houaiss (2001) registra o verbete como a “designação de um objeto ou qualidade mediante uma palavra que designa outro objeto ou qualidade que tem com o primeiro uma relação de semelhança”. Como se vê, Aurélio e Houaiss partem basicamente do mesmo ponto de vista: a tradição aristotélica, que sendo corroborada pela tradição escolar, reflete-se no senso comum da sociedade.

Neves (2003, p. 517), ao confrontar regras e usos no Guia de Usos do Português, considera a metáfora um procedimento de linguagem que consiste numa transposição de significado, ocasionada pela similaridade de conceitos. Segundo a linguista, trata-se genericamente de uma comparação subentendida.

Esses apontamentos justificam nossa proposta de análise, a qual pode ser concretizada com a aplicação do modelo funcionalista e sua relação com a abordagem cognitiva da metáfora de Lakoff e Johnson (2002). Acreditamos que essa abordagem multifuncional possibilita a interpretação das diversas formas de realização da linguagem. Interpretação essa que emerge baseada no fato de a significação das palavras não surgir em função do aspecto puramente linguístico, mas decorrer das condições de produção e de sua relação social, como um fenômeno ideológico por excelência. Um signo que “reflete” e “refrata” outra realidade, como já asinalado. (Cf. BAKHTIN, 1995 p. 32)

Na subseção seguinte, nosso enfoque recai sobre metáfora *vs* subcategorização.

2.3.4 Metáfora conceptual vs subcategorização

Aqui situamos os fundamentos da metáfora com destaque para as subcategorizações que estruturam as CLC(B)s.

Para cima, para baixo, dentro, fora, objeto, substância etc são exemplos de conceitos simples nos quais as metáforas se fundamentam. É assim que elaboramos os conceitos presentes em nosso cotidiano, a partir de referências como as citadas.

Lakoff e Johnson (2002), fundamentando-se nos questionamentos de Reddy (1979, p. 290, *apud* LAKOFF E JOHNSON, 2002) acerca do arcabouço da metáfora do canal, tratam dos seguintes princípios: 1) a linguagem funciona como um canal, pois transfere pensamentos corporeamente de uma pessoa para outra; 2) na fala e na escrita, as pessoas inserem seus pensamentos e sentimentos nas palavras; 3) as palavras realizam transferências por conterem pensamentos e sentimentos e conduzi-los às outras pessoas; 4) ao ouvir e ler, outras pessoas novamente extraem das palavras pensamentos e sentimentos. (REDDY, 1979, p. 290 *apud* LAKOFF E JOHNSON, 2002, p. 16)

Com base nessas reflexões, os estudiosos abordam o assunto com mais clareza. Tratando das metáforas conceptuais subjacentes às expressões metafóricas, demonstram que ocorrências antes percebidas como expressões linguísticas individuais, refletindo metáforas mortas diferentes, em verdade governam-se por generalizações, como metáforas conceptuais ou conceitos metafóricos.

Os conceitos que orbitam nossos pensamentos ultrapassam as questões do intelecto, e conduzem as nossas atividades cotidianas mais corriqueiras, estruturando o que percebemos, o modo como nos comportamos no mundo e a maneira através da qual nos relacionamos com outras pessoas. O sistema conceptual exerce um papel central na definição da nossa realidade cotidiana. É por meio de metáforas que experienciamos a linguagem diária.

Lakoff e Johnson (2002), diante das correlações sistemáticas presentes em nossas experiências, classificam as metáforas em estruturais, ontológicas e orientacionais. Esses estudiosos introduzem avanços em relação a Reddy (1979), ao fazerem uma análise de enunciados da linguagem cotidiana e perceberem a revelação de um imenso sistema conceptual metafórico que governa nossos pensamentos e ações. Assim considerando, as metáforas representam uma forma de falar, de pensar e de agir, em nossas comunicações do dia a dia.

Em DISCUSSÃO É GUERRA, por exemplo, os autores fornecem o conceito de metáfora que consiste em “compreender e experienciar uma coisa, em termos de outra” (LAKOFF e JOHNSON, 2002, p. 48). Desse modo, discussão é experienciada como se estivéssemos em uma guerra. Novos argumentos se desdobram, ratificando outros e também enfatizando a retórica, conforme apresentamos a seguir:

DISCUSSÃO É GUERRA

Seus argumentos são indefensáveis;

Ele atacou todos os pontos fracos da minha argumentação;

Suas críticas vão direto ao alvo;

Destruí sua argumentação;

Jamais ganhei uma discussão com ele. (LAKOFF e JOHNSON, 2002, p. 46)

Esses enunciados, reflexos de nossas experiências, apontam para discussão num clima de linearidade que perfaz uma disputa pelo poder, onde haverá vencedores e vencidos, reforçando nossa compreensão para discussão como guerra. A fala se realiza através de estratégias discursivas que são parcialmente estruturadas pelo conceito de guerra. As discussões não sendo aleatórias, seguem padrões dentro de uma sistematicidade. Nessa perspectiva, são recorrentes as expressões provenientes do vocabulário de guerra: “indefensáveis, atacou todos os pontos

fracos, direto ao alvo, destruí etc”, que constituem uma forma sistemática de expressar os aspectos bélicos sempre presentes no ato de discutir.

Fica claro que um conceito metafórico, como o citado, estrutura-se a partir de diferentes expressões linguísticas não aleatórias, formando um sistema que compõe um *continuum* coerente. A metáfora é primordialmente conceptual, faz parte do sistema ordinário do pensamento e da linguagem, como afirmam (LAKOFF e JOHNSON, 2002, p. 48): “A linguagem da discussão não é poética, ornamental ou retórica; é literal. Falamos sobre discussão dessa maneira porque a concebemos assim – e agimos de acordo com o modo como concebemos as coisas”.

Os diferentes modos de expressão constituem subcategorizações que estruturam os conceitos metafóricos. A distinção entre subcategorização e metáfora é tênue. A subcategorização contém atividade e traços estruturais em número suficiente para assim caracterizá-la, a metáfora consiste numa diferença no tipo de atividade e estruturação parcial das partes selecionadas.

Lakoff e Johnson (2002, p. 161) assentam uma clara distinção entre estruturação metafórica e subcategorização. A partir do exemplo de subcategorização representado por ‘Uma discussão é uma conversa’, onde discussão e conversa carregam todos os traços de uma conversa, os autores estabelecem os seguintes itens como critérios para caracterizá-la como tal: a) o mesmo tipo de atividade; b) mesmos traços estruturais como suficientes.

Retornando ao tema DISCUSSÃO É GUERRA, os autores consideram-no como metáfora, amparados nos seus critérios: a) uma diferença no tipo de atividade; b) estruturação parcial, como uso de certas partes selecionadas.

É de se notar que os termos “discussão” e “guerra” são basicamente tipos diferentes de atividade. DISCUSSÃO é parcialmente estruturada em termos de guerra, mas configura um tipo diferente de atividade, porque envolve fala em lugar de combate, incluindo estrutura parcial porque são usados apenas alguns elementos

selecionados do conceito de GUERRA. Entretanto, mesmo assim, nem sempre é possível distinguir subcategorização de metáfora.

Neste outro exemplo, “DISCUSSÃO É LUTA”, encontramos ambiguidade. Lutar e discutir podem fazer parte do mesmo campo semântico, entretanto nem sempre fica claro a qual campo semântico pertence LUTA, se ao campo psicológico ou físico. Se o conceito de LUTA envolver ambos os domínios, físico e psicológico, a estrutura poderá constituir uma subcategorização. (Cf. LAKOFF e JOHNSON, 2002, p.161-162) Vendo-se por outro ângulo, se entendermos LUTA como um ato puramente físico, infligindo dor psicológica no sentido metafórico, então podemos considerar “DISCUSSÃO É LUTA” como metáfora.

A fluidez de significados entre as definições de subcategorização *vs* metáfora converge para o estágio da coerência metafórica. Então, sendo a coerência um dos aspectos fundamentais para os resultados pretendidos, qual o objetivo da metáfora? A apreensão desse conceito está atrelada aos fins da metáfora.

Com efeito, a razão principal para introduzirmos essa reflexão origina-se no fato de haver perdurado na literatura o entendimento de que as metáforas constituíam principalmente recursos estilísticos de significado não literal, quase exclusivos do campo da poesia, este lugar comum da imaginação e da metáfora.

Metáfora bem sucedida é aquela que atinge o seu objetivo, qual seja o de compreender um aspecto do conceito.

As metáforas são compostas quando nelas existe justaposição de objetivos correspondentes e caracterizam-se em termos de implicações metafóricas compartilhadas e de correspondências que se estabelecem entre elas.

Em conformidade com (LAKOFF E JOHNSON, 2002, p. 179-180), as construções metafóricas complexas podem ter origem em duas fontes:

a) com frequência, nas metáforas que estruturam parcialmente um único conceito;

b) quando, ao discutir-se um conceito, usamos outros que são entendidos em termos metafóricos, levando a justaposições metafóricas posteriores.

As metáforas complexas são tipificadas como “fortes” ou “fracas”, (LAKOFF E JOHNSON, 2002, p. 179-180), com fundamento na compreensão dos argumentos como conexões relativas às ideias que se desdobram numa progressão argumentativa. Diante do conceito de DISCUSSÃO, por exemplo, algumas ideias e conexões podem ser mais básicas, outras mais óbvias. Assim sendo, a qualidade da argumentação presente em uma discussão dependerá de seu conteúdo, da força das conexões que a argumentação estabelece, do seu caráter direto, e da facilidade que oferece para sua compreensão. No contexto da comunicação cotidiana surgem metáforas frequentemente utilizadas e de fácil apreensão, mas que produzem pouco ou nenhum impacto.

Considerando os termos DISCUSSÃO, GUERRA, VIAGEM, CONSTRUÇÃO etc, podemos identificar neles uma rede de conexões coerentes, ou seja, uma rede de metáforas da vida cotidiana. Os casos que apresentam expressões metafóricas isoladas, como “cobrir aqueles pontos, colocar contrafortes em discussões, atingir o núcleo de uma discussão, atacar uma posição, mergulhar fundo”, revelam-se não aleatórios. Com efeito, essas expressões fazem parte de sistemas metafóricos que, tomadas em conjunto, vão indicar a complexa finalidade de caracterizar o conceito de discussão em seus aspectos, da maneira como o concebemos.

Na sequência, faremos uma revisão literária sobre o verbo *bater*.

3 SOBRE OS SIGNIFICADOS DO VERBO *BATER*

3.1 A TRADIÇÃO LITERÁRIA

Diferentemente de outrora, os atuais estudos sobre os fenômenos que permeiam a linguagem não mais consideram a língua como um sistema estático, constituído por signos dissociados do contexto vivo. Assim sendo, hoje, compreender satisfatoriamente a língua depende de se admitir sua dinâmica provocadora de influências internas e externas, estas perpassadas ao contexto discursivo. Nessa visão, o ato de descrever uma palavra torna-se tarefa difícil. Essa empreitada transforma-se num processo envoltório da veiculação de dimensões semânticas diversas, atreladas às correlações que cruzam os significados linguísticos, em face da dualidade constitutiva da linguagem, como enfatiza Bakhtin (1995).

Durante o processo de compreensão da linguagem concorrem e ocorrem as dimensões semasiológica e onomasiológica. Fatores como a dimensão contextual, os sociais, os culturais, os pragmáticos e os históricos também integram essa busca pela significação lexical.

A dimensão semasiológica (estrutura interna) e seus valores semânticos ocorrem no momento em que o ouvinte apreende a cadeia sonora, ou quando faz a descoberta (operação mental) dos valores expressionais captados.

A semasiologia opõe-se ao mecanismo onomasiológico, como instrumento de análise. Segundo Pottier (1968) e Baldinger (1970), estes instrumentos são importantes para a metodologia a ser seguida por um linguista, devendo ser entendidos como mecanismos utilizados pelos participantes no momento da comunicação.

A dimensão onomasiológica (estrutura externa) corresponde ao momento no qual o ouvinte receptor da mensagem partilha a significação ou um mesmo conteúdo genérico com o interlocutor. (Cf. ALVES, 1998, p. 19)

Nesta pesquisa estamos considerando complementarmente os estudos verbais realizados por Alves (1998, 2009), tratando da análise das alterações funcionais e das condições de uso e discursivização de ‘levar’, nas perspectivas funcional e formal da língua. Procedimento idêntico adotamos em relação a Silva (1995), quando aborda a descrição e funcionamento semântico do verbo “deixar”, as correlações entre os seus significados e suas formas sintáticas. Utilizando-nos de procedimentos similares aos utilizados pelos autores citados, palmilharemos o paradigma relativo ao verbo *bater*.

Neste capítulo descrevemos o verbo *bater* e suas variantes. Com este propósito, partimos das informações contidas nos principais dicionários, desde os registros mais antigos, aos atuais, bem como de dados extraídos do *corpus*, entre os anos 1999-2000 e 2007-2008⁹. Sequenciando, destacamos as relações semânticas entre os elementos que contribuem para a coerência interna do verbo.

Investigando o desempenho do verbo *bater* desde o Latim Clássico, *battĕre* de *Battuĕre*, em P. Machado (1952?), Saraiva (2000, p. 142-143); Borba (1999 *et. al.*, p. 143-143); Neves (2003, p. 118); Houaiss (2001) e Aurélio (2004), empenhamo-nos em caracterizar sua evolução semântica.

Quadro 1 – P. MACHADO – Dicionário etimológico da Língua Portuguesa (1952?)

Bater verbo do Latim - *battĕre* de *Battuĕre*, *bater*, agredir; *bater* para abrandar; esgrimir; *battuĕre* era vocábulo popular, raro nos textos, já abonável em Plauto (...) tem numerosos sentidos, a maior parte comuns aos principais idiomas românicos pelo que podemos considerá-los já pertencentes ao Latim do século XIV (...).

(Destaques nossos)

⁹ Os detalhes do *corpus* estão descritos na Metodologia, Capítulo 5.

Saraiva (2000) mostra a passagem do verbo **bater**, como verbete, do Latim para o Português:

Quadro 2 – SARAIVA – Dicionário Latino-Português (2000, p. 142)

Bāttũõ ou Bātũõ, ĩs, ĩ, ěřě, verbos transitivos e intransitivos. PLAUT. **Bater**, cascar, dar massada, desancar, tundar, verberar. § Com **bater**, lutar. *Battuere cum aliquo rudibus*. SUET. Bulhar, brigar com alguém. § (?) PLIN. Apertar, comprimir.

(Destaques nossos)

Borba *et. al.* (1990, p. 213-214) apresentam uma documentação minuciosa dos registros de **bater** incluindo os usos mais contemporâneos, onde já encontramos o verbo fluando do sentido de atrito para formas mais abstratas:

Quadro 3a – BORBA *et. al.* – Dicionário Gramatical de Verbos (1990, p. 213-214)

I indica ação-processo

Com sujeito agente/causativo

- Quando passares **bate** a porta
- **Bati** a tampa da caixa
- O vento **bateu** o portão

Com complemento expresso por nome indicativo de algo que produz som, significa fazer soar, tocar:

- Às seis horas da manhã Chico **bate** o sino do terreiro
- A ventania era tão forte que **batia** o sino da igreja

Com sujeito agente expresso por nome animado:

- O João-de-barro **batia** as asinhas doloridas
- Os soldados fazem continência **batendo** os calcanhares

Com complemento expresso por nome animado, significa derrotar, vencer:

- **Bato** esse candidato na urna que ele escolher
- Cavalos nenhum **bate** meu alazão

Com sujeito agente expresso por nome humano - agitar, remexer com força:

- As mulheres lidavam com os guisados, em terrinas **batiam** ovos

- Lina já **bateu** o bife (sovar, malhar)

Com complemento expresso por nome concreto indicativo de peça do vestuário, ou por nome abstrato indicativo de *produção vocal*, significa usar muito, repetir muito:

- Mirna **bate** muito sua blusa verde;
- Estou cansado de ouvir você **bater** sempre o mesmo assunto.

(Destaques nossos)

Quadro 3b – BORBA *et. al.* – Dicionário Gramatical de Verbos (1990, p. 213-214)

II indica processo com sujeito paciente

- Janelas e portas **batendo** ao vento
- O sino **bateu** foi à hora da Ave Maria
- Ficávamos imóveis ouvindo a campainha **bater**
- O relógio da igreja protestante **bateu** onze badaladas
- Pressentimentos fazendo meu coração **bater** mais apressadamente
- O queixo da velha em transe batia, **batia**
- Minha cabeça **bateu** num galho seco
- O cotovelo do Pedro **bateu** na xícara
- O corcel **bate** o seu 1º recorde de vendas
- O atleta já **bateu** a marca dos 4,5 no salto de vara

(Destaques nossos)

Quadro 3c – BORBA *et. al.* – Dicionário Gramatical de Verbos (1990, p. 213-214)

III indica ação com sujeito agente

- É um verdadeiro crime os pais () **baterem** nos filhos
- Acho que dessa vez **bateram** pra valer
- O orador volta a **bater** com força no peito
- Por que o senhor não **bater** à porta dele
- Rufino **batera** todas as imediações atrás de um bom ponto de água braba
- Tatiana **batia** o compasso com a mãe.

(Destaques nossos)

Quadro 3d – BORBA *et. al.* – Dicionário Gramatical de Verbos (1990, p. 213-214)

IV indica estado com sujeito inativo

- A rosa **bate** o cravo em perfume
- Maria **bate** Joana em beleza
- Mesmo em pé, as mãos do gorila **batem** no chão.

(Destaques nossos)

Quadro 3e – BORBA *et. al.* – Dicionário Gramatical de Verbos (1990, p. 213-214)

Com valor de expressões

- Um bocado deles já **bateu** a bota
- O dia que você se cansar de **bater** cabeça, ‘tamos lá à sua espera’
- Antonieta tentou **bater-me** a carteira
- Mas toda a gente **bateu** palmas
- E continuei a beber e a **bater** papo
- Pálido, encardido, dei para **bater** pernas de novo
- E se a danadinha **batesse** com a língua nos dentes?
- Se não, é como qualquer outra atividade, que é preciso tolerar de bom humor. Assim como **bater** à máquina
- Ele aproveita e **bate** várias chapas
- Subo ao escritório e **bato** o ponto, 8:30 exato.

(Destaques nossos)

A descrição apresentada por Borba *et. al.* (1990) inicia-se pelos verbos que indicam ação-processo, processo, ação, estado, auxiliaridade, e modalização. As expressões aparecem por último.

Estes autores enquadram **bater** considerando-o do ponto de vista da natureza das relações entre predicado e argumento, por considerá-las responsáveis pelo estatuto sintático-semântico dos verbos. No enquadramento através da descrição dos verbos, partem de sua estruturação na frase, o verbo como núcleo do predicado, em torno da qual os argumentos se arranjam em graus diferentes de

coesão e dependência. Assim sendo, o verbo estabelece com seus argumentos relações de dependência que constituem uma Valência.

Nessa perspectiva, todo verbo possui de um a três argumentos. O argumento sendo ativo superficialmente na função de sujeito, o verbo será de ação. Sendo o argumento afetado, o verbo será de processo. Se for ativo ou causativo, implicando num argumento afetado/efetuado, o verbo será de ação-processo. Constituindo um verbo inativo, não afetado nem causativo, será de estado.

Neves (2003) refere-se aos usos de **bater** segundo o quadro seguinte:

Quadro 4 – NEVES – Guia de usos do Português (2003)

Bater – é usado entre outras construções:

a) com complemento sem preposição (objeto direto), significando

- ‘movimentar rapidamente’. Por que o beija-flor consegue ficar suspenso no ar? *Porque é capaz de **BATER** as asas muito mais rápido que as outras aves.*
- ‘remexer com força’. ***BATA** muito bem os ovos com o açúcar.*
- ‘soar’. *Mas o sino **BATEU** foi à hora da Ave-Maria.*
- ‘movimentar com ímpeto para fechar’. *Quando passares, **BATE** a porta.*
- ‘ultrapassar’. *Recentemente, ele **BATEU** a marca de 9.921 que era de Magic Johnson.*

b) com complemento iniciado pela preposição *em*, significando ‘chocar-se com’. Segundo testemunha, o avião explodiu após **BATER** em montanha, a minutos do pouso.

c) com complemento iniciado pelas preposições *a* ou *em*, significando ‘dar pancadas’. *E os dias foram seguindo assim até que numa tarde **BATEU** à porta da casa o Capitão Custódio. Teles **BATEU** na porta e anunciou o magistrado.*

d) com um complemento sem preposição (objeto direto), e outro complemento iniciado pela preposição *em*, significando ‘derrotar’, ‘vencer’. ***BATO** esse candidato na urna que ele escolher.*

2. Referindo-se a horas (ou fração) o verbo **bater** concorda com o número de horas (singular ou plural) que soam. ***BATERAM** sete horas.*

Se houver, porém, um sujeito referente ao objeto que soa, o verbo concorda

com ele. *O sino da matriz **bateu** sete horas.*

3. O verbo **bater-se** é usado com complemento iniciado pela preposição *por*, significando ‘lutar’, ‘propugnar’. *Os católicos **BATIAM-SE** pela reparação de certas injustiças, e mesmo pela punição dos culpados.*

(Destaques da autora)

Houaiss (2001) anota várias possibilidades de usos de **bater**, desde os verbos transitivos aos intransitivos, no sentido de aplicar pancadas ou golpes. Dentre outras denominações registra: 1) derivação por extensão de sentido: “**bater** no ferro uma bainha de saia, uma gola etc.”; 2) derivação no sentido figurado: “**bater** um recorde”; 3) derivação por metáfora: “**bateu-se** a vida inteira pelas minorias e pelos oprimidos”.

Na realidade, o que os dicionários registram são variações ou repetições das possibilidades de usos já previstos em Borba (1990) e Neves (2003). Entretanto Houaiss (op. Cit) destaca alguns usos próprios do regionalismo e por metáfora, como:

Quadro 5 – HOUAISS - Dicionário de Língua Portuguesa (2001)

transitivo indireto
<ul style="list-style-type: none"> • Derivação: sentido figurado. Regionalismo: Brasil. Chegar por descuido ou de forma não intencional Ex.: perdido, foi bater em Padre Miguel; no fim da vida bateu às portas da miséria • Derivação: sentido figurado. Regionalismo: Brasil. Uso: informal. Sentir empatia; ter afinidades, combinar Ex.: meu santo não bate com o dele
intransitivo
<ul style="list-style-type: none"> • Derivação: por extensão de sentido. Rubrica: religião. Regionalismo: Brasil. celebrar cerimônia, ritual Ex.: os candomblés vão bater na próxima sexta-feira

Pronominal
<ul style="list-style-type: none"> • Derivação: por metáfora. Lutar no campo das idéias (por um ideal, uma causa); polemizar <p>Ex.: bateu-se a vida inteira pelas minorias e pelos oprimidos</p>
Transitivo indireto e bitransitivo
<p>Regionalismo: Brasil. Fazer uma ligação telefônica</p> <p>Ex.: logo que soube da notícia bateu (o telefone) para mim</p>

(Destaques nossos)

O Aurélio (2004) retoma a denominação proveniente do Latim e apresenta os registros já lexicalizados em suas funções transitivas e intransitivas. Nesse percurso de usos, **bater** flutua de sentido atendendo às funções pragmáticas, mas conservando sua estrutura mórfica. Temos **bater** numa acepção de verbo de ação relativa a uma atividade propriamente dita, transitando por uma trajetória bastante vasta, semelhante ao panorama apresentado por Houaiss, com destaque para alguns exemplos:

Quadro 6 – AURÉLIO – Novo Dicionário (2004)

<ul style="list-style-type: none"> • Bras. Comer; devorar, traçar: <i>Num instante o pequeno <u>bateu</u> o prato de comida.</i> • Figura – Repisar (2), repetir: <i>Tanto <u>bateu</u> a lição, que a decorou.</i> • Bras. Gír. Furtar, surripiar, surrupiar: <i><u>bater</u> uma carteira.</i>
Verbo intransitivo
<ul style="list-style-type: none"> • Bras. Rel. No candomblé e em outros cultos afro-brasileiros, celebrar rito ou cerimônia, ao som de atabaques: <i>Os terreiros não <u>batem</u> na Quaresma.</i>

(Sublinhados e itálicos do autor)

Nos exemplos citados, inicialmente podemos distinguir a presença de dois grupos semânticos. O grupo semântico concreto, que transmite a ideia de atrito, choque, e o abstrato, significando superar, alcançar, chegar etc.

Os exemplos catalogados evidenciam que os sentidos concretos permanecem presos às ocorrências, nas construções em que o verbo predica uma ação. No campo abstrato, os sentidos passam a figurar expandindo-se nas CLC(B)s, de forma metafórica, às vezes metonímica, como a seguir:

(18) “Tenho um tempo que é sagrado para a minha família e dedico meus domingos, para almoçar e **bater um papo** com minha filha e meus netos. Só um assunto muito urgente me tira de casa aos domingos”, afirmou Roseana, ao recordar das negociações para a votação da CPMF (Contribuição Provisória sobre Movimentação Financeira) no Senado, no fim do ano passado (...) Mas independente do cargo que a mulher pretenda ocupar na política, Roseana acredita que elas têm capacidade de administrar e dar opiniões onde quer que esteja. “No mundo inteiro a mulher já está preparada para o poder. Do século passado pra cá, a mulher está começando a pôr a cara para **bater**”, disse.

(*Corpus* Folha online S.Paulo, 24/02/08 – 08h00[5]. Destaque nosso)

(19) (...) Arlindo Chinaglia (PT) ou Gustavo Fruet (PSDB) vença a eleição, os petistas devem "**bater chapa**" contra Serra no Estado. Após o PSDB lançar a candidatura de Fruet, o PT ...

(*Corpus* Folha online S.PAULO, 23/01/07[94]. Destaque nosso)

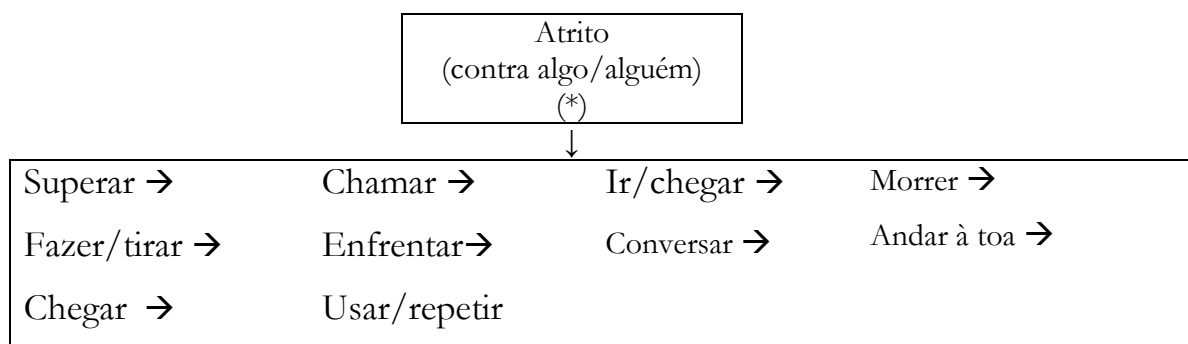
No objetivo de compreender os fenômenos envolvidos na significação de **bater**, nossa inquietação maior refere-se à motivação do processo de evolução semântica do verbo, isto é, como o verbo migrou de um polo concreto de ação, passando a ser utilizado mais intensamente em contextos variados, sem ter necessariamente a função de causar atrito?

P. Machado (1952?) afirma que **bater** é de origem latina, e apresenta numerosos sentidos. Nossa intuição é que tal pluralização está relacionada ao aumento da saliência discursiva incorporada pelo verbo (agredir, combater, lutar), principalmente em função da força por ele possuída atualmente nos contextos de competitividade. Relativamente aos significados conferidos ao verbo, constatamos

que, além da veiculação de sentidos como item lexical pleno, também lhes são atribuídas outras classificações de base funcional que residem em sua propriedade abstrata, conforme pode ser constatado nas referências literárias.

Referendada pela literatura citada, a descrição procedida até o momento nos propicia uma visão geral das atualizações atribuídas a *bater*. Abstraímos as caracterizações descritas e enumeramos os sentidos listados no Quadro 7, visando melhor percorrer os campos semânticos de usos do termo, conforme se pode observar em seguida.

Quadro 7 - Representação semântica de *bater*



(*) *Bater* na acepção inicial.

3.2 OUTROS CONTEXTOS DE USOS DE *BATER*: FRASEOLOGISMOS, CLC(B)s

Nas expressões formadas por *bater* + *nome ou variações*, o sentido do verbo passa a ser assimilado pelo conjunto das palavras. (Cf. LUFT, 1985) Estas construções podem ser tratadas como compostos de base verbal, mas seu sentido final não se constitui uma predicação, uma vez que o verbo apresenta funções diferentes, relativas as alterações sintático-semântico-pragmáticas. Por isso, não o incluímos no rol das composições de fato e, sendo assim, denominamo-as de fenômenos de construções lexicais complexas com o verbo *bater* – as CLC(B)s.

Tais construções apresentam um caráter inusitado da não-previsibilidade, diferentemente do processo de composição que se apresenta na língua de forma mais previsível, portanto, mais sistemático. Nas CLC(B)s, apenas o verbo apresenta fixidez, os nomes ou variações pertencem ao léxico da língua.

Nessa amostragem parcial podemos situar diversos significados de *bater*. Significados esses que, ao trafegarem do sentido concreto para o abstrato, arrastam outros itens lexicais, ampliando seus sentidos ou tornando-os diferentes, passando a constituir uma construção lexical complexa.

As CLC(B)s, quando consideradas no âmbito das fraseologias, ampliam e contribuem para a lexicalização, a conceptualização e a categorização da língua com base em nossas experiências cotidianas. Vilela (2002) justifica a importância da fraseologia:

As fraseologias têm, como quaisquer unidades lexicais não fraseológicas, caráter de signo e têm por isso uma função nomeadora: nomeiam de modo codificado e sistemático um denotado ou classe de denotados, representando esquemas mentais de objetos ou de estados de coisas. Nesta função nomeadora estamos perante uma nomeação secundária, construída a partir de signos “mínimos”. Para esta nomeação secundária, normalmente, existem já nomeações primárias, só que as fraseologias redescobrem novas propriedades que lexicalizam, apontando, nessa redescoberta, sobretudo, para a esfera da expressividade. (VILELA, 2002, p. 171)

As CLC(B)s, como nos exemplos seguintes, expandem-se representando conceptualmente diversos domínios metafóricos. Desse processo emergem vários sentidos particulares: “*dão a cara para bater*” (mostrar-se mais experiente em composições musicais; progredir com perfil próprio), “*bater o pé*” (teimar, insistir), “*bater boca*” (brigar) etc.

(20) Autolove", Kid Abelha. Sobrevivente do rock brasileiro dos anos 80, o trio carioca prossegue em evolução. Sem rupturas estilísticas, como os Titãs, por exemplo, o Kid Abelha vai depurando sua fórmula pop. Paula Toller canta melhor do que nunca, e o álbum tem faixas de fino artesanato musical. O Kid Abelha consegue usar bem elementos de MPB sem deixar de soar como banda de rock. A balançaada "Tanta Gente" é dessas canções que grudam no ouvido. As letras falam de romantismo, mas sem os devaneios adolescentes dos primeiros álbuns. Vítimas de patrulhamento ideológico de boa parte da crítica,

Paula, George e Bruno **dão a cara para bater** com um som maduro.

(*Corpus* Folha-SP, 14/12/98[20]. Destaque nosso)

(21) Ideli foi obrigada a retirar da pauta da CCJ (Comissão de Constituição e Justiça) esta manhã uma emenda que retira progressivamente os recursos destinados à educação da DRU. A senadora Kátia Abreu (DEM-TO) apresentou emenda que também retira os recursos para a saúde da desvinculação, o que irritou os governistas.

A líder petista retirou a emenda da pauta porque disse que a discussão sobre a saúde não pode ser incluída no mesmo bojo da educação. "É claro que não há acordo. Eu retirei a emenda da pauta. Mas o que eles [oposição] querem é usar a retirada da emenda para condicionar agora a votação da emenda 29 à DRU", disse.

Ideli chegou a **bater boca** com o senador Flexa Ribeiro (PSDB-PA) depois que recomendou que a oposição tome um "chá de maracujina" para acalmar os ânimos no Senado.

(*Corpus* Folha online S. PAULO, 19/12/2007 [7], 13h20. Destaque nosso)

(22) ... cheque -iniciativa que Serra preferiria abortar. Duo. Tucanos acham que o DEM cumpriu papel importante ao **bater o pé** contra a CPMF: obrigou o governo a negociar. Com o PSDB (...)

(*Corpus* Folha Online S. Paulo, 19/10/2007[35].Destaque nosso)

À frente, abordaremos o fenômeno conhecido como “fraseologia”, ambiente no qual se inserem as Construções Lexicais Complexas constituídas com **Bater** – CLC(B)s.

4 *BATENDO* NAS CONSTRUÇÕES LEXICAIS COMPLEXAS

O ato da comunicação humana encontra-se povoado por palavras que concorrem e ocorrem em nossa mente, objetivando a consecução da fala melhor dita, a mais expressiva, a mais convincente, e que reflita e refrate a realidade dos indivíduos como retrato de uma sociedade. Do processo de comunicação social emergem palavras inovadoras e frases surpreendentes, como reflexos de nossas experiências.

Segundo Vilela (2002, p. 170-171), as frases se apresentam com características próprias e são costumeiramente classificadas como expressões idiomáticas (EI). Nesta mesma situação são enquadrados muitos outros rótulos, dentre eles os provérbios, as expressões metafóricas (EM), os clichês, as frases feitas, os fraseologismos, e as lexias complexas¹⁰.

O semanticista Vilela afirma que a língua apresenta, como tendências discursivas, a técnica livre do discurso e o discurso repetido.

Como “Técnica livre do discurso” entende-se toda combinação gerada pelas regras combinatórias, envolvendo as propriedades sintáticas e semânticas, sabendo-se que as combinações podem efetuar-se ao nível frásico, ao de grupo nominal, e ao de grupo preposicional.

O “Discurso repetido” refere-se à combinatória gerada pelas regras sintáticas e semânticas reguladoras da relação entre o verbo e seus complementos. Nossa pesquisa recai sobre os argumentos de Vilela, por incluir o conjunto de expressões idiomáticas, as lexias complexas e as fraseologias. Estas construções exercem uma grande importância sobre a língua, conforme expressa Vilela:

¹⁰ Vilela dedica uma profícua reflexão sobre as expressões idiomáticas e fraseologias no livro *Metáforas do Nosso Tempo*, (2002, p. 169).

Partimos do princípio de que a expressão idiomática tem uma importância vital na língua: é que a expressão idiomática não se explica pela anomalia nem pelo desvio ou pela derivação relativamente a uma norma, a um significado lexical originário. Postos perante a sua constituição, a sua frequência e a sua riqueza, não pode tratar-se de um elemento linguístico marginal e secundário. (VILELA, 2002, p. 170)

Cabe-nos salientar que as expressões idiomáticas não se confundem com os provérbios, estes representantes do conhecimento adquirido pelo homem ao longo de sua história, objetivando a categorização do mundo. Para Vilela (2002, p. 34) “o provérbio é o discurso do dever/fazer, um sistema fechado, autônomo, em que o autor é a própria comunidade”. Os provérbios configuram textos institucionalizados, reportam-se ao saber antigo.

Na compreensão de Vilela (2002, p. 173), as expressões idiomáticas correspondem às construções, próprias de uma língua, que não encontram qualquer correspondência sintática noutra língua, a exemplo de “são farinha do mesmo saco, rés-vés campo de Ourique, entre outros. Estas expressões caracterizam-se como sequências que não podem ser traduzidas literalmente entre línguas.

O termo fraseologismo é muito amplo. Sendo assim, abrange as combinações fixas que assumem a função e o significado de palavras individuais em uma língua, (Cf. VILELA, 2002, p. 170) e deste modo atua como um processo de ampliação do léxico, contribuindo para a lexicalização da conceptualização e categorização da nossa experiência cotidiana.

Outra característica dos fraseologismos é a predominância da lexicalização das emoções, das atitudes e das interpretações.

As fraseologias apresentam marcas que podem ser evidenciadas por meio de nomeação expressiva, ou reforçadas através da expressividade, se já constar outra forma lexicalizada. Esta peculiaridade do processo justifica o seu uso mais intenso e abundante na oralidade.

Na realidade, as fraseologias constituem combinações relativamente estáveis de palavras cujos significados de usos globais internos e externos diferem de

constituintes individuais em combinações livres. O importante é a combinação das palavras, o seu significado novo, o transposto, o idealizado.

Fraseologias também formam unidades “polilexicais”¹¹ relativamente estáveis, caracterizadas pela idiomaticidade, pela lexicalização e reproduzibilidade. No discurso, as fraseologias ainda se caracterizam por possuírem uma alta capacidade comunicativa, textualizadora, criativa e inovadora.

Entre os critérios comumente utilizados para identificar os fraseologismos destacam-se a fixidez, a idiomaticidade (semântica composicional nova) e a tipicidade sintática e semântica. No critério da fixidez temos a impossibilidade de dissociação de um grupo. A idiomaticidade (semântica composicional nova) consiste em construções cujos significados não resultam do significado dos morfemas, a exemplo de “tirar nabos do púcaro, partir pedra, trabalhar para o boneco, sem papas na língua, ficar tudo em águas de bacalhau”. Na tipicidade sintática e semântica, além da opacidade semântica, o critério apresenta unidades que não entram na composição de outras unidades, como em: “à trouxe-mouxe, sem dizer chus nem bus, cré com cré e lé com lé, cada um com a sua ralé”, o equivalente a cada macaco no seu galho. (Cf. VILELA, 2002, p 173)

A linha que separa idiomatismo de fraseologia é muito sutil. O idiomatismo engloba as construções próprias de uma língua, sem correspondência sintática noutras línguas, ou seja, impossíveis de serem traduzidas palavra por palavra, sem que a expressão apresente restrição no plano sintático ou semântico. Dentre exemplos de idiomatismo, destacam-se “são farinha do mesmo saco, rés-vés, campo de Ourique etc”¹². (2002, p. 173 e 314)

Os fraseologismos apresentam mobilidade. Desse modo, constituem construções cujos componentes perdem seu significado individual, e assimilam um novo significado transposto, metafórico ou metonímico.

Em princípio, a fixidez (congelamento) dos fraseologismos pode seguir uma variação parcial ou gradativa. Para Vilela (2002), este fenômeno pode ser definido,

¹¹ Cf. VILELA (2002, p. 173).

¹² Exemplos retirados de Vilela (2002, p. 173)

do ponto de vista sintático-semântico, como um bloqueio variável em graus. Neste sentido, “música ligeira” não poderá ser substituído por “música leve”, ou “música pesada”. Estas sequências funcionam em bloco e devem aparecer nos dicionários, como entradas. Processo similar ocorre nas sequências “música de câmara, carta branca, arma branca, maré negra, magia negra, lugar ao sol, e **bater com a porta**”, que esgotam o paradigma e passam a constituir um “bloqueio sinonímico”. Quer dizer, o processo de substituição no eixo paradigmático é a referencia para identificar as classes gramaticais, semânticas e, entre elas, as classes de sinônimo. (CF. VILELA, 2002, p. 178) Na visão de Vilela, nos casos citados, não é possível aplicar o processo de substituição das classes de sinônimo, isto é, a ausência de sinônimo no paradigma constitui o limite da fixidez.

Identificamos as CLC(B)s. no contexto das fraseologias. Estas construções constituem frases cuja identificação nos é propiciada a partir de um *verbo + nome ou variações*, com sentido quase sempre metafórico.

De um modo geral, a metáfora mostra-se presente nos idiomatismos e fraseologismos. As CLC(B)s podem ser entendidas como fraseologismos, pois tanto elas quanto as metáforas perdem seu significado individual e assimilam um novo significado. As construções com o verbo **bater** são veiculadoras de metáforas, sendo que sua forma apresenta a combinação *verbo + nome ou variações* para existir. Além disso, nessas construções, o primeiro de seus elementos, o verbo suporte, conserva o seu valor externo e mantém a forma, variando ou abandonando o seu significado de base (a noção de atrito), enquanto o outro elemento, pertencente à classe dos nomes, é livre, embora seu valor seja atribuído a partir da combinação com o outro. Exemplos:

- **bater pênalti**
- **bater de frente**
- **bater asas**

As CLC(B)s inserem-se na tendência discursiva do discurso repetido. Suas combinações entre *verbo + nome, ou variações* não funcionam como complemento, no sentido de verbo e objeto, entretanto sua composição global resulta em um único lexema, apresentando propriedades que lexicalizam as emoções, as atitudes e as interpretações subjetivas. Por exemplo, em “**bater as botas**”, o termo **as botas** não funciona como complemento do verbo **bater**. Outros exemplos a seguir:

(23) O primeiro período Fernando Henrique Cardoso foi marcado pelo que ele próprio definiu como "utopia do possível". Além de medíocre como objetivo, é uma contradição em termos. Se é possível, não pode ser utopia, inalcançável por definição. Para o segundo período FHC, o slogan de campanha foi mais ou menos assim: quem derrotou a inflação vai derrotar o desemprego. Aí, já melhorou um pouquinho o teor da utopia. Pena que a realidade teime em **bater de frente** com slogans eleitorais. Antes mesmo de abertas as urnas, já se sabia que o país caminhava para uma recessão no ano seguinte, fenômeno que conspira bravamente a favor do desemprego – e não contra.

(*Corpus* Folha-SP, 06/12/98[23]. Destaque nosso)

(24) (...) Arlindo Chinaglia (PT) ou Gustavo Fruet (PSDB) vença a eleição, os petistas devem "**bater chapa**" contra Serra no Estado. Após o PSDB lançar a candidatura de Fruet, o PT ...

(*Corpus* Folha online S.PAULO, 23/01/07[94]. Destaque nosso)

(25) O sorriso de Isabella assombra o Brasil, diz uma crônica publicada na tarde de quarta-feira no site do jornal francês Le Monde. O texto, assinado pelo jornalista Jean-Pierre Langellier, diz que há várias semanas o Brasil parece "assombrado pelo sorriso de Isabella, assim como ficou a Inglaterra há um ano pelo sorriso da pequena Madeleine McCann, que desapareceu em Portugal e até hoje não foi localizada". "O anúncio do crime provocou uma verdadeira comoção social em um país que **bate os recordes** de violência com 50 mil homicídios por ano", diz o diário francês.

(*Corpus* Folha online S. Paulo, 15/05/08, 04h41[44]. Destaque nosso)

Entendemos que o “bloqueio sinonímico” é relativo quando consideramos o Português brasileiro. Na sequência “**bater com a porta**”, o paradigma permite a substituição das classes de sinônimos **bater de frente, bater em retirada, bater**

com a língua nos dentes, *bater no assunto* como pode ser averiguado nos Quadros 9.

As CLC(B)s formam-se em meio a esse campo fértil de produções fraseológicas. São ocorrências derivadas de processos polissêmicos, como metáforas ou metonímias, ou em concomitância com as mesmas. Há CLC(B)s, já lexicalizadas, que são atualizadas especialmente nos textos sobre futebol, como os apresentados a seguir:

(26) Marcelinho fala com DEUS e dá ocupado!
Um a um. Marcação homem a homem termina pau a pau! E o novo patrocinador do Corinthians? DDD Embratel! E já imaginou agora o Marcelinho Carioca na hora de *bater a falta* passando um DDD pra Deus? "Todos os troncos estão ocupados, favor ligar após o jogo." Rarará! Marcelinho fala com DDDEUS e dá ocupado! DDDEU ocupado!!! E o Vanderburgo Luxerley tá mais mascarado que a Tiazinha!!!
E as duas novidades do dia: o Pinton cresceu e o FHC afrouxou. Então não tem novidade alguma. Pressionado, FHC loteia o ministério. É que ele é o Presidente Macarrão: basta jogar na água quente que ele amolece. Ele com esse ministério tá parecendo um amigo meu. Que casou com cinco mulheres. E errou em todas. Nós sofre mas nós goza. Vai indo que eu não vou!!!
(*Corpus* Folha-SP, 22/12/98[1]. Destaque nosso)

(27) "É um problema que vou ter que resolver. Não gostaria que achassem que o Marcelinho só serve para *bater falta, escanteio e pênalti*. O grupo merece o meu respeito e também o do torcedor corintiano", afirmou Luxemburgo.
O meia Ricardinho e o zagueiro Batata, que treinavam faltas junto com Marcelinho, estão fora. Batata recebeu o terceiro cartão amarelo e será substituído por Cris. Ricardinho vai ficar no banco como opção para o segundo tempo.
Luxemburgo optou pelo volante Amaral no meio-campo, com a camisa 7, que era de Marcelinho.
(*Corpus* Folha-SP, 30/10/98[10]. Destaque nosso)

A reprodução das CLC(B)s ocorre de forma automática, e se adequa às intenções das informações pretendidas. No caso em estudo, o enfoque recai sobre

as construções onde *bater* é considerado como suporte (V + N)¹³: o verbo serve de suporte e o núcleo predicativo fica constituído do nome ou variações.¹⁴

Para os fins desta pesquisa, consideramos *bater* sem funcionar como item lexical pleno ligado a um advérbio, a um nome ou variações (substantivo ou adjetivo), desde que a construção semântico-estrutural desempenhe a função de um predicado em termos abstratos e funcione como um SV de uma oração. Mesmo assim, observamos que o critério de aproximação entre *verbo + nome ou variantes* não pode ser considerado suficiente para determinar a ocorrência de CLC(B)s.

O estudo do *corpus* nos permite depreender que somente será possível analisar o sentido de determinadas CLC(B)s quando nos remetermos ao contexto de suas inserções.

Na constituição de CLC(B)s, o verbo *bater* sofre o processo de “desfuncionalização primária” (Cf. ALVES, 1998, p. 39), condição essencial para a formação dessas construções. Observar no exemplo abaixo.

(28) “Tenho um tempo que é sagrado para a minha família e dedico meus domingos, para almoçar e *bater um papo* com minha filha e meus netos. Só um assunto muito urgente me tira de casa aos domingos”, afirmou Roseana, ao recordar das negociações para a votação da CPMF (Contribuição Provisória sobre Movimentação Financeira) no Senado, no fim do ano passado (...) Mas independente do cargo que a mulher pretenda ocupar na política, Roseana acredita que elas têm capacidade de administrar e dar opiniões onde quer que esteja. “No mundo inteiro a mulher já está preparada para o poder. Do século passado pra cá, a mulher está começando a pôr *a cara para bater*”, disse.

(*Corpus* Folha online S.Paulo, 24/02/08 – 08h00[5]. Destaque nosso)

Neste texto, *bater um papo* significa *bater papo*, correspondendo a uma CLC(B) de base metafórica. Em *a cara para bater*, o contexto nos permite afirmar que, também tratando-se de metáfora, o evento não constitui uma CLC(B).

¹³ (V + N) = Verbo mais nome.

¹⁴ Sobre verbo suporte confira Vilela, (2002, p. 186).

Como reforço de sequência, notemos que o exemplo anterior confirma as CLC(B)s como ocorrências constituídas de metáforas que figuram em nosso cotidiano. Dando seguimento, trataremos do fenômeno da cocomposicionalidade nas CLC(B)s.

4.1 A COCOMPOSICIONALIDADE NAS CLC(B)s

O ‘princípio da composicionalidade’ (FREGE, 1978) insere-se nos postulados lógicos gerais da semântica formal. Segundo este preceito, o significado geral de uma determinada construção linguística resulta dos significados dos elementos que a compõem.

O fenômeno linguístico conhecido como processo de constituição das CLCs tem sido objeto de vários estudos, podendo ser qualificado como construções composicionais (Cf. ALVES, 1998, p. 144, 2009), ou cocomposicionais. (Cf. PUSTEJOWSKY, 1995)

Nas CLC(B)s encontramos recorrência do processo, como em:

(29) Do lado de fora, usando telões fornecidos pela organização. Padre Marcelo, em sua homilia, disse que os problemas materiais, como o desemprego, podem ser mais facilmente superados por meio da fé. "Que Deus abençoe os evangélicos, que abençoe todas as religiões, mas eu sou feliz por ser católico", disse. Tradicionalmente, a Missa do Galo ocorre na noite do dia 24 para o dia 25, mas padre Marcelo mudou a data de sua celebração para não **bater com a mesma missa celebrada** pelo papa João Paulo II no Vaticano.

(*Corpus* Folha-SP, 26/12/98[12]. Destaque nosso)

(30) Caos aéreo já fez cair ganho das empresas. [...] empresas reagirão para diminuir prejuízos, manter rotas e horários e não ‘**bater lata**’, ou seja, voar com aviões vazios. Se aumentarem os preços, podem afugentar ainda mais [...]

(*Corpus* Folha online S.Paulo, 25/07/07[66]. Destaque nosso)

Assim sendo, neste estudo estamos considerando as CLC(B)s, sejam expressões idiomáticas ou metafóricas, como construções composicionais e, de forma complementar, como construções cocomposicionais, na perspectiva de Pustejovsky (1995).

As construções cocomposicionais consideram um sentido que resulta não só do processo de organização estrutural no qual combinam forma *vs* sentido, mas também do que poderá resultar de processos de referenciação mais abstratos (aspectos cognitivos analógicos). (Cf. ALVES, 1998, p. 144)

O processo de composição das CLCs não exclui os itens componencial e composicional, que são determinados por fatores pragmáticos linguísticos e extralinguísticos.

De acordo com Alves (1998, p. 146) deve interessar a um estudo semântico a investigação acerca de que forma o sentido veiculado por este tipo de construção lexical é composicional, ou seja, saber como os falantes constroem essas relações semânticas. Assim, quando interpretamos as CLC(B)s como construções composicionais, precisamos atentar para as distinções apontadas por Frege (1978) no seio da composicionalidade, quais sejam: a composicionalidade inter-oracional, diversa da tradicional estrutura gramatical das orações, e a composicionalidade inter-signa, que se estabelece entre os signos de uma língua natural, também denominada de cocomposicionalidade por Pustejovsky (1995).

Pustejovsky (1995) concebe os sentidos das palavras como determinados pelo contexto. Trata-se de um modelo em que o estudioso aborda os aspectos envolvidos na relação entre significado e composicionalidade linguística, aplicando os conceitos linguísticos de “recursividade”, “ambiguidade”, “polissemia” e “contexto”. O autor (1995) explica que a cocomposicionalidade é determinada essencialmente pela semanticidade. Nesse sentido, depende de uma teoria semântica que seja capaz de dar conta composicionalmente de fenômenos como

sinonímia, autonímia e a polissemia. Dessa forma, a composicionalidade depende, principalmente das categorias de base de uma língua.

Sendo assim, as CLC(B)s são consideradas como uma produção estável e instável em virtude de seus elementos componentes e dos fatores co-textuais e contextuais veiculadores de sentido. Tal interpretação está presente em Alves (1998, p. 149), assim como em outros trabalhos que também comungam desta consideração como Quine. (1967, p. 306 apud ALVES, 1998, p. 149)

Pustejowsky (1995) explica, portanto, a cocomposicionalidade como resultado da criação/produção essencialmente de sentidos não exclusivamente discursivos.

4.1.1 Processos metafóricos e metonímicos nas CLC(B)s

O verbo *bater* é termo veiculador de polissemia. Possui a capacidade de compor construções complexas que resultam num leque multifacetado de sentidos, cujas bases significativas recaem sobre o nome retirando-lhe a força motriz. Nossas primeiras conclusões nos permitem admitir usos de *bater* como integrante de CLC(B)s. Exemplos dessas situações encontram-se no *corpus* Folha de S. Paulo (1998/1999 – 2007/2008) e na literatura linguística a exemplo de Machado (1952?), Saraiva (2000, p. 142-143), Borba (1999 *et. al.* p. 143-143), Neves (2003, p. 118), Houaiss (2001) e Aurélio (2004). Fosse insuficiente esta grande amostra, podemos constatar na comunicação oral cotidiana uma profusão de sentidos assumidos por este item lexical verbal. Construção metafórica com *bater*, por exemplo, acontece em *bater o pé*, ocasião em que se estabelece uma analogia entre a imagem de alguém se opondo, dizendo que não vai concordar com a situação, contrariando uma atitude, enquanto em nossas práticas cotidianas existem atitudes em que se *bate o pé* como representação de atos de imposição, como reação negativa.

No processo de formação de base metonímica do verbo *bater* acontece uma relação de contiguidade. Um determinado sentido básico reaparece, integralmente ou parcialmente em uma forma específica, passando a constituir sentidos derivados. Essa noção de contiguidade depende da visão componencialista da língua, da categorização e da subcategorização dos itens lexicais, como segue:

(31) O cara de classe media alta, ele simplesmente dizia: “A violência não é comigo”. Só que agora a água começou a *bater na classe media alta*. Começou a *bater nos ricos*.

(*Corpus* Folha-SP, 09/11/99[64]. Destaque nosso)

Em *bater na classe media alta* e *bater nos ricos* detectamos a presença de metonímia porque o sentido inicial reaparece integralmente ou parcialmente. Mesmo assim, o sentido também é metafórico.

Após as resumidas ponderações anteriormente anotadas a respeito da cocomposicionalidade linguística, e de sua contribuição para situar as CLC(Bs no âmbito das representações sintático-semântico-pragmáticas, passamos aos procedimentos da metodologia.

5 PROCEDIMENTOS DA METODOLOGIA

Nos procedimentos metodológicos utilizados para a elaboração desta tese adotamos a pesquisa direta, laboratorial, de natureza qualitativa e método bibliográfico. Desta forma, a coleta dos dados realizou-se através de estudo exploratório no jornal Folha de S. Paulo (1997/1998 – 2007/2009), objetivando melhor conhecer e compreender o fenômeno em estudo, e tendo como finalidade descrever e explicar as relações sintático-semântico-pragmáticas relativas aos usos do verbo *bater*, quando constituído nas CLC(B)s, e suas relações com a metáfora.

Em se tratando de pesquisa de base qualitativa, a ação fundamenta-se nas relações entre o mundo real e o sujeito, como vínculos indissociáveis entre a realidade objetiva e a subjetividade do sujeito, as quais não podem ser traduzidas em números.

5.1 FASES DA PESQUISA

“Pesquisar, significa, de forma bem simples, procurar respostas para indagações propostas”. (Silva e Menezes, 2001)

Trabalhamos inicialmente com uma pesquisa bibliográfica ampliada, no encalço de informações mais detalhadas sobre as CLCs, mas também investigando a existência de estudos semelhantes envolvendo o verbo *bater*, passo este que se traduziu em busca infrutífera, ou seja, até o momento não encontramos trabalhos com enfoques voltados para o verbo *bater* em CLCs.

Desta forma, percorremos trabalhos como os já citados Alves (1998, 2009), Alves e Silva (2001), Dilectaquiz (2008), bem como outros estudos aplicados à

semântica do verbo, a exemplo de Silva (1999). Também nos servimos de estudos abrangendo abordagens funcionalistas, metafóricas e psicolinguísticas, quais sejam os realizados por Lakoff e Johnson (2002), Votre (1996), Marcushi (1986, 2003, 2007), Siqueira (2007), Sardinha (2007), dentre outros.

Concluído o levantamento bibliográfico propriamente dito, iniciamos a escolha do *corpus*. O objetivo foi atingir uma população praticante da norma culta, por considerarmos ali encontrar a representação mais fiel dos reais usuários da língua atual. Neste entendimento, agrupamos os dados catalogados em CLC(B)s, veiculadoras de metáforas e metonímias, para efeito da análise direcionada para a interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados.

5.1.1 Definição do *corpus*

Nosso *corpus* é constituído por recortes de textos do Jornal Folha de S. Paulo que registram ocorrências com o verbo *bater* nos anos de 1998, 1999, 2007 e 2008¹⁵. De forma complementar, incorporamos eventos semelhantes coletadas dos dicionários P. Machado (1952?); Saraiva (2000, p. 142-143); Borba (1999 *et. al.*, p. 143 -143); Neves (2003, p. 118); Houaiss (2001) e Aurélio (2004).

A escolha dos anos-base que fundamentaram a realização do trabalho aconteceu de forma aleatória, por entendermos que as ocorrências detectadas não aparentam motivações escolares ou ainda outros motivos mercedores de um acompanhamento anual. Mesmo assim, em virtude do suporte técnico apresentar dados quantitativos, optamos por mostrá-los no Quadro 8, apenas para efeito de ilustração, ainda que o nosso objetivo principal não seja enfocá-los, por tratar-se de pesquisa de natureza qualitativa.

¹⁵ Os dados referentes aos anos de 1998 e 1999 foram colhidos em CD-ROOM, publicados pelo Jornal Folhade São Paulo. Os anos seguinte, 2007 e 2008 foram pesquisados na Folhade São Paulo, via online (UOL - assinatura).

Nesse sentido, destacamos a eficiência do programa de execução de pesquisas do jornal consultado. O instrumento de busca do noticioso incorpora recursos que facilitam sobremaneira os trabalhos de identificação do objeto de pesquisa, favorecendo o pesquisador no trabalho de análise dos dados fornecidos, semelhantemente ao que apresenta Sardinha (2007, p. 156) quando trata das metáforas.

A decisão de extrair o *corpus* da Folha de S. Paulo tomou por base a evidente influência exercida por esse veículo na mídia impressa do país, e os consequentes reflexos dessa realidade sobre o desempenho dos indivíduos formadores de opinião na sociedade brasileira, especialmente no que tange à língua culta.

Assim sendo, analisamos textos produzidos por escritores, jornalistas, colunistas, e outras personalidades detentoras do domínio da língua culta contemporânea, com suas óbvias repercussões sobre a língua como um todo.

Como critério para a investigação no *corpus*, escolhemos a recorrência do verbo **bater** nos textos em análise. De início, constatamos que as CLC(B)s constituíam-se como expressões idiomáticas, colocações ou combinações, às vezes já lexicalizadas, coerentes de conceptualização e representação dos dados da metáfora. Na sequência dos trabalhos, verificamos abundante presença dessas metáforas, independentemente do gênero textual considerado.

Trabalhamos com gêneros textuais diversos. Em virtude da pesquisa realizar-se através da busca por palavras/construções, não houve limitação a um gênero específico porque os recursos do programa de pesquisa (CD-ROM e online) da Folha de S. Paulo proporcionam interação entre todos os gêneros disponíveis onde o verbo **bater** aparece.

O nosso tratamento para gêneros segue a terminologia de Marcuschi (2005, p. 19): gêneros¹⁶ como entidades sociodiscursivas e formas de ação social, presentes em qualquer situação comunicativa, os quais surgem emparelhados às necessidades socioculturais, bem como na relação com inovações tecnológicas.

¹⁶ Para Bakhtin (1979-1997) a língua elabora seus “tipos relativamente estáveis” de enunciados, e estes são definidos como gêneros do discurso.

Caracterizamos os gêneros textuais como realizações linguísticas concretas, definidas por propriedades sociocomunicativas. Constituem-se em textos empiricamente realizados e cumprem funções em situações comunicativas. A denominação dos gêneros compõe-se de várias designações concretas, determinadas pelo canal, estilo, conteúdo, composição e função, todos vinculados à vida cultural e social. Em nosso caso, são inúmeros os exemplos. Dentre as opções visitadas, nos deparamos com esporte, crônica, artigo de opinião, além de outros disponibilizados pelo programa envolvendo construções com o verbo **bater**. Nesse aspecto, observamos que as ocorrências predominam em gêneros voltados para temáticas como economia, governo e esporte, terrenos férteis para ocorrer o “**bate rebate**” das metáforas como formas de atualização discursiva. Esta é a constatação decorrente das investigações procedidas nas CLC(B)s identificadas no *corpus*.

Na definição do *corpus* percorremos os seguintes passos:

- 1) Coletamos expressões que apresentam o verbo **bater** + *nome ou variações*;
- 2) Após a análise dos dados, observamos que nem todas as expressões pesquisadas constituíam-se inicialmente como metáforas e, por vezes sendo metafóricas, não representavam exatamente uma CLC(B);
- 3) Selecionamos os dados agrupando de um lado as metáforas formadas por CLC(B)s, e noutra relação as metáforas formadas apenas com o verbo **bater**, destacando os exemplos que efetivamente constituem a análise linguística e conceptual.

Por termos trabalhado com exemplos retirados do *corpus*, utilizamos a seguinte caracterização para identificá-los: <*Corpus* Folha-SP, 22/12/98[1]>. Esta caracterização corresponde a *corpus* Folha de S. Paulo, a data referindo-se ao momento de veiculação da notícia, e os números entre colchetes indicando o recorte do *corpus*.

Diante dessas considerações, propomo-nos a percorrer a trajetória verbal de **bater**, observando seu funcionamento nos contextos de língua escrita, ocasião em

que experimenta uma flutuação semântica, veiculada nas CLC(B)s de base conceptual.

5.1.2 A Amostra

Nossa amostra representa-se por 402 artigos coligidos da Folha de S. Paulo, conforme detalhes anteriormente anotados. Dessa amostra colhemos um total de 430 eventos com atualizações do verbo *bater*, conforme apresentamos na seguinte discriminação, por ano:

Quadro 8 – Total de artigos com ocorrências do verbo *bater* e número de atualizações coletadas

ANO/FONTE FOLHA DE S. PAULO	Nº DE ARTIGOS	Nº DE OCORRÊNCIAS	ATUALIZAÇÕES
1998	98	108	
1999	157	172	
2007	95	98	
2008	52	52	
TOTAL GERAL	402	430	21

Os números correspondentes aos artigos consultados variam daqueles relativos às atualizações, porque apresentam entre si pequenas variações de dados. Neste caso, resolvemos computar como exemplo único “*Bater esse Cruzeiro*” vs “*Bater o Cruzeiro*” e “*Bater um bolão*” vs “*Bater bola*”, por exemplo.

Por outro lado, os números também discrepam por apresentarem queda nos usos, como em 2007 e 2008, redução essa que não implica, aparentemente, em caso de desuso, mas oscila diante da emergência de um contexto desfavorável, ou menos propício ao uso de construções de sentidos mais “agressivos”, como “*Bater de frente*”, “*Bater no governo*” etc.

A seguir, trataremos das relações de significado que permeiam a palavra, enfocando a categorização e o protótipo.

6 *BATENDO O OLHO NO VERBO OU CATEGORIZANDO BATER?*

6.1 SOBRE A CATEGORIZAÇÃO

Relativamente ao fenômeno da categorização, esta pesquisa tem como motivação o verbo *bater*. O Dicionário de Língua Portuguesa Houaiss (2001) registra várias possibilidades de usos desse verbo. Entre elas, as noções de derivação por extensão de sentido, como “chutar”, significando cobrança de faltas em competições esportivas, “*bater* no ferro uma bainha de saia, uma gola” etc e noções de derivação via metáfora, como em “*bate-se* a vida inteira pelas minorias e pelos oprimidos”¹⁷.

Outras possibilidades de usos do verbo *bater*, além das registradas nos dicionários citados ao longo deste trabalho, encontram-se na análise desta pesquisa: “*bateu de frente*”, “*bater o bumbo*”, entre outros, exemplos que mantêm a fixidez do verbo, associando-o a nomes com variação dos sentidos. Na prática, esses usos conservam traços ou propriedades suficientes da categoria de *bater*, no sentido de provocar atrito. Sendo assim, no processo comunicativo, competem propriedades interacionais que concorrem para a variabilidade de sentidos.

Mesmo diante deste leque de possibilidades de atualizações linguísticas, os falantes nele trafegam normalmente e reconhecem os usos apropriados nas diferentes situações. A palavra, como retrato da relação social, circula como reflexo ideológico (BAKHTIN, 1995) nas metáforas conceptuais, intrinsecamente ligada ao nosso modo de ser e de entender.

¹⁷ Exemplos retirados do Dicionário eletrônico Antonio Houaiss – versão eletrônica, 2001.

Denominamos de categorização as propriedades aplicáveis a um objeto ou conceito. Isto significa dizer que percebemos e compreendemos o mundo em termos de categorias e de conceitos.

Sendo assim, de acordo com nossa experiência, todo nome evoca ou remete para uma classe distintiva, que podemos chamar de categoria cognitivamente estabelecida. Este entendimento remonta a Aristóteles (1995), quando distingue signo linguístico e introduz uma concepção do conhecimento das categorias, a partir da relação entre a linguagem, o significado e a constituição dos entes.

Segundo o modelo clássico de categorização, o significado das palavras se funda numa estrutura de atributos necessários e suficientes para se constituir na essência da entidade ou do conceito aos quais associamos a palavra. Partindo desse pressuposto, entendemos que os falantes, ao utilizarem determinados nomes para se referirem às entidades, neles reconhecem atributos essenciais para defini-las. O nosso (re)conhecimento ocorre a partir de um conhecimento preexistente, e assim, através da linguagem, expressamos uma definição real ou essencial de uma categoria. Portanto, a categorização consiste na colocação de um referente em determinada categoria estabelecida.

O filósofo Aristóteles, referindo-se às Categorias, remete para “a passagem das coisas particulares para as universais” por meio da indução, (ARISTÓTELES, 1995, p. 29) as coisas particulares referem-se às coisas mais próximas da nossa experiência e estas servem de ponto de partida para induzir e conduzir a conhecimentos universais. Isto consiste num posicionamento acerca das relações entre a linguagem e a realidade, entre as palavras e as coisas. O significado, algo preexistente às palavras, funda-se na realidade.

Sob o enfoque da Análise Componencial, a semântica estruturalista analisa o significado e sua relação de traços com uma entidade linguística. (LYONS, 1987, p. 148-149) Na visão componencial, a estrutura do significado de uma categoria se organiza em termos de traços ou componentes necessários e suficientes, compartilhados por todos os seus membros. Por exemplo: menino [HUMANO],

[NÃO-FEMININO], [NÃO-ADULTO] etc. Estes traços distinguem uma categoria das outras, dentro de um mesmo campo semântico.

6.1.1 *Batendo com a categorização nas CLC(B)s*

A categorização, sob a ótica da semântica estrutural, parte de um modelo idealizado de categoria estruturada em função de traços semânticos essenciais necessários e suficientes, pautados numa relação entre língua e cultura. Este modelo consegue dar conta mais facilmente de categorias como CADEIRA e VACA. As categorias de natureza mais subjetiva, a exemplo das CLC(B)s, apresentam uma complexidade em relação ao grau de pertinência. Nesses usos, deparamo-nos com sentidos metafóricos que o nome evoca, como em “*bater carteira*”, “*bater o pé*”, “*bater o terço*” etc.

Nessa perspectiva, o princípio básico da categorização é permitir o reconhecimento de um objeto dentro de uma classe de entidades, através dos traços essenciais, e assim poder organizar a informação lexico-cultural no mundo diante do qual o sujeito se desenvolve. Essa compreensão permite aos sujeitos compartilharem das mesmas ideias e distinções semânticas. Assim, as categorias são interpretadas como unidades homogêneas, com limites claros e recortados, nas quais se dá uma perfeita correlação entre os componentes. A ausência de algum traço significa exclusão da categoria. Esta visão clássica apresenta as categorias com limites bem definidos, dividindo o universo da denotação entre as coisas que pertencem e as que não pertencem à categoria. Neste sentido, todos os elementos de uma categoria possuem o mesmo *status*.

Do ponto de vista estrutural do significado das categorias da linguagem, a semântica cognitiva adota uma perspectiva mais ampla acerca da situação. Sendo assim, considera que as pessoas entendem o mundo mediante modelos diferentes

de categorização, embora seja com base nos fatos da realidade sociocultural que constatamos qual vertente teórica responde melhor pela referência de uma determinada forma linguística. De acordo com Lakoff e Johnson (2002), nomeamos as coisas com base em nossas experiências, e como tal as remetemos para uma classe a qual incluímos numa categoria. Na compreensão dos autores, um modelo cognitivista de gramática supõe que a estruturação das categorias linguísticas acontece dentro dos mesmos princípios que orientam a estruturação das categorias humanas, como as perceptuais.

Neves (2004, p. 99) anota: “a teoria gramatical deve ser capaz de dar conta das relações entre as categorias linguísticas e as categorias cognitivas, considerando-se uma relação icônica entre os sistemas.” Nessa percepção, a gramática é tratada como uma categoria radial de construções gramaticais através da qual se estabelece uma relação de correspondência entre o modelo cognitivo responsável pela significação e os aspectos correspondentes da forma linguística. A categoria radial compõe-se de um centro categorial e membros não-centrais. Assim sendo, o lexema “mãe”, por exemplo, estende-se para diversos tipos de mães, os quais mantêm uma rede de correspondência semântica com o lexema ‘central’ ou básico. (Cf. NEVES, 2004, p. 100)

A respeito do assunto, Lakoff (1987) estabelece a seguinte categorização:

A categoria “mãe”, conforme mencionamos anteriormente, é radialmente estruturada no que diz respeito ao número de suas subcategorias: há uma categoria central, definida pela convergência de um grande número de modelos cognitivos (o modelo do parentesco etc); há, também, uma extensão não-central, que são instâncias especializadas de uma subcategoria central, mas apropriadamente, são variações dos modelos (mãe adotiva, mãe natural, etc.) (LAKOFF, 1987)

Em função desse posicionamento, existe uma relação icônica entre a gramática e a base conceptual. Paralelamente a essa rede semântica, admite-se uma rede sintática na qual determinados elementos como “*bater boca*” e “*bater martelo*” deslizam de um tipo de construção, quando verbos de ação, para outros

mais abstratos, os quais se estendem motivadamente para outras construções, como ocorre nas CLC(B)s.

Então, as estruturas frasais centrais e não-centrais relacionam-se entre si. A relação forma e significado entre essas estruturas é regular e direta, daí derivando a correspondência entre forma e significado que apresentam.

Para Wittgenstein (2005, p. 217), mais importante do que os significados são os usos das palavras e orações, tão inumeráveis quanto os jogos. Citando como exemplo a palavra “jogo”, Wittgenstein (*op. cit.*) explica que, apesar de não haver uma semelhança entre todos os tipos de jogos, eles compartilham algum atributo capaz de permitir a identificação de sua ligação com uma determinada categoria. A este fenômeno, o autor denomina “semelhança de família”. Na realidade, o significado da palavra apresenta algum traço que o mantém ligado a alguma categoria.

Segundo a visão de Taylor (1989), as categorias variam em função das diferenças culturais, sendo inumeráveis e expansíveis.

A Linguística Cognitiva trata a linguagem na circunstância de meio de conhecimento em conexão com a experiência humana do mundo. Nessa perspectiva, as unidades e estruturas da linguagem são analisadas como manifestações de capacidades cognitivas gerais da organização conceptual de princípios de categorização, de mecanismos de processamento e da experiência cultural, social e individual.

Rodrigues (2009) destaca a importância da cultura para a integração do conhecimento:

É evidente que o fenômeno de conhecer não ocorre exclusivamente a partir da existência de fatos e objetos no mundo exterior, ou do processo de extração destes objetos da realidade e inserção deles na mente dos indivíduos. Reconhecemos, assim, a cultura como fator determinante das experiências humanas subjacentes à construção do conhecimento; e a linguagem como poderoso agente de transformação dessas experiências em conhecimento. (RODRIGUES, 2009, p, 243)

Lakoff e Johnson (2002, p. 212) entendem o fenômeno da categorização como o conjunto de algumas propriedades interacionais que caracterizam um conceito.

Siqueira (2003, p. 31) define categorização como capacidade própria das pessoas para diferenciarem “cadeira” de outros objetos, sendo as ideias categorizadas em termos de protótipos. A palavra “cadeira” incorpora um conceito fundamentado culturalmente como algo possuidor de quatro pernas e dois braços, grosso modo, uma definição correspondente aos registros dos dicionários, e representa a forma básica ou prototípica, embora conheçamos cadeiras que se diferenciam entre si: cadeiras de balanço, cadeiras suspensas, cadeiras giratórias etc. O que nos permite identificar essas palavras, diante das várias possibilidades, são os graus de partilhamento prototípicos da propriedade cadeira e não apenas a ideia de que um objeto pertence ou não a uma categoria.

Vilela (2002, p. 71) assinala que as estruturas ou unidades linguísticas dependem da conceptualização, esta por sua vez, afetada por elas. Essa interdependência resulta necessariamente num condicionamento que se dá tanto para as estruturas cognitivas como para a conceptualização, seja isso pela experiência pessoal do universo circundante ou pelas relações recíprocas entre o homem e o mundo.

As estruturas ou unidades linguísticas fazem parte da categorização e influenciam-na, e a sua organização está feita em protótipos, estereótipos e semelhanças de famílias. Já não é a pragmática que superordena o conjunto da comunicação, mas sim a semântica, que faz com que o todo comunicativo tenha conteúdo. Há uma continuidade e uma conexão entre a linguagem e as demais capacidades cognitivas: conceptualização, categorização, memória, atenção, etc. A competência linguística (e também a competência gramatical) é um aspecto da capacidade da inteligência humana. Tudo é motivado semanticamente, inclusive a sintaxe. O significado é tido como enciclopédico. (VILELA, 2002, p. 71)

Vilela (2002) considera que as construções linguísticas possuem uma correlação com os esquemas construcionais, tanto no âmbito do léxico ou da gramática como no seio de morfemas derivativos ou flexionais. Perante esse

raciocínio, o protótipo exerce um papel relevante, constituindo-se na representação mental do modelo típico, considerado como ótimo ou protótipo de uma determinada categoria, embora fazer parte de uma categoria não implique em demarcação de limites. Pode-se estar numa linha aproximada ou mais distante do eixo central, o protótipo. Também são considerados por Vilela outros modelos mais ou menos próximos.

Muito apropriadamente, em Koch *et. al.* (2004), registramos as noções de categoria e protótipos:

Para um ente pertencer a uma determinada categoria, ele não necessita exibir certas características, preencher determinados requisitos que definem o que é fazer parte de uma categoria qualquer. Fazer parte de uma categoria não é questão de sim ou não. Existem membros mais centrais em cada categoria e outros mais marginais, e os elementos que estão no centro tendem a ser considerados como os protótipos dessa categoria. (KOCH *et. al.*, 2004, p. 276)

Considerando a noção de prototipicidade, as categorias podem ser sistematicamente estendidas em vários modos para atender a objetivos específicos, isto mediante o uso de modificadores, chamados de delimitadores. (Cf. LAKOFF e JOHNSON, 2002, p. 215) Esses recursos podem selecionar o protótipo de uma categoria e estabelecer os vários tipos de relações com o protótipo, todavia entendemos que esses delimitadores não são exclusivos para estabelecer uma relação prototípica. Consideramos a existência de outros elementos implícitos, dispostos principalmente nas propriedades interacionais, que permitem incluir os objetos, os eventos e as experiências em uma variedade de categorias, cujo fato possibilita estabelecer uma relação de grau de parentesco com a forma prototípica. (Cf. MARCUSCHI, 2003, p. 239-161)

A discussão relativa ao estabelecimento da cadeia prototípica é polêmica. Dentre as críticas que essa teoria recebe está o fato de o estabelecimento da referência prototípica possibilitar indução de conceitos que remetem a preferências. Isto é possível deduzir da Teoria dos Protótipos, quando diz que um nome pode ser mais central ou mais prototípico, como sinônimo de exemplos melhores, ou

“nível ótimo”, além de considerar a dificuldade de estabelecer uma categorização relativa a conceitos mais abstratos, como crenças, amor etc.

Marcuschi (2003, p. 239-261) assevera que a necessidade de produzir significados está intrinsecamente relacionada com inferências, justificando ser o conhecimento uma construção sociodiscursiva. Esse juízo considera a instabilidade linguística e conceitual como produzida discursivamente.

Sobre o tratamento da inter-relação entre referência, inferência e categoria, assim se expressa Marcuschi:

Estes três grandes temas deveriam ser analisados de maneira significativamente mais dinâmicas de referenciação, inferenciação e categorização, construídas essencialmente em atividades discursivas. A meu ver, trata-se dos três processos básicos que permitem toda reflexão humana e a análise do próprio pensamento no âmago da linguagem. (MARCUSCHI, 2003, p. 245)

Nestes termos, a inferenciação é concebida como um cálculo e projeção lógica em sentido estrito, devendo um enunciado permitir a projeção de sentidos para que seja entendido por mais de um indivíduo. Marcuschi descarta a rigidez das regras seguidas para o cálculo, porque o importante é que elas são inferenciais e permitem a produção dos mesmos efeitos. Por isso, postula “a incontornabilidade da inferenciação na determinação referencial e na produção de sentidos.” (MARCUSCHI, 2003, p. 245)

Diante desse posicionamento, o autor defende a tese de que não existem categorias naturais porque não existe um mundo naturalmente categorizado. Ilustrando sua afirmação, Marcuschi (2003) utiliza como referência a visão dos sábios no Velho Mundo do século XVIII, a respeito dos ‘selvagens’ do Novo Mundo, bem como a posição de Buffon na descrição dos animais do Mundo Novo da América, para classificá-las como objetos discursivos e categorizações decorrentes de pontos de vista de europeus etnocêntricos. Isto é, estas passagens configuram descrições que partem de construções categoriais baseadas em

estereótipos da superioridade racial ou cultural de um continente sobre outro, em passagens como as que se seguem:

[...] ainda que o selvagem do Novo Mundo possua aproximadamente a mesma estatura do homem de nosso mundo, isso não é suficiente para que ele constitua uma exceção ao fato geral do apequenamento da natureza viva em todo este continente. O selvagem é débil e pequeno nos órgãos da reprodução; não tem pêlos nem barba, nem qualquer ardor por sua fêmea: embora mais ligeiro que o europeu, pois possui o hábito de correr, é muito menos forte de corpo; é igualmente bem menos sensível e, no entanto, mais crédulo e covarde; não demonstra qualquer vivacidade, qualquer atividade d'alma; quanto à do corpo, é menos um exercício, um movimento voluntário, que uma necessidade de ação imposta pela necessidade: prive-o da fome e da sede e terá destruído simultaneamente o princípio ativo de todos os seus movimentos; ele permanecerá num estúpido repouso sobre suas pernas ou deitado durante dias inteiros. (BUFFON *apud* MARCUSCHI, 2003, p. 249)

Assim como observado por Marcuschi, o ponto de vista de conhecer e conceber o mundo situa-se em contextos específicos, conseqüentemente é fruto de uma determinada cultura, em certo momento da história. Como destaca o autor, são atividades semiotizadas que vão sendo fundamentadas nas atividades individuais e coletivas, e deste modo vão-se instituindo no senso comum de uma sociedade:

Parece correto e necessário postular que, se por um lado, o mundo físico externo existe, por outro, ele não existe naturalmente assim, na forma como nós o identificamos como sendo isto ou aquilo. Pois **a identificação dos fenômenos passa pelo filtro de nossas elaborações e, basicamente, de nossa linguagem. Portanto, os fenômenos são de algum modo amorfos, e as formas que lhes darão a estrutura de objetos são fruto de nossas propostas teóricas ou rotinas e estereótipos sociais** que utilizamos como base para agrupamentos. (MARCUSCHI, 2003, p. 250, destaque nosso)

O estabelecimento da noção de categoria constitui um processo dinâmico de interlocução, cooperativamente postulado a partir de “modelos sociais” e não exclusivamente de “modelos mentais”. Afirmar que algo seja isso ou aquilo, significa agir com base em raciocínio desenvolvido numa atividade inferencial que

tem como referência um ponto de vista inserido num contexto estabelecido, que inclui e exclui.

Importa a clareza de que os indivíduos constroem seus referentes interagindo linguisticamente. Resumidamente, a noção de categorização atribui papel central à referenciação, bem como à inferenciação, na tentativa de estabelecer uma hierarquia categorial como pressuposto básico para se chegar à rigidez de uma definição.

Cumulativamente a essas constatações, entendemos que a categorização auxilia na estruturação do pensamento e dos conceitos. Como nos é de costume estar sempre nomeando e classificando coisas, a categorização se faz presente porque vinculamos suas referências levando em conta toda uma cadeia de significados, a partir de nossas experiências.

Considerando-se uma versão ampliada da noção de protótipo, as categorias exibem graus de atributos multirreferenciais, ou seja, fazem alusão a mais de uma referência e apontam para efeitos prototípicos que os vinculam aos membros de uma categoria. Em sendo assim, fizemos opção por não situarmos a categoria pertinente ao verbo *bater* em termos ótimo ou prototípico, para trabalharmos com a ideia de vínculos que os relacionam a uma cadeia significativa. Por exemplo, relativamente ao desempenho de *bater* nos mais variados contextos linguísticos, CLC(B)s e metáforas, ou extralinguísticos, percebemos vínculos significativos que os unem na cadeia de usos, como nos registros a seguir:

(32) O sino *bateu* foi à hora da Ave Maria

(BORBA *et. al.*, 1999, p. 213-214)

(33) A pressão são-paulina acabou dando resultado aos 20 minutos, quando Marcelinho, recebeu pela esquerda e chutou cruzado, rasteiro, para *bater André*. O SP poderia ter virado o marcador logo em seguida. Sandro Horoshi ficou livre na pequena área, conseguiu finalizar, mas chutou em cima de André.

(*Corpus Folha-SP*, 19/08/1999[14]. Destaque nosso)

(34) Embora venha evitando comentar sobre o futuro (“tenho que terminar

as competições e ver se os projetos do Palmeiras vão **bater com os meus**’, costuma dizer), Scolari começa a evidenciar suas intenções.

(*Corpus* Folha-SP, 1º/06/1999[19]. Destaque nosso)

Com base nos exemplos acima, cabe a indagação: seria possível afirmar que **bater**, no item (32), faz parte de uma categoria do nível básico, considerado o sentido mais concreto da palavra, diferentemente do que acontece nos itens (33) e (34), quando o sentido é mais abstrato relativamente à noção concreta referente ao verbo?

O nível básico ou prototípico serve como elemento referencial para traçar a linha hierárquica que guia a categoria em relação a sua referência de base. É o nível mais geral, a partir do qual derivam-se vínculos que se aproximam ou se afastam do eixo básico prototípico da palavra.

As pessoas podem entender o mundo mediante modelos diferentes de categorização de ideais possíveis. Estes fenômenos estão sujeitos a variações, posto que os nossos conceitos individuais não são definidos isoladamente, mas sim com base nos tipos naturais e nas relações de experiências, conjuntamente com as propriedades interacionais. Além desses aspectos, como seres humanos dispomos de uma estrutura cognitiva que nos permite formar conceitos, categorizar, inferir e eleger protótipos para cada categoria. (Cf. LAKOFF e JOHNSON, 2002, p. 217) Desta forma, os “modelos diferentes de categorização” implicam numa escolha, segundo nosso modo de achar e conceber o mundo.

Em razão da subjetividade que perpassa as escolhas dos protótipos, em nosso trabalho optamos por uma linha mais ampla de categorização, trabalhando com a ideia de vínculos na relação de referência, dispensando uma hierarquia paramétrica.

As metáforas compostas por CLC(B)s, mesmo não apresentando expressões delimitadoras, mantêm vínculos implícitos com a categoria verbal, considerando a natureza aberta dos conceitos metafóricos. Estes usos partilham propriedades

suficientes e típicas de *bater*, o que possibilita ser possível considerá-los membros dessa mesma categoria verbal.

Segue-se um mapeamento geral das construções metafóricas constituídas com o verbo *bater* em nossa amostra:

Quadro 9a – Usos de *bater* em diversos contextos/movimento

O ESTADO DE COISAS DO VERBO <i>BATER</i> PODE SER		
A POLÍTICA/DISCUSSÃO [± DURATIVO]	B JOGAR/VENCER [± LONGINQUO]	C OUTROS / [± DURATIVO]
<i>Bater</i> no parlamento <i>Bater</i> no adversário <i>Bater</i> no ex-presidente <i>Bater</i> em Maluf <i>Bater</i> em Clinton <i>Bater</i> na tecla de que Covas deixou SP “de joelhos” <i>Bater</i> em FHC <i>Bater</i> em José Serra <i>Bater</i> em ACM <i>Bater</i> em Mão Santa <i>Bater</i> na oposição <i>Bater</i> no Fundo (FMI) ¹⁸ <i>Bater</i> em sua política de energia <i>Bater</i> a burocracia <i>Bater</i> nas entrevistas <i>Bater</i> a China O Titanic pode <i>bater</i> O dominó <i>bater</i> o Brasil <i>Bater</i> lata <i>Bater</i> a TV Globo <i>Bater</i> no lugar Fui para <i>bater</i> <i>Bater</i> o governo <i>Bater</i> no atual prefeito <i>Bater</i> o pique em Congonhas <i>Bater</i> martelo <i>Bater</i> bumbo <i>Bater</i> o telefone <i>Bater</i> na mesa <i>Bater</i> rolo	<i>Bater</i> o tiro de meta <i>Bater</i> falta <i>Bater</i> pênalti <i>Bater</i> cruzado <i>Bater</i> um lateral <i>Bater</i> escanteio <i>Bater</i> o Lyon <i>Bater</i> o Botafogo <i>Bater</i> o Flamengo <i>Bater</i> o Clube <i>Bater</i> o Vitória em casa <i>Bater</i> um dos melhores times do campeonato <i>Bater</i> dois favoritos <i>Bater</i> o britânico <i>Bater</i> André <i>Bater</i> as estrangeiras <i>Bater</i> Dida <i>Bater</i> bola <i>Bater</i> pelada <i>Bater</i> a marca <i>Bater</i> para o gol <i>Bater</i> para ganhar <i>Bater</i> na classe média alta <i>Bater</i> as conexões internacionais <i>Bater</i> em R\$ 2,00 <i>Bater</i> sucessivos recordes <i>Bater</i> recordes <i>Bater</i> a marca <i>Bater</i> todos os valores	<i>Bater</i> asas <i>Bater</i> o pé <i>Bater</i> boca <i>Bater</i> o olho <i>Bater</i> de frente A cara para <i>bater</i> <i>Bater</i> pernas <i>Bater</i> o desespero <i>Bater</i> medo <i>Bater</i> continência <i>Bater</i> aquele branco <i>Bater</i> com a crueldade habitual <i>Bater</i> pessoalmente em Itamar <i>Bater</i> refastelado Esse <i>bater</i> terrível <i>Bater</i> em retirada <i>Bater</i> ou abandonar Os projetos do Palmeiras vão <i>bater</i> com os meus <i>Bater</i> no mesmo assunto <i>Bater</i> no assunto <i>Bater</i> na tecla <i>Bater</i> lá na minha porta para repasse de verbas <i>Bater</i> em tintim
*Estes exemplos necessitam do contexto para recuperar o sentido de fato.		

¹⁸ FMI – Fundo Monetário Internacional.

Dados da Folha de S. Paulo (1998, 1999, 2007 e 2008).

Quadro 9b – Usos de *bater* em diversos contextos/movimento

O ESTADO DE COISAS DO VERBO <i>BATER</i> PODE SER	
D ONTOLÓGICA/FAZER, AÇÃO [± DURATIVO]	E OUTROS/ESCALA [± DURATIVO]
<p><i>Bater</i> um buraco com D. Sylvia <i>Bater</i> o catolé <i>Bater</i> cabeça de Gonzá Sem <i>bater</i> uma Pingolim <i>Bater</i> ponto</p>	<p><i>Bater</i> duro <i>Bater</i> pesado <i>Bater</i> mais pesado <i>Bater</i> forte <i>Bater</i> pesado em Garotinho <i>Bater</i> cedo e forte <i>Bater</i> mais forte <i>Bater</i> forte em Brizola <i>Bater</i> duro no presidente <i>Bater</i> pouco em Rossi <i>Bater</i> mais ou menos <i>Bater</i> de menos <i>Bater</i> de primeira <i>Bater</i> agora <i>Bater</i> de letra <i>Bater</i> com força <i>Bater</i> mais lentamente <i>Bater</i> decisivamente <i>Bater</i> despreocupadamente <i>Bater</i> intensamente <i>Bater</i> com reservas</p>

Dados da Folha de S. Paulo (1998, 1999, 2007 e 2008).

Os quadros (9a e 9b) apresentam uma rede de atualizações do verbo *bater* obtida através de informações colhidas no *corpus* retirado do jornal Folha de S. Paulo, nos anos 1997/1998 e 2007/2008.

Consoante podemos depreender dos quadros acima citados, a propriedade funcional do verbo *bater*, no sentido de atrito, é compartilhada nos dados consultados, porém de forma diferente, refletindo-se como linguagem polissêmica/metáfora de forma embricada no nosso pensamento e ação.

Nas colunas (A e B), temos uma noção de como um conceito pode estruturar uma atividade cotidiana, a exemplo do conceito DISCUSSÃO e da

metáfora DISCUSSÃO É GUERRA. Em nossos dados, temos o conceito VENCER, cuja metáfora VENCER É BATER se apresenta na linguagem cotidiana a partir da variedade de expressões referidas anteriormente.

No campo de emissão dessas metáforas, a discussão se manifesta como numa luta que pode apresentar ganhadores e perdedores, ou seja, subentende-se o outro como adversário. Deste modo, emergem expressões como **bater em Maluf, bater em Clinton, bater o Clube, bater o Vitória em casa**. Conforme Lakoff e Johnson (2002, p. 47), “embora não haja batalha física há uma batalha verbal, que se reflete na estrutura de uma discussão – ataque, defesa, contra-ataque etc.”

No âmbito das nossas experiências físicas, as colunas C, D e E apresentam atualizações pertencentes ao campo das propriedades perceptuais, como em **bater o pé; bater boca, bater o olho, bater as asas, bater continência**, que são construções que atualizam metáforas de vários propósitos, e suas diferenças refletem diferentes fins. Em casos como esses, os movimentos do corpo nos fornecem subsídios para concebermos tais movimentos como uma capacidade de reação na qual estão envolvidos os sujeitos. Isto nos permite fazer referência e identificar seus aspectos particulares, interpretá-las como reação e agir em relação a ela.

Os demais exemplos foram agrupados por ordem temática, com detalhamento na análise dos dados.

Nos quadros 9, percebemos que os vínculos aparecem graças à motivação icônica geradora de novas formas a partir de uma velha forma, resultando em abundante produtividade linguística que se estende desde os conceitos concretos aos mais abstratos. Nessa perspectiva, é possível estabelecer uma linha contínua dos usos de **bater**, numa cadeia entrecruzada de semelhanças ou vínculos que os unem como um *continuum* do uso concreto para o abstrato, sendo os vínculos dependentes do segundo elemento da construção.

No percurso abstrato, a identificação do significado só é possível mediante o uso de nossa experiência linguística. Através deste recurso, nos permitimos estabelecer vínculos pertinentes ao campo semântico de *bater*, vindo de Bättũõ> Battuere> **BATER** > atrito> apertar> falar> andar > desafiar> decidir> lutar> vencer.

Nos exemplos abaixo, temos que concorrer com outra missa É BATER. Do mesmo modo, voar com aviões velhos É BATER LATA, ou seja, voar em aviões com poucos passageiros.

(35) Do lado de fora, usando telões fornecidos pela organização. Padre Marcelo, em sua homilia, disse que os problemas materiais, como o desemprego, podem ser mais facilmente superados por meio da fé. "Que Deus abençoe os evangélicos, que abençoe todas as religiões, mas eu sou feliz por ser católico", disse. Tradicionalmente, a Missa do Galo ocorre na noite do dia 24 para o dia 25, mas padre Marcelo mudou a data de sua celebração para não **bater com a mesma missa celebrada** pelo papa João Paulo II no Vaticano.

(*Corpus* Folha-SP, 26/12/98[12]. Destaque nosso)

(36) Caos aéreo já fez cair ganho das empresas. [...] empresas reagirão para diminuir prejuízos, manter rotas e horários e não **'bater lata'**, ou seja, voar com aviões vazios. Se aumentarem os preços, podem afugentar ainda mais [...]

(*Corpus* Folha online S.Paulo, 25/07/07[66]. Destaque nosso)

Nossa catalogação da amostra não cobre nenhum tipo de comparação com outras línguas, como o português europeu ou do continente africano. Sendo assim, nossa análise abrange as CLC(B)s veiculadoras de polissemia restritas ao campo da metáfora e da metonímia. Razão porque as expressões idiomáticas, entendidas como construções próprias de uma língua, impossíveis de serem traduzidas palavra por palavra, sem que a expressão apresente restrição no plano sintático ou semântico não fazem parte, neste momento, desta análise.

De um modo geral as CLC(B)s apresentam-se como metáfora, ou como expressões idiomáticas. As CLC(B)s apresentam mobilidade. Desse modo,

constituem construções cujos componentes perdem seu significado individual e assimilam um novo significado transposto, metafórico ou metonímico.

A categorização do verbo e seus vínculos semânticos nesse processo polissêmico apresenta limites difusos. Alguns apresentam vínculos, outros não. Esta imprecisão categórica nos permite ampliar a compreensão do significado, considerando-se que a expansão metafórica na qual esses usos se apresentam também é recorrente em outros contextos conhecidos tradicionalmente.

Entendemos que essa expansão de sentidos é permitida pelo movimento linguístico no qual *bater* se insere. Desta forma, um modelo padrão de limites precisos, restrito a uma significação ideal de palavras, não contempla adequadamente uma análise que trate da polissemia metafórica e sua multirreferencialidade.

A complexidade linguística permite dizer que a língua “não é completamente arbitrária” pois impera uma “razão relativa”, como preconiza Saussure (1995, p. 87). Há uma motivação icônica que possibilita a ação intencional do homem em retomar os termos linguísticos dos quais emergem novos significados sempre mesclados por vínculos entrecruzados, ou seja, a iconicidade reflete a similaridade existente entre um e outro item, ou a correlação natural entre forma e função conforme Hopper e Traugott (1993) e Givón (1991).

Nessa área de similaridade e referência, deparamo-nos com os diferentes usos de *bater*, na forma de CLC(B)s, representados nos processos metafóricos ou metonímicos.

Do ponto de vista metodológico, o ato de definir o significado de uma categoria assume um caráter subjetivo porque é determinado no processo interativo da comunicação, entre falantes e ouvintes, pela via de inferências e pressuposições. Em função da referência temática evocada, partimos da distribuição dos usos de *bater* para compreender os aspectos cognitivos e socioculturais que os permeiam.

A linha imaginária de combinação se ordena segundo as diferenças de vínculos do foco cognitivo. Nesse sentido, o processo gradual de mudança de

status do verbo **bater** pode estabelecer-se através da apropriação de um novo sentido atribuído ao termo pelo produtor/leitor de textos orais/escritos de uma comunidade, em contextos específicos de uso. Este novo sentido, transformado em dizer metafórico, realça o estilo retórico presente nos textos jornalísticos onde se insinua uma prática de persuasão aos leitores desatentos. Esta é a razão pela qual nos deparamos com as peculiaridades que revelam e realçam os discursos de diferentes gêneros presentes no inventário das construções com **bater** retiradas dos dados utilizados para a elaboração desta pesquisa.

Mesmo diante de variáveis que se entrecruzam, o processo de categorização contribui para estabelecermos uma relação de sentido nas construções verbais, em nosso caso, aquelas compostas com o verbo **bater**.

No capítulo imediato, procuramos detalhar como as metáforas se estruturam nos contextos das CLC(B)s, quando atualizadas nos textos jornalísticos coletados no *corpus* que respalda nosso estudo.

7 *BATENDO* NA ANÁLISE E DISCUSSÃO DAS *CLC(B)S*

7.1 *BATENDO* EM VÔ BATÊ PÁ TÚ

VÔ BATÊ PÁ TÚ

Falou, é isso aí malandro
 Eu vou batê pá tú, pá tú
 Batê pá tua patota
 Vou batê pá tú
 Pá tú batê
 Vô batê pá tú, batê pá tú
 Pá tú batê
 Vô batê pá tú, batê pá tú
 Pá tú batê
 Vô batê pá tú, batê pá tú
 Pá tú batê
 Pá amanhã a pá não me dizer
 Que eu não bati pá tú
 Pá tú podê batê
 O caso é esse
 Dizem que falam que não sei o que
 Tá pá pintá ou tá pá acontecer
 É papo de altas transações
 Deduração, um cara louco
 Que dançou com tudo
 Entregação com dedo de veludo
 Com quem não tenho grandes ligações.

Antônio Arnaud Rodrigues e
 Chico Anysio (1974)¹⁹

¹⁹ Antônio Arnaud Rodrigues, ator, cantor, compositor e humorista brasileiro. Conjuntamente com Chico Anysio criou o grupo musical Baiano e os Novos Caetanos, na década de 1970.

7.1.1 Sobre as atualizações linguístico-discursivas

Apresentamos aqui as discussões sobre as construções com o verbo *bater*. Partimos da análise por temas sugeridos no *corpus* com vistas a estabelecer uma referência entre os usos mais comuns do verbo, e assim traçar-lhe um perfil.

Na análise dos dados, constatamos o predomínio da regularidade de uso de CLC(B)s veiculadoras de metáforas, conforme mostramos a seguir.

Assim sendo, constatamos inicialmente que, lexicalmente, sempre estamos diante de uma mesma unidade: o verbo *bater* em processo de CLC(B)s. O funcionamento do verbo, entretanto, se apresenta sob realizações diversas o que requer, para entendermos o processo, voltarmos ao contexto, sem nos determos em frases isoladas que se mostram insuficientes para recuperar a significação dos enunciados.

Estando as metáforas estreitamente ligadas a nossa vida cotidiana, o item “comparação” não funciona como uma pré-condição da metáfora, pois é na compreensão que seu significado emerge.

Num segundo momento, constatamos que as metáforas encontram-se de forma abundante nos textos jornalísticos, independentemente do gênero considerado. Este fato é relevante para a pesquisa porque revela que as atualizações sofridas por *bater* – “raro” no passado e abonável em Plauto (P. Machado (1952?)) – nos dias atuais, participa do cotidiano linguístico com inúmeros sentidos evocados e atendendo aos mais diversos contextos de uso.

Considerando outras relações linguísticas da amostra, parece-nos ser apropriado remeter algumas delas para o campo das metáforas estruturais, tendo como referência a metáfora estrutural DISCUSSÃO RACIONAL É GUERRA.

Lakoff e Johnson (2000, p. 133-134) afirmam que as metáforas estruturais além de orientarem conceitos, também nos permitem usar um conceito detalhadamente estruturado e delineado de maneira clara, com a finalidade de

estruturar outro conceito.

As metáforas são fundamentadas em correlações sistemáticas encontradas em nossa experiência cotidiana, por exemplo, os significados das construções seguintes apresentam uma estreita correlação com o campo semântico GUERRA, no qual as construções linguísticas são atualizadas pela metáfora ENFRENTAR É BATER.

- **Bater** de frente
 - **Bater** o pé
 - **Bater** martelo
 - **Bater** duro
 - **Bater** boca
 - **Bater** alguém
 - **Bater** em retirada
- } ENFRENTAR É **BATER** (É “GUERRA”)

Nos textos jornalísticos retirados da amostra, que tratam de política, economia ou esporte, temas predominantes nos exemplos desta pesquisa, a linguagem reflete e se materializa, conceptualizando esse embate de forças presente em nosso cotidiano, como afirmam Lakoff e Johnson abaixo:

[...] não apenas nossa concepção de discussão, mas também a nossa maneira de desenvolvê-la fundamentam-se em nosso conhecimento e em nossa experiência de combate físico. Mesmo que você não tenha jamais em sua vida experienciado uma luta física, muito menos provavelmente uma guerra, você ainda concebe discussões e discute de acordo com a metáfora DISCUSSÃO É GUERRA, porque tal metáfora faz parte do sistema conceptual da cultura na qual você vive. Todas as discussões consideradas “racionais”, aquelas que se enquadram no ideal de DISCUSSÃO RACIONAL, não são apenas concebidas em termos de guerra, mas quase todas contêm, de maneira subjacente, as táticas “irracionais” e “desleais” que as discussões racionais, em sua forma ideal, não deveriam apresentar. (LAKOFF e JOHNSON, 2002, p. 136)

Nesse sentido, entendemos a capacidade dos falantes desenvolverem conceitos mais abstratos como consequência de sua percepção e ação no mundo. Quanto mais os produtores/leitores (falantes/ouvintes) abstratizam determinadas

construções linguísticas, mais expressões metafóricas (EMs) são produzidas.

A partir dos exemplos demonstrados nos quadros seguintes, deparamo-nos com atualizações que adquirem um sentido pragmático, em função de sua contextualização e não de seus aspectos sintáticos.

Quadro 10 – Construções linguísticas que atualizam metáforas

POLÍTICA/ECONOMIA	
<i>Bater</i> no parlamento <i>Bater</i> no adversário <i>Bater</i> no ex-presidente <i>Bater</i> em Clinton <i>Bater</i> em FHC <i>Bater</i> na oposição <i>Bater</i> no Fundo (FMI) ²⁰ <i>Bater</i> no governo etc	CRITICAR É BATER
<i>Bater</i> a burocracia	EMPACAR É BATER NA BUROCRACIA
<i>Bater</i> nas entrevistas	ARGUMENTAR É BATER
<i>Bater</i> a China <i>Bater</i> a TV Globo <i>Bater</i> as conexões internacionais <i>Bater</i> sucessivos recordes	SUPERAR É BATER
<i>Bater</i> em R\$ 2,00 O dominó <i>bater</i> o Brasil <i>Bater</i> o pique em Congonhas <i>Bater</i> no lugar <i>Bater</i> na classe média alta <i>Bater</i> nas crianças	ATINGIR É BATER
<i>Bater</i> num homem	SEDUZIR É BATER
<i>Bater</i> martelo <i>Bater</i> bumbo <i>Bater</i> o telefone <i>Bater</i> na mesa	DECIDIR/DISCUrir É BATER BUMBO DECIDIR É BATER PROTESTAR É BATER

²⁰ FMI – Fundo Monetário Internacional.

<i>Bater</i> rolo	TROCAR É BATER
-------------------	----------------

Retomamos alguns contextos, como *bater bumbo*, para melhor esclarecer os sentidos. Desta forma, constatamos que *bater bumbo* estabelece relação com o movimento contínuo de tocar o bumbo. Tocar bumbo significa fazer barulho, entretanto, nesse contexto, seu sentido é transposto metaforicamente: **FALAR É BATER BUMBO**. Assim o que seria fazer barulho, adquire o sentido de melhor divulgar os projetos do governo FHC, isto é, fazer alarde sobre as realizações governamentais, como se tem a seguir.

(37) TÍTULO - FHC cobra "barulho" para ações no social

O presidente Fernando Henrique Cardoso cobrou ontem de sua equipe melhor divulgação das ações do governo na área social. "Vamos **bater mais bumbo**, fazer mais barulho." FHC negou corte na distribuição de cesta básica. A verba desse item caiu 33,7% este ano sobre 98.

(*Corpus* Folha-SP, 04/03/99[150]. Destaque nosso)

(38) TÍTULO - Stedile cria mais notícias, diz Jungmann por Fábio Guibu

Ministro admite '**bater bumbo**' e diz que líder do MST é 'melhor percussionista' porque cria conflitos (...) O ministro Raul Jungmann (Política Fundiária) disse ontem, ao anunciar repasse de terras para assentar famílias, que é "um percussionista do governo" _mas admitiu que João Pedro Stedile, do MST, é "melhor percussionista".

"**Bato o bumbo** e faço barulho há dois anos e meio, antes mesmo de o presidente pedir", disse Jungmann, referindo-se às declarações feitas por Fernando Henrique Cardoso no dia 3, quando o presidente cobrou da equipe maior divulgação das ações sociais. "Vamos **bater mais bumbo**, fazer mais barulho."

Para Jungmann, o "barulho" que faz "irrita" o coordenador nacional do MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra) Stedile, a quem considera, apesar disso, "melhor percussionista" do que ele. "Stedile cria mais notícias porque cria conflitos."

(*Corpus* Folha-SP, 09/03/99[148]. Destaque nosso)

(39) TÍTULO - Filme antigo; Conflito de poderes; A política como ela é;

Luz liberal; História paulista; Medida radical; Pela raiz; Samba de uma nota só; Feudo permanente; Malandragem; Vão-se os anéis...; Vai ser difícil; Porta aberta; Revanchismo sem fim

No Planalto, diz-se que o pior momento da crise cambial já passou. Mas avalia-se que a crise social (desemprego e inflação) ainda vai piorar, atingindo o ápice em maio. Por isso, o presidente fala em **bater o bumbo** para alardear supostos feitos sociais.

(*Corpus* Folha-SP, 08/03/99[150]. Destaque nosso)

(40) TÍTULO - Lula chega à Finlândia e fala sobre etanol
[...] desembarcou ontem, às 19h (13h em Brasília) em Helsinque, precedido por um potente **bater de bumbo** para o Brasil, ao afirmar em entrevista ao jornal "Helsingin Sanomat."

(*Corpus* Folha-SP, 10/09/07[49]. Destaque nosso)

Em **bater nas crianças**, como a seguir, a metáfora atualiza-se em **ATINGIR É BATER**. Se destituído do contexto, o exemplo indica um verbo transitivo com função gramatical de veiculador de sujeito.

(41) TÍTULO – Uma questão de atitude por João Sayad
Para ter inflação é preciso: câmbio permanentemente crescente; trabalhadores que exigem salário fixado em outra moeda que não a moeda nacional, em dólares ou em índices de preços; e, finalmente, governo ineficaz, isto é, incapaz de aprovar leis e fazer respeitá-las, nomear e mandar prender.
No Brasil, nada disso está acontecendo. Nem parece prestes a acontecer.
O câmbio subiu, desceu e agora subiu de novo. Não tem tendência nítida de crescimento. Na semana passada, caiu. O Banco Central tem agido com sabedoria. Nem promessas, nem bravatas.
Os trabalhadores, coitados, há muito tempo que não negociam salários. Discutem apenas emprego.
O governo conseguiu aprovar reformas constitucionais inimagináveis há alguns anos, inclusive a reeleição. Mais eficaz, impossível.
Não há indícios de volta do dragão - a inflação permanente. Não é preciso aumentar taxas de juros, cortar gastos ou **bater nas crianças**.

(*Corpus* Folha-SP, 06/12/99[28]. Destaque nosso)

Consideremos o exemplo **bater com o pau na mesa**. Num primeiro

momento, o verbo aparenta estar em sua acepção de transitivo com função gramatical, no entanto, o contexto revela que sua atualização ocorre através da metáfora **PROTESTAR É BATER**, portanto, protestar com veemência.

(42) Vim sondar o presidente por ter decidido dar urgência ao combate a pobreza. Essa tem sido a minha prioridade desde que cheguei ao Congresso; disse Suplicy. Segundo o senador petista, é preciso “remover montanhas, **bater com o pau na mesa** e dizer quando o congresso precisa combater a pobreza.

(*Corpus* Folha-SP, 22/07/99[113]. Destaque nosso)

Ocorrência igual se dá em *bater num homem*. Nesse contexto, a atualização do verbo estabelece uma discussão metalinguística em torno da questão do que seja “bater num homem”. Trata-se de uma propaganda que utiliza a metáfora - **SEDUZIR É BATER**. como recurso discursivo.

(43) Propaganda ruim:
Um dos grandes shopping da BR inaugura uma das lojas mais caras do mundo com uma propaganda das mais ridículas: “O jeito mais elegante de **bater num homem**”. Tem jeito elegante de **bater**? Será que é tão difícil fazer uma propaganda decente para uma marca de luxo num shopping de sucesso?

(*Corpus* Folha-SP, 29/08/99[93]. Destaque nosso)

Nos quadros abaixo, selecionamos exemplos de situações em contextos diversos de uso em que *bater* é atualizado.

Quadro 11 – Construções linguísticas que atualizam metáforas

DIVERSOS	
<i>Bater</i> o olho	VER É BATER
<i>Bater</i> asas	NAMORAR É BATER ASAS
<i>Bater</i> o pé	INSISTIR/BRIGAR É BATER
<i>Bater</i> boca <i>Bater</i> de frente	BRIGAR É BATER

A cara para <i>bater</i>	
<i>Bater</i> pernas	ANDAR É BATER
<i>Bater</i> o desespero <i>Bater</i> medo <i>Bater</i> aquele branco Esse <i>bater</i> terrível	SENTIR É BATER
<i>Bater</i> continência	CUMPRIMENTAR/OBEDECER É BATER
<i>Bater</i> em retirada	SAIR É BATER
<i>Bater</i> no assunto <i>Bater</i> na tecla	DISCUTIR SOBRE ALGO É BATER
<i>Bater</i> lá na minha porta	CHAMAR É BATER
<i>Bater</i> em tintim	COMEMORAR É BATER

Dados do *corpus* Folha-SP, 1998, 1999, 2007 e 2008.

Observando a atualização do verbo em *bater asas*, inicialmente somos remetidos para a ideia de partir, entretanto, o contexto indica que *bater asas* significa estar junto, namorando (exemplo 44). Significa uma projeção metafórica na qual há aquisição de um novo sentido – **NAMORAR É BATER ASAS**. Assim, o sentido contextual assume relevância importante, porque percebemos a necessidade de recorrer ao mesmo, no objetivo de alcançar o sentido mais apropriado.

Semelhantemente ao que ocorre com o verbo “levar” (CF. ALVES, 2009), que transfere para as CLCs a noção de movimento (para frente, para trás, circular etc), *bater* preserva a ideia de movimento constante, repetido, transferido-os para as CLC(B)s. Em verdade, na maioria das CLC(B)s, predomina esse tipo de movimento como característica das Construções Lexicais Complexas. Nesse sentido, partindo de nossas experiências movimentamo-nos para expressar

nossos sentimentos e agimos provocando situações de mudanças através de nossas emissões linguísticas.

(44) No embalo das festas de final de ano na Bahia, o mais novo casal de periquitos começa a **bater asas**.

Junta o campeão dos superpenas Acelino Freitas, o Popó, e Carla Perez. Os dois estão circulando, juntinhos da silva em Salvador.

(*Corpus Folha-SP*, 23/12/99[157]. Destaque nosso)

Abaixo, sintetizamos os usos de **bater** em contextos de escala como em **AGIR É BATER**, que segundo nossa compreensão, corrobora a forte presença das metáforas na vida cotidiana.

Quadro 12 – Construções linguísticas que atualizam metáforas

DIVERSOS/ESCALA	
<p><i>Bater</i> duro <i>Bater</i> pesado <i>Bater</i> mais pesado <i>Bater</i> forte <i>Bater</i> cedo e forte <i>Bater</i> mais forte <i>Bater</i> forte em Brizola <i>Bater</i> duro no presidente <i>Bater</i> pouco em Rossi <i>Bater</i> mais ou menos <i>Bater</i> de menos <i>Bater</i> de primeira <i>Bater</i> agora <i>Bater</i> de letra <i>Bater</i> com força <i>Bater</i> mais lentamente <i>Bater</i> decisivamente <i>Bater</i> despreocupadamente <i>Bater</i> intensamente <i>Bater</i> com reservas</p>	<p>AGIR DURO/PESADO/FORTE/ETC. É BATER</p>
<p>*Estes exemplos necessitam do contexto para recuperar o sentido de fato.</p>	

Dados da Folha de S. Paulo (1998, 1999, 2007 e 2008).

Nos contextos esportivos deparamo-nos com generalizações traduzíveis nas metáforas **JOGAR É BATER** e **VENCER É BATER**, como apresentado em seguida.

Quadro 13 – Construções linguísticas que atualizam metáforas

ESPORTE	
<i>Bater</i> o tiro de meta <i>Bater</i> falta <i>Bater</i> pênalti <i>Bater</i> cruzado <i>Bater</i> um lateral <i>Bater</i> escanteio <i>Bater</i> bola <i>Bater</i> pelada <i>Bater</i> a marca <i>Bater</i> para o gol Os projetos do Palmeiras vão <i>bater</i> com os meus	JOGAR É BATER
<i>Bater</i> o Lyon <i>Bater</i> o Botafogo <i>Bater</i> o Flamengo <i>Bater</i> o Clube <i>Bater</i> o Vitória em casa <i>Bater</i> um dos melhores times do campeonato <i>Bater</i> dois favoritos <i>Bater</i> o britânico <i>Bater</i> André <i>Bater</i> as estrangeiras <i>Bater</i> Dida <i>Bater</i> para ganhar <i>Bater</i> recordes <i>Bater</i> a marca <i>Bater</i> todos os valores	VENCER É BATER

Dados do *corpus* Folha-SP, 1998, 1999, 2007 e 2008.

Neste mesmo contexto catalogamos construções que traduzem o cotidiano esportivo, dentre elas, algumas já esmaecidas pelos usos, representando metáforas mortas, mas cujo sentido se encontra cristalizado no cotidiano.

Quadro 14 – Recortes do contexto esportivo

Usos de <i>bater</i>	FRASE EXPLICATIVA
(45) E a única coisa ruim do timão é agüentar o Marcelinho Carioca, o saci de duas pernas. E diz que o Marcelinho tava pra <i>bater a falta</i> , quando perguntou pra Jesus: e aí, Jesus, o que eu faço?	Chutar uma bola parada, de forma inusitada, em direção ao gol ou para dar continuidade ao jogo
(46) A pressão são-paulina acabou dando resultado aos 20 minutos, quando Marcelinho recebeu pela esquerda e chutou cruzado, rasteiro, para <i>bater André</i> . O SP poderia ter virado o marcador logo em seguida. Santo Horoshi ficou livre na pequena área, conseguiu finalizar, mas chutou em cima de André.	Vencer alguém
(47) Sempre é bom correr com nuvens e uma garra fina. Meus melhores tempos foram em dias assim. É bom para superar sua marca pessoal, mas torna mais difícil <i>bater as estrangeiras</i> “afirma Cleusa Irineu”, a brasileira mais bem classificada em 1998.	Vencer uma competição
(48) Estou com problemas para <i>bater o tiro de meta</i> , sinto dores nos treinos quando salto muito, quando pulo para o lado direito. Não posso dobrar o joelho rapidamente.	Chutar a bola de dentro da área para reiniciar o jogo

Dados do *corpus* Folha-SP, 1998, 1999, 2007 e 2008.

7.1.2 Discussão dos resultados

Nosso trabalho catalogou 430 ocorrências de textos envolvendo construções linguísticas que atualizam 22 metáforas constituídas com o verbo *bater* em CLC(B)s de contexto variados. Constatamos que algumas das metáforas citadas estruturam-se com base no conceito de GUERRA. Por exemplo, como em DISCUSSÃO É GUERRA, Lakoff & Johnson (2002, p. 153), apresentam um

deslocamento do domínio físico, concreto, para o campo abstrato.

Nos vários contextos dos dados analisados, o termo **bater** pode ser compreendido a partir do movimento das metáforas: VENCER É *BATER* > LUTAR É *BATER* > JOGAR É *BATER* > GANHAR É *BATER* > IMPOR-SE É *BATER* > DECIDIR É *BATER*. Se vencer ou ganhar é **bater**, podemos estruturá-las tendo como referência o conceito de batalha, portanto pertencentes ao domínio GUERRA, onde **bater** atua como sinônimo de luta, porque exprime uma atitude de repressão, de enfrentamento.

O mapeamento das atualizações de **bater** é experienciado através de cenas recorrentes, nas quais concorrem ação física *vs* movimento. O verbo apresenta uma carga semântica que imprime a ideia de força, de atrito, de choque, sendo que, ao se formar a composição, resulta uma tensão menor do ponto de vista da concretude dos fatos. O efeito de expressão deixa subjacente uma atitude de embate, de competição, porque a experiência cotidiana mostra que uma disputa física se ganha com força, ação – luta. Na linguagem, esse movimento reflete-se no discurso e as atualizações de **bater** co-ocorrem em direção ao movimento do embate.

Considerando a experiência humana, podemos dizer que **bater** faz parte do nosso cotidiano sociocultural, relacionando-se a lutar, disputar, brigar para conseguir algo, entretanto, na composição metafórica, o termo perde a essência de embate físico, migrando para o campo eminentemente abstrato das ideias.

Lakoff e Johnson (2002, p. 160) classificam as experiências específicas como *gestalts* experienciais que existem no nosso sistema conceptual. Entretanto, torna-se necessário distinguir a experiência em si dos conceitos que empregamos para estruturá-la, ou seja, as *gestalts* multidimensionais. Com base na experiência cotidiana, selecionamos aspectos importantes e passamos a categorizá-los, entendê-los e recuperá-los na memória.

Assim, nas metáforas LUTAR É *BATER* e VENCER É *BATER*, a *gestalt* de LUTAR estrutura-se através de correspondências com elementos da *gestalt* de

BATER. Essa correlação entre experiência e *gestalts* multidimensionais é condição necessária para que a nossa experiência seja coerente.

O verbo *bater*, nas construções que aqui foram selecionadas e analisadas, reflete nossas experiências em estruturas que traduzem movimento. Ou seja, o movimento expresso pelo verbo em um determinado ponto é conceptualmente entendido como ponto do início de determinado estado de coisas. Há deslocamentos no sentido de se atingir um objetivo, uma meta, qual seja a de ultrapassar, superar; de chegar primeiro. Assim, podemos representar que algo *bateu* o/em/na.

Nesta análise levamos também em consideração os fenômenos linguísticos correlacionados à cultura, ao plano das ideias. Nesse nível, muitas palavras que remetem para a significação de ação física, como em “o sono não *bateu* ainda”, incorporam-se ao nosso cotidiano desprovidas de sua acepção real, concreta.

Especificamente no contexto esportivo, *bater* é retomado em sua acepção abstrata, refletindo o movimento da bola dentro do campo de futebol. A palavra *bater* assimila as funções de jogar bola, de cobrar uma penalidade, de jogar melhor que o adversário, de jogar bem, de jogar a bola atravessando diagonalmente o campo (cruzar).

Durante as competições esportivas há uma disputa acirrada entre as partes envolvidas. Então, jogar é lutar – JOGAR É BATER, e quem *bate* o faz para superar o adversário, portanto para ganhar.

Essas construções circulam dentro e fora de campo. *Batem* desde a linguagem, comum característica dos jogadores, até o linguajar mais especializado dos críticos e comentaristas, em termos que são automaticamente atualizados no cotidiano, para descrever os movimentos dos esportes de uma forma geral, como evidenciam os dados.

Muitas das atualizações de *bater*, frequentemente encontradas no contexto esportivo e percebidas como metáforas mortas, na realidade são governadas por generalizações, como metáforas conceptuais ou conceitos metafóricos (Cf.

LAKOFF E JOHNSON, 2002). Por exemplo, “*bater bola*”, “*bater tiro de meta*”, “*bater o pênalti*”, “*bater falta*” “*bater de primeira*” e “*bater de letra*”, configuram metáforas conceituais subjacentes às expressões metafóricas. São expressões linguísticas que indicam a metáfora conceptual JOGAR É BATER.

Nos exemplos citados, encontramos atualizações que adquirem sentido próprio, onde *bater* perde a função sintática em benefício do contexto pragmático. Tal fato implica em considerarmos as realizações discursivas que permeiam a gramática da língua como algo fundamental na obtenção de resultados que dêem conta da funcionalidade dos enunciados nas circunstâncias pragmáticas.

Os dados advindos da amostra também evidenciam que o papel verbal desempenhado por *bater* aponta para uma diversidade produtiva de construções gramaticais atualizadas nas CLC(B)s em contextos metafóricos.

Essa dinâmica da língua verificada em nossos apontamentos, confirma as constatações de Hopper (1980) de que todas as partes gramaticais estão em permanente mudança, descartando a noção de gramática estável. Nesse sentido, em geral, os fenômenos gramaticais podem ser considerados como envolvidos em um processo de gramaticalização.

CONCLUSÃO

Esta tese apresenta uma pesquisa relativa aos usos do verbo *bater* em atualizações que se processam através de CLC(B)s veiculadoras de metáforas.

Nosso trabalho tem a finalidade objetiva de contemplar três questionamentos inicialmente pontuados, quais sejam:

1. Quais as relações sintático-semântico-pragmáticas relativas ao uso de construções com o verbo *bater*?
2. Qual a relação entre as Construções Lexicais Complexas e a metáfora, e como estabelecer uma tipologia para identificá-las, e seus supostos correlatos literais?
3. Como correlacionar o que seja metáfora *vs* protótipo?

No que respeita aos questionamentos do item (1), reportamo-nos às análises desenvolvidas no capítulo 7. Nessa oportunidade, dissertamos sobre a importância das realizações discursivas que permeiam a gramática da língua, tratando-as como elementos definidores para a compreensão da funcionalidade dos enunciados nas circunstâncias pragmáticas. Na ocasião, nossa pesquisa revela atualizações que adquirem sentido próprio, onde o verbo *bater* perde a função sintática em benefício do estatuto informacional dos constituintes, no contexto comunicativo.

Mesmo tendo sido ainda constatada a existência de vínculos entre *bater* e o seu sentido original, as atualizações que o termo sofre quando constituído em CLC(B)s, confirmam sua inserção num processo de ressemantização parcial, em deslize para outros sentidos. Dentre as mudanças incorporadas por *bater*, destacam-se:

- a) a perda da transitividade, quando o verbo não mais estabelece uma relação de contiguidade verbal relativamente ao nome ao qual se junta;
- b) a perda da função gramatical de veiculador de sujeito e de objeto, e;

c) a aquisição da dependência semântica em relação ao nome que lhe acompanha na composição das CLC(B)s.

Além das três constatações destacadas, a pesquisa denota que o verbo isoladamente não se responsabiliza por produzir outros sentidos. A produção de outros sentidos somente ocorre quando o verbo se compõe com nomes ou variações. Esse processo de expansão de usos promovido pela ocorrência de CLC(B)s enriquece o léxico da língua, notadamente pela riqueza dos sentidos metafóricos.

Quanto ao segundo questionamento, depreendemos que a compreensão do fenômeno das CLC(B)s, depende de se percorrer um caminho bastante complexo, principalmente considerando as circunstâncias que envolvem a natureza da metáfora e da metonímia. Mesmo assim, se nos deparamos com uma CLC(B), quase sempre estaremos diante de uma metáfora.

As metáforas veiculam informações inusitadas, com sentidos próprios, frutos das intenções dos falantes, não se resumindo a simples recursos de analogia, mas refletindo experiências linguísticas da vida cotidiana.

No tabuleiro das metáforas, as palavras vivem em movimento, por isso desfrutam de uma liberdade relativa em que os seus significados dependem das situações reais de uso. Em função dessa realidade, utilizando-nos de processos cognitivos, podemos estabelecer o mapeamento de *bater* e seus deslizamentos em sentidos correlatos, nos contextos de usos.

Em relação à indagação contida no item 3, concluímos pela inexistência de metáforas conceptuais plenas. De um modo geral, nossos dados nos permitem inferir que as metáforas conceptuais emergem da capacidade linguística e da experiência humana, estando vinculadas aos discursos onde são atualizadas.

Complementarmente, esta pesquisa evidencia que a regularidade das funções se estabelece num tabuleiro linguístico, no bojo do qual concorre um conjunto multirreferencial de elementos. Assim sendo, tendo como referência o verbo *bater* associado a outros itens lexicais, os seus usos se pluralizam

metaforicamente com sentidos relacionados às experiências socioculturais e cognitivas, como é frisado por Vilela (2002):

o significado está intimamente grudado à nossa experiência cognitiva: experiência no domínio cultural, social, mental e físico. Mas o conhecimento está estruturado, não está caoticamente disperso: está estruturado dentro dos domínios essenciais em que nós visionamos a realidade extralinguística.” (VILELA, 2002, p. 132)

Os resultados obtidos na análise dos exemplos oriundos da nossa amostra confirmam Lakoff e Johnson (2002): a linguagem reflete e se materializa, conceptualizando nossas experiências cotidianas.

Nesse sentido, a capacidade dos falantes desenvolverem conceitos mais abstratos mostra-se como reflexo de sua percepção e de sua ação no mundo. Finalizando, quanto mais abstratização houver nas construções linguísticas, mais produção haverá de construções metafóricas.

REFERÊNCIAS

ALVES, Eliane F. Os sentidos de construções lexicais complexas constituídas com o verbo “levar”. In: MARCUSCHI, LUIZ A. **Um Linguista: orientações diversas**. Vol 2. Org. DIONÍSIO *et. al.* Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2009, p. 61 - 76.

ALVES, E.F. e SILVA, L. R. da. O funcionamento semântico-pragmático de construções lexicais complexas em textos narrativos escritos. In: **Iniciados – Trabalhos premiados e menção honrosa no VIII Encontro de iniciação Científica da UFPB**. João Pessoa, 2001, p.635-662.

ALVES, Eliane Ferraz *et. al.* (org.). **Linguagem em foco**. João Pessoa-PB: Ideia, 2001.

ALVES, E.F. e SILVA, A. N. A Representação discursiva de construções lexicais complexas em textos narrativos orais. In: **INICIADOS. (Trabalhos premiados e menção honrosa/apresentado no VII Encontro de Iniciação Científica da UFPB)** João Pessoa: Editora da UFPB, 2000.

ALVES, Eliane Ferraz. **Construções lexicais complexas com o verbo “levar”**. Tese de Doutorado. Recife-PE: Programa de pós-graduação em Letras e Linguística, 1998. (mimeo).

ARISTÓTELES. **Poética**. Ed. Bilíngüe – Grego-Português. Trad. Eudoro de Souza. São Paulo: Art. Poética Editora LTDA, 1932-1993.

_____. **Retórica**. Trad. Marcelo Silvano Madeira. São Paulo: Rideel, 2007. (Coleção biblioteca clássica) – ISBN 978-85-339-0923-6.

ARMENGAUD, Françoise. **A Pragmática**. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2006.

AZEREDO, José Carlos de. **Iniciação à sintaxe do português**. Rio de Janeiro:

Jorge Zahar, 2001.

BAKHTIN, M. *Estética e Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

_____. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 5. Ed. São Paulo: Hucitec, 1929-1995.

BALDDINGER, Kurt. **Teoria semântica. Hacia uma semântica moderna**. Ed. Alcalá S.A. Madrid, Colección. România. Série Lingüística, 1970.

BORBA, Francisco da Silva (Coord.). **Dicionário gramatical de verbos do Português Contemporâneo do Brasil**. São Paulo: UNESP, 1990.

CHAFE, Wallace. **Significado e estrutura linguística**. Tradução de Maria Helena de Moura Neves, Odette Gertrudes Luiza Altmann de Souza Campos e Sônia Veasey Rodrigues. Rio de Janeiro: livros Técnicos e Científicos, 1979.

CHOMSKY, Noam. **Linguagem e pensamento**. Trad. Francisco M. Guimarães. Petrópolis-RJ: Vozes, 1977.

_____. **Novos horizontes no estudo da linguagem e da mente**. Trad. Marco Antônio Sant'Anna. São Paulo: Ed. UNESP, 1965-2005.

CÂMARA JR., J.M. **História da Linguística**. Petrópolis: Vozes, 1975.

CASTILHO, Ataliba T.de. A gramaticalização. In: **Estudos linguísticos e literários**. N° 19, Salvador: Programa de pós-graduação em letras e linguística, UFBA, 1997, 25-63.

CRYSTAL David. **A revolução da linguagem**. Trad. Ricardo Quintana. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

DERRIDA, Jacques. **A escritura e a diferença**. Trad. Maria Beatriz Niza da

Silva. São Paulo: Perspectiva, 1967-2005.

_____. **Gramatologia**. Trad. Miriam Chnaiderman e Renato Janini Ribeiro. São Paulo: Perspectiva, 2004.

DIALECTAQUIZ, Maria do Socorro Burity. **Metáforas conceptuais em primeiras estórias: “fronteando o nascente” das CLC**. Tese de doutorado. João Pessoa-PB, 2008. (mimeo).

DIK, S. C. **Functional Grammar**. Dordrecht-Holland/Cinnaminson. EUA: Foris Publications, 1978.

_____. **Seventeen Sentences : Basic Pinciples and Aplication of Function Grammar**. In: E. MORAVCSIK & J. R. WIRTH (eds.). **Syntax and Semantics**, v. 13: current Approaches to Syntax. Londres/Nova York: Academic Press, 1980.

_____. **The Theory of Functional Grammar**. Dordrecht-Holland/Providence RI-USA: Foris Publication, 1989.

ECO, Humberto. **A busca pela língua perfeita**. Bauru-SP: EDUC, 1993-2001.

ESPÍNDOLA, Lucienne C. **Funções semântico-discursivas das expressões linguísticas atualizadoras de metáforas conceptuais em gêneros discursivos**. Fortaleza, 2008.

FAUCONNIER, Gilles; TURNER Mark. **Conceptual Projction and Midle Spaces**. Universidade da California San Diego, 1994.

FRANCHI, Carlos. **Linguagem – atividade constitutiva**. Almanaque 5, 1977, p. 9-27.

FREGE, Gottlob. **Lógica e Filosofia da linguagem**. São Paulo: Cultrix, 1978.

GIVÓN, T. **On understanding grammar**. New York. Academic Press, 1979.

_____. **Functionalism and grammar**. Amsterdam/Philadelphia: Benjamim, 1985.

_____. **Syntax. A functional – Typological introduction**. Vol. 2. Amsterdam: Benjamim, 1990.

GUIRAUD, Pierre. **A Semântica**. Trad. Maria Elisa Mascarenhas. São Paulo: Difel, 1980.

HALLIDAY, Michael A. K. **Functional grammar**. London, Austrália, USA Maryland: Edward Arnold, 1985.

_____. **Explorations in the functions of language**. Londres: Edward Arnold, 1973.

HEINE *et al.* **Grammaticalization and reanalysis in African languages**. Hambourg: Helmut Busque, 1984.

HOPPER, Paul; THOMPSON, Sandra. **Transitivity in grammar and discourse**. *Language*, 56 (2), 1980, p. 251-299.

HOLANDA, Buarque Aurélio. **Novo Dicionário do Aurélio**. versão 5.0, ANO, 2004. 1CD-ROM,

HOPPER, P. H. & TRAUGOTT, E. C. **Grammaticalization**. Cambridge University Press, 1993.

HOUAISS, Antônio **Dicionário eletrônico de Língua Portuguesa 1.0**. Instituto Antonio Houaiss. São Paulo: Objetiva Ltda, 2001. 1CD-ROM.

JAKOBSON, Roman. **Linguística e comunicação**. Tradução de Izidoro Blikstein

e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, Ano 2. [?]

JOHNSON-LAIRD, P. **Mental models**. Cambridge, MA: HARVARD University Press, 1983.

Jornal Folha de S. Paulo. São Paulo. Anual, 1998. 1CD-ROM.

Jornal Folha de S. Paulo. São Paulo. Anual, 1999. 1CD-ROM.

Jornal Folha online de S. Paulo. São Paulo. Anual, 2007. Disponível em <http://www1..Folha.uol.com.br>. Acessos diversos.

Jornal Folha online de S. Paulo. São Paulo. Anual, 2008. Disponível em <http://www1..Folha.uol.com.br>. Acessos diversos.

JUCÁ (Filho), Cândido. **O fator psicológico na evolução sintática**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1971.

KEHDI, Valter. **Formação de palavras em português**. São Paulo: Ática, 1992.

KOCH, Ingedore Villaça; CUNHA-LIMA, Maria Luiza. Do cognitivismo ao sociocognitivismo. In: MUSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina. (org.) **Introdução à Linguística – fundamentos epistemológicos 3**. São Paulo: Cortez, 2004, p. 165-218.

LANGACKER, R.W. **A linguagem e sua estrutura**. Petrópolis: Vozes, 1980.

LAKOFF, George & JOHNSON, Mark. **Metáforas da vida cotidiana**. Chicago: The University of Chicago Press, 1980-2002.

LAKOFF, George. **Women fire and dangerous things: what categories reveal about the mind**. Chicago, The University of Chicago Press, 1987

LAPA R. **Estilística da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1970.

LEPSCHY, G. C. **A Linguística Estrutural**. Trad. Nites *et. al.*. São Paulo: Perspectiva, 1975.

LUFT, Celso Pedro. **Grande manual de ortografia Globo**. Rio de Janeiro: Globo, 1985.

LYONS, John. **Linguagem e Linguística: uma introdução**. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara Koogan S.A, 1987.

LEVINSON, S. **Pragmatics**. Cambridge. Cambridge University Press. 1983
MARCONDES, Danilo. **A Pragmática – na filosofia contemporânea**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

MACHADO, J. P. **Dicionário etimológico da Língua Portuguesa – com a mais antiga documentação escrita e conhecida de muitos dos vocábulos estudados**. 1ª edição. Lisboa: Editorial Confluência, [1952?].

MARCUSCHI, Luiz Antonio. **Fenômenos de Linguagem – reflexões semânticas e discursivas**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007, p. 119 -131.

_____. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva *et. al.* (org.) **Gêneros textuais & ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

_____. Atividades de referenciação, inferenciação e categorização na produção de sentido. In: MORTIMER, Eduardo Fleury; SMOLKA, Ana Luiza B. (Org.) **Linguagem, Cultura e Cognição – reflexões para o ensino e a sala de aula**. Belo Horizonte: Autentica, 2001, p. 107-138.

MARCUSCHI, E. **Compreensão de expressões idiomáticas da língua portuguesa por falantes brasileiros**. Recife-PE, mimeo, 1986.

MARTELOTTA, Mário Eduardo (Org.) **Manual de Linguística**. São Paulo: Contexto, 2008.

MOREIRA, Marco Antonio. Modelos mentais. In: FELTES, Heloisa P. M. **Produção de sentido: estudos transdisciplinares**. São Paulo: Annablume; Porto Alegre: Nova prova. Caxias do Sul: Educus, 2003, p. 239-261.

MOURA, Heronides Maurílio de Melo. **Significado e contexto – uma introdução a questões de semântica e pragmática**. Florianópolis: Insular, 1999. Vol 1.

NEF, Frédéric. **A linguagem – uma abordagem filosófica**. Trad. Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

NEVES, Maria Helena de Moura. **A gramática funcional**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____. **A gramática - história, teoria e análise, ensino**. São Paulo: Contexto, 2002.

OLIVEIRA, Roberta Pires. Semântica. In: MUSSALIM, Fernanda e BENTES, Anna Christina. (org.) **Introdução à linguística – domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2001, p. 17-46.

POTTIER, Bernard. **Presentación de la lingüística. Fundamentos de una teoría**. Madrid: Ediciones Alcalá, 1968.

PEZATTI, Erotilde Goreti. O funcionalismo em Linguística. In: MUSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina. (org.). **Introdução à Linguística – fundamentos epistemológicos 3**. São Paulo: Cortez, 2004, p. 165-218.

PINKER, Steven. **The Language Instinct**. The new science of language and mind. New York – USA: Penguin Group, 1994.

PUSTEJOWSKY, James. **The generative lexicon**. Cambridge, Massachusetts, London, England: The MIT Press, 1995.

ROCH, E. Principles of categorization. In: Rosch, E.; Lloyd, B.B. **Cognition and categorization**. Hillsdale, N. J.: Lawrence Erlbaum, 1978.

RODRIGUES, Jan Edson. Integração conceptual e conhecimento: um enfoque sociocognitivo. In: MARCUSCHI, LUIZ A.. **Um Linguista: orientações diversas**. Vol 2. Org. DIONÍSIO *et. al.*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2009, p.243 - 261.

RIBEIRO, Maria das Graças C. **Nas trilhas do sentido – as estruturas nominais em –mente numa perspectiva semântico-discursiva**. João Pessoa –PB, 2006.

SANDMANN, A. J. **Formação de palavras no português brasileiro contemporâneo**. Curitiba: Scientia et Labor- Ícone, 1988.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 1916-1995.

SARDINHA, Tony Berber. **Metáfora**. São Paulo: Parábola, 2007.

SARAIVA, F. R. dos Santos. **Dicionário Latino-Português**. Etimológico, Prosódico, Histórico, Geográfico, Mitológico, Biográfico etc. 11^a ed. Belo Horizonte – Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 2000.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. Org. Charles Bally e Albert Sechehaye. Trad. Antonio Chelini, José Paulo Paes e Izidro Blikstein. São Paulo, 1916-1995.

SEARLE, John, **Expressão e Significado** – Estudos da teoria dos atos de fala. Trad. Ana Cecília G. A. de Camargo; Ana Luiza Marcondes Garcia. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

SIQUEIRA, Maity. **As metáforas primárias na aquisição da linguagem – um estudo interlinguístico.** Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. Mimeografado, 2003.

VILELA, Mário. **Metáforas do nosso tempo.** Coimbra: Almedina. (2002).

SILVA, Augusto Soares da. **A Semântica de Deixar – Uma Contribuição para a Abordagem Cognitiva em Semântica Lexical.** Fund. Calouste Gulbenkian/Fundação para a Ciência e a Tecnologia – Ministério da Ciência e da Tecnologia. Braga – Portugal: Empresa do Diário do Minho Ltda., 1999.

VOTRE, Sebastião *et. al.* **Gramaticalização no português do Brasil – uma abordagem funcional.** Rio de Janeiro, 1996.

_____. **Gramaticalização.** Rio de Janeiro: Faculdades de Letras, 2004.

VIGOTSKI, L. S. **Pensamento e linguagem.** Tradução Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Observações filosóficas.** Trad. Adail Sobral e Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Loyola, 2005.